



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

Tatiana Schunck

CORPO ESCUTA: PERFORMANCE DE UMA PESSOA ESCRITA:
escuta, escrita, relação e sensação de realidade na arte

BODY LISTENING: PERFORMANCE OF A WRITTEN PERSON:
listening, writing, relationship and feeling of reality in art

Campinas

2022

TATIANA SCHUNCK

CORPO ESCUTA: PERFORMANCE DE UMA PESSOA ESCRITA:
escuta, escrita, relação e sensação de realidade na arte

BODY LISTENING: PERFORMANCE OF A WRITTEN PERSON:
listening, writing, relationship and feeling of reality in art

Tese apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Artes da Cena, na área de Teatro, Dança e Performance.

Thesis presented to the Arts Institute of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor in Performing Arts, in the area of Theater, Dance and Performance.

ORIENTADOR: CASSIANO SYDOW QUILICI

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA TATIANA SCHUNCK, E ORIENTADA PELO PROF. DR. CASSIANO SYDOW QUILICI.

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Amanda Bertaci Brandão - CRB 8/8625

Schunck, Tatiana, 1979-
Sch86c Corpo escuta : performance de uma pessoa escrita: escuta, escrita, relação e sensação de realidade na arte / Tatiana Schunck. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Cassiano Sydow Quilici.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Artes. 2. Esquema corporal. 3. Escuta. 4. Escrita. 5. Performance (Arte).

I. Quilici, Cassiano Sydow, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Body listening: performance of a written person: listening, writing, relationship and feeling of reality in art

Palavras-chave em inglês:

Arts

Body schema

Listening

Writing

Performance art

Área de concentração: Teatro, Dança e Performance

Titulação: Doutora em Artes da Cena

Banca examinadora: Cassiano Sydow Quilici [Orientador]

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Ana Cristina Colla

Rosane Preciosa Sequeira

Sílvia Fernandes da Silva Telesi

Data de defesa: 13-06-2022

Programa de Pós-Graduação: Artes da Cena

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-6618-8216>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6415060808710297>

COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

TATIANA SCHUNCK

ORIENTADOR: CASSIANO SYDOW QUILICI

MEMBROS:

1. **PROF. DR.** CASSIANO SYDOW QUILICI
2. **PROFA. DRA.** VERONICA FABRINI MACHADO DE ALMEIDA
3. **PROFA. DRA.** ANA CRISTINA COLLA
4. **PROFA. DRA.** ROSANE PRECIOSA SEQUEIRA
5. **PROFA. DRA.** SÍLVIA FERNANDES DA SILVA TELES

Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da comissão examinadora encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DATA DA DEFESA: 13.06.2022

AGRADECIMENTOS

Agradecer tem a ver com um estado de presença ar. Respirar com calma e profundo, olhar para o espaço demoradamente e perceber quem está ao lado. Reconhecer. Reconhecer o espaço, as pessoas e as coisas, a realidade sentida, o corpo sendo mais que matéria, o sutil reunindo saber em meio e no meio da rua. Deslocar o corpo pelo espaço público, perceber relações, escutá-las. A possibilidade de fazer um doutorado nos dias atuais, em si, já é um agradecimento. Estudar arte numa instituição pública também é outro agradecimento. Essa escrita que agradece, talvez, tenha sido a última escrita nesse corpo tese. Perguntando-me como agradecer, não encontro quase palavra para dar conta dessa ação, porque sentir agradecimento, em mim, é silêncio. A vontade é de não mais falar, mas abraçar. Peço então que leia este momento de texto quase como um fim desse texto em começo. Obrigada, Cassiano, orientador longo, leve, atento e respeitoso. Obrigada, Joaquim, meu filho que faz meu rosto iluminar-se com o seu. Obrigada, Henrique, amor vivente ao meu lado há mais de cem estrelas. Obrigada, Luiza, minha filha não parida, mas filha que ocupa o coração. Obrigada, Kelly e Henrique, pelo olhar acurado e delicado. Obrigada às colegas de classe feitas nestes anos, esquentaram o peito com nossa amizade. Às professoras e professores que encontrei e que provocaram a desmontagem e a expressão daquilo que se pôde dar a ver. Obrigada ao pai e à mãe, lugar de onde vim. Obrigada ao dia, ao tempo, às ruas, aos espaços, ao trânsito e às diversas sonoridades percebidas. Obrigada às pessoas estranhas que tocaram meu ser, fizeram com que eu pudesse experimentar o *esquecer de mim*, geraram vontade de aproximação com aquilo que eu não conheço e fizeram meu coração bater de susto, medo ou amor.

RESUMO

Esta tese investiga os procedimentos que permeiam a experiência artística *Performance de uma pessoa escrita*, em que a máquina de datilografia é utilizada como meio de contato e acionamento de realidades específicas entre artista e passantes no espaço urbano na cidade de São Paulo, sob a perspectiva do relacional na arte, na dimensão sensório perceptiva de um corpo que *escutaescreve*. Tal investigação busca percorrer os meandros da criação, passando pela sua elaboração conceitual e literária, seus procedimentos de instalação/interação e sua constituição enquanto ação artística em sua singularidade, tendo a escuta como gatilho central.

Palavras-chave: Artes, Esquema Corporal; Escuta; Escrita; Performance (Arte).

ABSTRACT

This thesis investigates the procedures permeating the artistic experience *Performance of a person written*, in which a typewriter is used as a means of contacting and activating specific realities between artist and passers-by in urban spaces in the city of São Paulo, from the perspective of the relational in art in the perceptual-sensorial dimension of a body that listens. This investigation seeks to traverse the meanderings of creation, passing through conceptual and literary elaboration, procedures of installation/interaction and its constitution as an artistic action in its singularity, adopting listening as its central trigger.

Keywords: Arts; Body schema; Listening; Writing; Performance art.

SUMÁRIO

Há uma preta que canta para eu dormir	9
Abertura do Corpo da Tese: ou antes ainda de uma Introdução.....	12
Uma ação em pacto.....	15
Uma Introdução	18
Passo Um: Arte(s)?	28
Trata-se de entrar na vida.....	32
A rua começa quando abro a porta de casa	39
Passo Dois: Abrindo a Escuta.....	48
Passo Três: Sair de casa / Entrar na rua	65
Passo Quatro: <i>EscritaCorpo</i> : em ação com a máquina de datilografia.....	75
Escuto as vozes mais próximas e ao longe.....	76
Passo Cinco: Onde há vida, há tensão.....	87
Passo Seis: Quem é o/a artista na ação?	112
Passo Sete: <i>EspaçoCorpo</i> : convite e estratégias para o inesperado	132
O que é isso?	146
Passo Oito: Experiência e Linguagem na rua	155
Outro banco está à minha frente ou ao lado	155
Passo Nove: Outros Sentidos na ação	167
Um estranho caminha pela rua, observo, percebo, busco.....	176
Passo Dez: <i>MundoCorpo</i> : ir e vir	179
A rua termina quando abro a porta de casa.....	181
Das distâncias	192
Referências Bibliográficas.....	202
Apêndice 1 - Cartas, mas ainda corpo da tese	207
Apêndice 2 - Narrativas, mas ainda corpo da tese.....	211

Há uma preta que canta para eu dormir

Ela é o começo. Como um segredo, escuto-a no meio da noite, naquela hora em que o silêncio tem peso. Ando, da cama à sala. Na mesa, a preta. Ela é luz, não tem forma que não seja a esfumada. Ela sentada sobre a mesa, de lado. Apoia os braços nos joelhos. Ela é beleza. É túnel no tempo. Não vejo seus olhos, mas sei do seu olhar. Me enxerga. Canta sem som, mas escuto dentro de mim. Me coloca em sono de volta ao corpo. Quando percebo de outro jeito que não esse, é minha mãe quem me acarinha o rosto, eu no sofá da sala, é de manhã. A preta, penso eu. – *Mãe, a preta. – De novo, filha? Vou te levar na benzedeira. – De novo?* Pergunto com a calma de quem acha que está tudo bem com esse encontro, mas que estranha a preocupação do adulto maior que eu. – *Você sonhou aquele sonho de novo? – Sim. Vou te comerrrr... – Vamos levar pra benzer.* Era uma escada caracol dourada no meio do espaço escuro, alto sem fim noite. O mordomo. Meus dois irmãos. Subimos a escada no meio da escuridão, como quadro *Salvador Dalí*. De repente, som do piano infantil, notas que parecem quebrar a música sem deixar de ser música. Sigo essa escuta. Vejo na escuridão desse espaço um longo fino corredor, o som vem do final deste. Sigo. Percebo que meus irmãos não estão mais comigo. Continuo. Encontro o som do piano, abro a porta. Lá, há uma menina pequena com vestido cetim, sou eu em miniatura. Essa “eu” toca um piano pequeno. O som estridente é como um código que se repete anunciando algum acontecimento próximo. Assusto-me em me ver reduzida e guardada feito boneca. Corro pelo corredor, subo, desço e este *subir descer* não é necessariamente para cima ou para baixo. Recrio a escada dourada sem fim ao pisar forte em cada degrau, surgindo. Fujo com meus irmãos da voz do mordomo que diz: *vou te comerrrr*. O som do piano. A voz do mordomo. O medo oceânico. Há um canto de fundo que começa a se desvelar. É voz de uma mulher que vem, parece fundo do mar. Ainda há tempo. Fecho os olhos e sinto o corpo levantando.

Saindo dali. Escapando. Seguindo a voz. Indo até a sala. Lá, há uma preta que canta para eu dormir.

começa a falar de uma entrega
de um abandono ao escutado
isso se faz a partir de um consentimento

estar vulnerável ao escutado
recolher-se nesse acontecimento
concentrar-se nisso

é gesto
nesse gesto salta-se para “dentro” da vida
é também espera, à medida que concentração e recolhimento

não tem a ver com servidão, é vontade, decisão, coração
é meditação
exige um modo de ser frágil, isto é, tocável

é participação vital essencial, essa com acompanhamento de sentido
e tal acompanhamento é afundar-se no fundo-sentido

tal escuta, tal modo de ser,
é corpo
corpo se fazendo corpo

ABERTURA DO CORPO DA TESE: ou antes ainda de uma Introdução

Figura 1 - Toma



Fonte: Kelly Santos (2014)

A escuta anima e instaura a tese de doutorado. Esse texto será uma circulação¹, um movimento sensível entre vozes escutadas nas ruas na ação artística *Performance de uma pessoa escrita* e aberturas de reflexão sobre modos de fazer arte, sobre o corpo e seu estado de escuta em arte, sobre a interface entre arte e vida.

Essa é antes uma escrita em processo, que se inscreve enquanto se escuta. Antes da palavra surgida, essa escrita é escuta. Uma escrita que reflete sobre a temática abordada

¹ O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa define “circulação” como “Ato ou efeito de circular. Movimento contínuo com regresso ao ponto de partida. = CIRCUITO, CURSO, GIRO. 4. Movimentação contínua de pessoas, coisas ou ideias. 6. [Biologia] Movimento contínuo de um fluido dentro de um organismo.” “circulação”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/circula%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 18-10-2020].

na presente pesquisa e que também se implica em aproximar-se da experiência que é o próprio gesto de escrever esta tese. O que nos acontece enquanto escrevemos, enquanto se inscreve? Há algo que vibra como um desafio ao se refletir em palavras sobre acontecimentos da ordem de uma experiência pré-significante, relacionada ao não saber, a vivências de um corpo de sensações, a uma escuta que se pretende escrita. Uma procura.

Tal escrita assim colocada é, inicialmente, um território para tornar audível aquilo que se exprime como um acontecimento subjetivo e que se dá a partir da proposição relacional de um corpo (artista pesquisadora) em contato concentrado com outros corpos (pessoas que passam e que decidem entrar na ação *Performance de uma pessoa escrita*).

Ao escrever sobre estes encontros² e o que está implicado neste fazer (nestas ações), seja do ponto de vista de uma elaboração conceitual dentro da perspectiva do relacional na arte contemporânea, seja do ponto de vista do corpo como o próprio processo fenomenológico; reconhece-se aqui a ação artística dedicada à experimentação de aproximações entre arte e vida, numa espécie de circulação profícua que expande significâncias (latim *significantia, -ae*, força expressiva), numa arte viva, sobretudo em experiências que acionam realidades específicas a partir de dinâmicas de relação, preocupando-se com o indivíduo que vive essa vida, dentro dessa vida e dentro dessa arte.

Coloco-me nesta escrita em reflexão corpórea, meditativa³, permitindo a sustentação de algum não saber, em impermanência, em algum se perder entre arte e vida, e, nessa

² O Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2015) define “encontro” como “reunião combinada ou casual; e “encontrar” como “ficar frente a frente com (algo que se procurava ou não), achar, passar a conhecer ou a ter consciência de, descobrir, alcançar”.

³ Meditação será citada aqui como um caminho de auto-observação, de concentrar-se na interconexão entre a mente e o corpo, que pode ser experimentado pela atenção imediata das sensações físicas que

direção, aproximo-me da questão colocada por Eleonora Fabião (2013) em seu artigo “Programa performativo: o corpo-em-experiência”, citando o crítico de arte Nato Thompson: quando “a arte entra na vida”, diz Thompson, a questão motivadora, muito mais do que “o que é arte?”, será “o que é vida?”

E ainda, como podemos ler no livro *Living as Form*, editado por Nato Thompson e escrito por diversos artistas:

Para alguns artistas, o desejo de fazer arte viva emerge do desejo de algo que respire, que seja performativo e baseado na ação. As ideias de participação, socialidade e a organização dos corpos no espaço norteiam esses trabalhos. Talvez em reação à convencionalidade de uma produção cultural bidimensional – ou então como forma de reação aos efeitos alienantes do espetáculo –, artistas, ativistas, cidadãos e outros avisados estão se dedicando intensamente a métodos de trabalho que ajudam o desenvolvimento da comunicação genuína interpessoal. Convocar a arte para a vida neste momento específico da história conduz a uma urgência do que realmente importa, bem como a privilegiar a experiência vivida (Thompson, 2012: p. 21, tradução minha).

Em dimensão de pesquisa entre arte e vida, este escrever implica-se, então, em atribuir um caráter significativo, ao lhes resguardar uma significação subjetiva, às experiências de alguns encontros em arte; tensionadas a modos conceituais como ato criativo que se elabora no corpo, que segue um trajeto em busca de uma estruturação/objetivação se estendendo ao campo do outro, focadas no contato com o outro.

formam a vida do corpo em suas relações e que continuamente interconectam e condicionam a vida da mente.

Uma ação em pacto

Aproveito para apontar a preocupação em estabelecer um pacto com o/a leitor/a agora que ainda é começo. Adianto-me em reforçar a especificidade dessa escritura: trata-se de uma tese de doutorado escrita em uma perspectiva que se pode chamar de *performativa*, pois tenho em vista a possibilidade de as palavras criarem relação e acionarem/afetarem os corpos, tanto o que escreve – o corpo da pesquisadora – quanto os que escutam pelo gesto da leitura – o seu corpo que lê e escuta. Convido o corpo pelo corpo.

Penso a ação dessa escrita como um próprio ato performativo, como passagem entre intensidades e sensações do passado e do presente, como uma aventura⁴ e, ainda, como um desdobramento da própria ação artística *Performance de uma pessoa escrita*, revelando-se como construção de uma experiência, uma poética da experiência. Aproximando-me dos escritos de José Gil em *Fernando Pessoa, ou a Metafísica das sensações* (2020), ao pensar o ato de escrever como “(...) uma arte poética que considera as sensações como unidades primeiras, a partir das quais o artista constrói a sua linguagem expressiva”. (GIL, 2020: p. 19)

Faz-se necessário ainda apontar algumas considerações sobre explorar uma escrita em tese de modo performativo. Quilici (2019, n.p., tradução minha) considera a “escrita performativa como um trabalho com a palavra que envolve estratégias e dispositivos de transformação de hábitos perceptivos, apoiados em ações e exercícios cotidianos”. No sentido de exercitar aqui, mais especificamente, uma escrita que parte de uma escuta e

⁴ Aventura: “Feito extraordinário. Caso inesperado que sobrevém e que merece ser relatado.” “aventura”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/aventura> [consultado em 18-10-2020].

do que se relaciona com a prática da escuta, sendo ainda a escuta o disparador da ação citada na pesquisa, quando se pretende descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem os corpos no encontro com outros corpos (ROLNIK, 2016). “A escritura é assim concomitante com o desenvolvimento de práticas que pretendem aguçar estados de atenção e percepção, enquanto constituintes de um processo de criação artístico e/ou intelectual”. (QUILICI, 2019: n.p., tradução minha)

O método de construção do corpo desta tese é singular por não ser avesso aos testemunhos orais e aos relatos de si, sobretudo por enfatizar o aspecto perceptivo corpóreo nas relações por meio da observação das sensações, por exercitar a realidade “esculpida” por certas sensações e acionada por palavras escutadas, por apontar o aspecto inventivo de algumas histórias de vida, por circular entre estas histórias em uma escrita de cunho literário. Alternando aspectos conceituais e temas do cotidiano com uma abordagem, possivelmente, *heteroautobiográfica* (RAGO, 2019), ou seja, uma escrita de si que acontece a partir da inscrição de fragmentos das vidas de outras pessoas. Como um modo de escutar/perceber que as histórias que escuto escrevo nas ruas no encontro com o outro atravessam o corpo, fazem com que eu as escreva junto, com as mãos na máquina de datilografia, com a escuta em recolhimento, observando, inclusive, os efeitos dessa escuta sobre a receptividade dos sentidos, com atenção às sensações como condição artística experimental, com o corpo em contato, criando corpo *com*.

Trata-se ainda de um *desmonte*, de desmontar⁵ a ação artística aqui citada, a fim de olhar por outros lados o que está implicado no processo criativo, enfatizar alguns mecanismos

⁵ Ileana Diégues (2018: p. 17) considera “[...] A desmontagem como evento, como convite a um olhar público sobre determinados momentos do ato privado do processo criativo: uma espécie de indagação consciente sobre os mecanismos que são base de um discurso poético.”

de construção/experimentação neste fazer, abri-lo de modo a poder sentir tudo artisticamente e transformar a própria sensibilidade, verificar seu sentido de/no mundo e suas relações sociais, sobretudo as experiências artísticas que atravessam a vida e, neste ato, se misturam e se revelam: a vida e a arte.

A ideia de desmontar atravessa a própria escrita da tese, como um processo de *autossaber*, em relação a temas específicos da pesquisa e maneiras de fazer arte, numa ação *auto* e *inter-reflexiva*, uma investigação artística acerca do sentir e do escutar nas ações, acerca do próprio ato de escrever no momento em que este se desencadeia na/pela escuta, acerca da experiência do encontro na arte, oferecendo-se como matéria sensível dentro do campo científico que quer colocar a subjetividade em relação e gesto.

Essa tese pode estar mais próxima de tomar corpo como uma “poética da experiência”, no sentido de gerar diálogo entre os processos de trabalho e vida, questionando-se ainda como estratégia que pode propiciar estruturação e exposição de processo de pesquisa, ao mesmo tempo que pode se configurar como uma outra forma de criação (DIÉGUES, 2018).

Uma Introdução

Figura 2 – Como se



Fonte: Henrique Schafer (2018)

A Performance de uma pessoa escrita é uma ação relacional de *escutaescrita* realizada nas ruas da cidade de São Paulo desde o ano de 2012, onde, acompanhada de uma máquina de datilografia, desloquei-me por espaços públicos (como ruas, calçadas, escadarias, pontos de ônibus, dentro de ônibus, metrô, praças, bancos, elevadores, bibliotecas, filas, diversos Sescs, galerias de Arte, Flip etc.), a fim de abrir um espaço miúdo e delicado de encontro com alguém desconhecido. Escutar, escrever o que se escuta no *durante* e sustentar essa relação *entre* estranhos enquanto realidade em seu

movimento contínuo de criação, tendo a percepção das sensações do corpo como condição para esta escuta *com*, para este contato⁶.

A intenção, na ação citada, é gerar experiências que acionem determinadas aberturas a realidades específicas, operar no campo do contato, como prática de relação com o outro, ao se colocar em tato com aquilo que não se conhece, em que o desconhecido, o inesperado, talvez o momento de arte (vida) se aproxime.

Nesta ação, vidas foram contadas, intimidades foram reveladas, escritas escutadas foram datilografadas numa espécie de ritual (com duração variável) compartilhado e construído entre artista e passante (os corpos presentes), num espaço em movimento (a rua), exercitando a arte como uma atividade que reside em elaborar relação consigo (corpo em processo), com o outro e com o mundo, ao articular valores éticos e estéticos, na força da delicadeza da escuta, refletindo uma preocupação da artista com a saúde psicofísica e com as relações humanas na arte.

A prática artística que venho experimentando aponta a escuta como gatilho a partir do qual deflagra nestes trabalhos, que prontamente se desdobram em vínculos afetivos, experiências partilhadas, imagens, relatos, escritos literários e demais poéticas que compõem um diagrama complexo do qual a obra se constitui.

Tal prática artística encontra nas pessoas o foco de maior interesse, exercitando o contato entre indivíduos a partir de um dispositivo específico (no caso, a máquina de datilografia), estabelecendo relação entre arte e vida, noção de ação e participação e percepção de realidade. Nessa direção, a tese procura descrever essas experiências

⁶ O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa define “contato” como “con-ta-to (latim *contactus*, -us) substantivo masculino 1. Estado dos corpos que tocam uns nos outros. = CONTIGUIDADE 2. Relação de comunicação ou de proximidade. = CONVÍVIO 3. [Figurado] Proximidade, influência. 4. Informação que permite estabelecer comunicação com alguém”. “contato”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/contato> [consultado em 23-10-2020].

através do processo perceptual corpóreo, investigar como alguns teóricos analisam estas relações e como determinadas proposições artísticas promovem esses lugares de encontro em acionamentos de realidades como espaços abertos com frequências variadas agindo de forma intensiva nas individualidades heterogêneas que o compõem.

Pretende-se, ainda, observar quais são os desdobramentos, materiais e imateriais, da prática artística proposta e buscar-se-á alcançar/tocar por meio de quais vias estas experiências acionam o indivíduo a participar, abrindo reflexões sobre a questão da presença dos corpos, da renovação de uma sensibilidade, da percepção das realidades (interna/externa), das ressonâncias entre, da relação e da escuta entre estas realidades, da escrita como um laboratório poético, da memória como território inventivo do tempo.

Esta investigação pretende trazer à tona algumas questões pertinentes à arte contemporânea, perguntando-se: qual a singularidade da arte que tenho praticado, em que se aproxima ou se diferencia de outras ações artísticas inseridas no mesmo campo conceitual? Qual a natureza desse fazer artístico? Como nomeá-la diante dos contornos já existentes? Como configurar aquilo que faço, que se altera a cada contato na ação? Que ser artista é esse?

Tomaremos como base, para dialogar com as ações e desdobramentos destas, a *Estética Relacional* de Nicolas Bourriaud (2009) e a “escuta” com Jean Luc. Nancy (2014); recorreremos às propostas artísticas de Allan Kaprow (1992), com as ideias sobre *arte participativa*, *não arte* e as *atividades*, Taanteatro com o aspecto tensivo na relação, Eleonora Fabião (2013) com suas ações e reflexões artísticas, Hubert Godard (2004) com o diálogo sobre a percepção e o corpo fenomenológico, Fernando Pessoa (1999) com o movimento literário “sensacionismo”, além da interlocução com outros/as artistas referenciais. De forma a situar tais ações artísticas dentro (e de que modo) das teorias

supracitadas, pretendendo, ainda, abrir diálogo também com outros modos de compreender e viver o humano, certamente em conversa com outras ciências.

Meu esforço aqui não está em desenvolver um relato exaustivo sobre estas práticas (ações de artistas referenciais) e estas linhas teóricas (arte relacional/arte contextual/performance), nem em fazer uma análise de uma certa situação social no campo da arte contemporânea, mas em empreender um diálogo ao indicar alguns momentos, detectar algumas ocorrências em criações realizadas em diferentes contextos a partir de um pensar como ação a ação para além da arte. Esse movimento pode abrir possibilidades de leitura de como a arte contemporânea se relaciona com a sociedade atual e que meios utiliza nessa relação.

Para isso, pretende-se exercitar o alargamento da noção de *encontro*, partindo da compreensão da arte como um lugar de encontro, questão central nos escritos de Bourriaud, autor de *Estética Relacional* (2009). Esta obra se tornou referência importante no circuito internacional da arte, principalmente por ter difundido um termo de efeito para demarcar a ideia de encontro e de participação na arte contemporânea. Ela oferece uma coletânea de artigos publicados em revistas e catálogos, desde 1995, nos quais o autor tenta precisar os traços mais marcantes de certa produção dos anos 1990, chegando assim a formular o conceito que dá título ao livro, que foi publicado no Brasil apenas onze anos depois e que desconsidera trabalhos importantes que antecedem o período abordado, realizados por artistas brasileiros/as como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Flávio de Carvalho, entre outros/outras.

A Estética Relacional destaca as práticas de um grupo de artistas, dentre eles, Rirkrit Tiravanija, Philippe Parreno, Liam Gillick, Pierre Huyghe, Maurizio Cattelan, Vanessa Beecroft e Dominique González-Foster; que, apesar de terem uma produção bastante diversa entre si, trabalham, com frequência, de forma colaborativa e partilham uma

preocupação com as relações entre o/a artista, o espaço social e o/a espectador(a)/participante. Suas expressões artísticas levantam perguntas existenciais quanto ao caráter de importância dessas, já que resultam inovadoras e, ao mesmo tempo, estranhas e de difícil demarcação num só vocabulário artístico/social.

O que interessa, dentro dessa perspectiva, no entanto, é observar a arte e seus processos se desenrolarem no tempo do acontecimento, ampliando as nuances que se dão no ato de *estar com*, sem idealizar (positivamente) o encontro entre artista e espectador/a. Em seu artigo “O relacional em questão, mas ainda uma vontade de estar junto”, a professora Maicyra Teles Lopes Leão (2015: p. 202), aponta que

Apesar da frágil fundamentação de seu tom político a favor da arte contemporânea, de pouca contextualização histórica que antecede o período de referência e de uma certa generalização da interpretação dos exemplos artísticos, é possível extrair algumas tendências descritas por Bourriaud que ajudam a traçar paralelos com o que se pretende numa dinâmica relacional.

Ao explorar tal dinâmica relacional, a tese procura indagar sobre alguns pontos envolvidos na experiência artística, pretendendo abrir e problematizar, a partir do reconhecimento da importância das sensações como uma espécie de guia para as ações, a partir de uma descrição singular em micro percepções sensoriais das ações que pratico e do diálogo com autores/as e artistas; como se dá o encontro com o outro, como se participa, quem participa, como identificar quem é o/a artista nestas ações, quais poéticas se desenvolvem a partir de tais ações/encontros (pensando, especificamente, em alguns processos de escrita que realizei anteriormente ou seguidamente aos encontros).

Tendo em vista que a minha função como artista se desloca durante a ação, se reconfigura a cada momento, ao propor uma situação que pode ser “desmontada”/alterada pela pessoa que nela entra (citarei exemplos adiante) e,

percebendo-me, muitas vezes como antagonista durante a ação, será necessário alargar igualmente a ideia de *participação* na obra artística. Esta, entendida à luz das práticas coletivas, através da dimensão relacional e da vontade de estar junto implícitas na arte contemporânea (LEÃO, 2015). A participação do outro (aquele conhecido como espectador/a) é uma forma de apontar como parte das práticas artísticas atuais gera fundamentalmente relações entre pessoas, indivíduos ou grupos, e ainda entre artista e mundo. Para isso, tais produções artísticas propõem modelos perceptivos, geradores de experiências contextuais, de críticas e de participação.

Paul Ardenne, em seu livro *Una arte contextual* (2004), dedica-se à análise de criações artísticas em meio urbano em situações de intervenção e participação, que valorizam o processo artístico inserido no contexto cotidiano, na esfera pública, contrapondo-se à arte como espetáculo. Para escapar ao circuito da arte-mercadoria, os/as criadores/as optam por desertar dos “perímetros sagrados da mediação artística” para trabalharem na rua ou em espaços públicos que, em princípio, permitem resistir à instituição (ARDENNE, 2004: p. 10).

Em seu artigo “Teatro expandido em contexto brasileiro” na Revista Sala Preta (2018: p. 14), Sílvia Fernandes comenta que Ardenne entende por “arte contextual” o conjunto de formas de expressão cujo ponto comum é a negação das qualidades especificamente “artísticas”. Inclui no movimento a arte de intervenção, a arte feita em espaço urbano, as performances de rua, as ações em situação, as experiências *site specific*, além das criações chamadas participativas ou ativistas. Em todos os casos, trata-se de ações intimamente ligadas ao contexto, ou ao “conjunto de circunstâncias em que um fato se insere” (ARDENNE, 2004: p. 12). Exatamente por isso, são práticas que priorizam a relação direta com a realidade, sem intermediários, em verdadeira inserção no mundo concreto, no universo social, político e econômico, em confronto imediato com as

situações materiais em que se produzem. A arte contextual modifica a ideia que se tem de público e de participação, implicando uma atuação e contato físico mais direto, suscitando encontros e confrontações imediatas.

É evidente que um trabalho criado a partir da relação com o entorno depende do modo como se enxerga/percebe/articula o “mundo real em movimento”, de natureza processual, habitando as circunstâncias dadas pelo tempo, espaço presente para se relacionar/conversar com o contexto de vida (sua relação com o mundo sensível/perceptivo), tomando o mundo em andamento, percebendo o outro.

Interessa, nesta pesquisa, estabelecer um olhar antropofágico, no sentido de deixar que o outro entre em nós mesmos, procurando não nomear ainda, nem objetivar essa percepção/relação. E, quando, de certo modo, me torno essa pessoa, é a minha própria corporeidade que pode me informar sobre os movimentos que acontecem nesse outro. Na verdade, não posso ver o outro em sua totalidade, não posso senão perceber em meu próprio corpo o efeito desse olhar sobre o outro, e só num segundo tempo objetivar esse efeito. Seria preciso abandonar uma espécie de segurança do olhar/perceber, essa segurança que chamamos de “o outro”, logo de início “eu/o outro”. Ir a um terreno desconhecido onde não se sabe mais: fundir-se no coletivo (GODARD, 2004).

Em *Fernando Pessoa, ou a Metafísica das sensações* (2020), José Gil examina a prática da heteronímia como ficção instalada no cerne do sujeito poético, indicando que o próprio sentimento é vivido como o sentimento de um outro, e esse outro é um eu. Pessoa foi levado a tomar como objeto esse sujeito que tomava como objeto as próprias sensações. Para tanto, fundou um movimento literário, o *sensacionismo* – em que nada seria para nós, seja a realidade interna ou externa, percepções, sentimentos, pensamentos – senão

sensações, ou seja, ele concebia o princípio das sensações como uma ciência em si. Em diferentes textos, Pessoa voltava sempre ao mesmo tema: a ciência das sensações.

Esta ciência é a ciência do sonho, quer dizer a arte: a arte mais do que a ciência ou a filosofia, exprime a essência do real. É preciso visar a objetividade artística – noção formada por analogia, mas que extrai toda a sua força do paradoxo que contém: “O homem da ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lhe dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros fazendo ciência objetiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo e a sua personalidade. Nada de mais objetivo do que os seus sonhos. Nada mais seu do que a consciência de si. Sobre essas duas realidades requinta ele a sua ciência”. (GIL, 2020: p. 20)

Nesta direção, escrevo partindo da observação das mudanças na percepção e nas sensações processadas no corpo, enquanto escrita do agora e enquanto resgate das experiências artísticas aqui refletidas, podendo desencadear alterações significativas na sensibilidade, na relação com o outro e com o ambiente, a partir de práticas como formas de arte. Esse enfoque perceptivo sobre as formas encontradas artisticamente pode fazer emergir a qualidade de experiência singular durante e dentro da ação artística. E, desde essa singularidade, organizando uma experiência singular de maneira a ser plural, é que a tese se constrói, em movimento de caminhada, mais próxima a uma descrição da experiência enquanto se dá cada passo, enquanto se caminha num texto que escorre a partir do corpo enquanto processo. Corpo este que, enquanto escuta, conta, reflete e nomeia algumas possibilidades de dialogar em vida com a arte.

A presente tese não se divide em capítulos, se estrutura em passos, que se relacionam então como um diálogo entre vozes escutadas nas ruas e autores, escritas experimentais que indicam uma poética possível, bem como trabalhos de outros/as artistas que fazem refletir sobre as relações que se estabelecem sobre o território de minha prática.

Figura 3 – Placa de Trânsito R-26



R-26 Siga em frente

Fonte: Internet (2021)

**Passo Um
Arte(s) ?**

Figura 4 – Palavra justa



Fonte: Henrique Schafer (2016)

Nas últimas décadas, observa-se o crescimento de trabalhos artísticos que se desenvolvem em torno da participação e das relações interpessoais em diferentes contextos sociais. Arte relacional, dialógica, contextual, engajada, *conversational art* e tantas outras denominações surgem na tentativa de organizar um conjunto heterogêneo de propostas que têm sido objeto de estudo de críticos, curadores, teóricos e artistas.

Os movimentos artísticos ocorridos ainda no século XIX e início do século XX determinaram transformações importantes no campo das artes, estendendo sua esfera de atuação para além dos limites até então estabelecidos ao explorar suas possibilidades

como linguagem. Acompanhamos, no final do século XX, experimentações voltadas para uma investigação de formas de convívio (quando a participação passa a estabelecer um fator de sociabilidade possível dentro do campo social) e para a problematização de questões sobre o que se compreendia por um estatuto da arte. Os modos de contato e de invenção dessas relações, bem como os registros documentais desses processos, podem assumir a condição de “formas” integralmente artísticas, compreendidos não como procedimentos ou coleta de elementos para uma posterior elaboração poética, mas como a obra de arte em si.

Grande parte das discussões se volta hoje para uma produção que aborda tipos de práticas que trabalham com o tecido da realidade, que apontam a arte como exercício que pode estreitar o espaço das relações interpessoais, que podem abrir interstícios de problematizações, além de se desenvolverem em função de ações participativas (BISHOP, 2004; BOURRIAUD, 2009), KAPROW, 1992), relacionais (BOURRIAUD, 2009), contextuais (ARDENNE, 2006), ou ainda que permitam desenvolver o inesperado por meio de diferentes formas de participação (KAPROW, 1992).

Sob a perspectiva da participação e do encontro na arte, pensar sobre a ação do/da artista se torna uma questão essencial, como alguém que pode se ocupar da realização de ideias, mas não necessariamente da criação de objetos e, na proposição de diferentes realidades por meio de diferentes formas de estar presente. Dessa forma, a obra de arte poderia ser investigada como veículo para o desvelamento de diferentes tipos de *presente*, capaz de produzir constelações de sentido, tornando-se importante na medida em que descortina uma possibilidade de deslocamento da posição do/da artista em relação à obra e nas formas de acontecimento na relação com alguém que participa.

Quando se faz uma observação sobre a possibilidade das presenças que existem em processos artísticos, é possível constatar a necessidade de reformular as noções de

artista, de participação e encontro, e de processos poéticos e obra trazidas pela contemporaneidade. Ao contrário da comum divisão em que o/a artista é o centro da criação de uma experiência estética, a arte contemporânea, em especial aquela produzida através do envolvimento com o outro, passa a exigir uma reformatação desses conceitos, sobretudo, na esfera da sensibilidade produzida em tais experimentações.

Interessa justamente examinar esse tipo de sensibilidade como sensação corpórea percebida no contato com o outro, bem como o papel do/da artista na obra. A partir do/da artista, o sentido das obras estaria se deslocando sensivelmente, quer dizer, passa a ser possível mirar outros encontros com a arte, através de movimentos mais elaborados, de maior complexidade sensível e reflexiva. Assim, interessa também explorar as condições favoráveis para o surgimento desse elemento “novo”, com base na ideia de que, para o estabelecimento de uma relação sensível na ação artística e naquele que a experimenta, o fundamental é que esse lugar seja inesperado (KAPROW, 1992), desconhecido.

Por meio de estímulos a esta capacidade de perceber e sentir o mundo de uma forma diferenciada, a própria experiência da vida poderia se tornar possível de incorporar um importante processo de percepção. Nesse sentido, o que importa seria a orientação que trabalha a arte para a busca do inesperado, ampliando a percepção da realidade imediata, “[...] num laboratório de sensações, num campo de experiências em que se desdobrará experimentador e experimentado, em que um provocador observador de sensações que toma como programa de vida e obra ‘sentir tudo de todas as maneiras’” (GIL, 2020: p. 13). E, nessa movimentação de ampliar a realidade, a experiência da arte poderia reconfigurar a relação que o ser humano estabelece com o tempo e espaço por meio das mais variadas formas de articulação que esse leque de possibilidades se estende por tantas maneiras quanto a vida e as relações humanas forem capazes de propor.

A maneira como cada artista define o contato com o outro é o exato ponto da criação capaz de determinar o efetivo potencial de seu trabalho enquanto instrumento de ressonância e emancipação e, por esse motivo, seu conseqüente reconhecimento enquanto experiência artística. É na eventual resposta do outro a esse convite que a obra se configura e tal gesto pode ser compreendido.

Trata-se de entrar na vida

“[...] é preciso concentrar a atenção sobre o infinitamente pequeno, onde flutuam as sensações das coisas mínimas”. (GIL, 2020: p. 38)

Ainda nessa esteira de questões colocadas, é necessário refletirmos então como a arte de hoje se relaciona com a sociedade contemporânea e que meios ela utiliza nessa relação. Esses meios é que podem apontar a estreita relação que a arte tenta estabelecer com a vida: numa sociedade que não é homogênea, a arte também não será, então certamente assumirá diferentes formas de atuação e, na maior parte das vezes, como já dito, não está mais interessada em produzir determinados objetos artísticos, mas sim a proposição de uma experiência.

Mas qual tipo de experiência? Colocar-se na rua para escutar a si e a alguém que não se conhece pode parecer uma ação extremamente simples e, de certa forma, é. Porém, inaugurar essa experiência na realidade imediata inscrita no cotidiano pode alterar a forma pela qual os corpos ocupam este espaço e percebem suas realidades internas, a maneira como se sentem, percebem e se relacionam nesse espaço, da mesma forma em que este poderá não mais ser o mesmo para quem viveu ali uma experiência significativa com alguém.

Fica evidente a necessidade de situar quem é o/a artista que exercita tal modo de agir artístico, reconhecer a sua singularidade e como sua *postura*, aqui entendida como atitude de atenção relacional e como estrutura corpórea que age, é um processo de individuação por dentro da arte. E, ainda, é uma ação da consciência sobre as sensações, tendo a forma esculpida no encontro com a consciência, a forma do espaço do corpo.

Nessa direção, o ato de prestar atenção e estar consciente da organização do corpo numa atividade simples, como escutar alguém falar no espaço cotidiano, pode ser mais fundamental do que produzir um objeto convencionalmente identificado como artístico.

Seria como uma análise das sensações nesse gesto de escutar,

[...] como se estas fossem unidades estéticas objetivas. Longe de assistir passivamente ao desenrolar do processo, provoca-o de acordo com certas técnicas que aprendeu a aplicar: multiplica as sensações, divide-as, desdobra-as, isola-as. (GIL, 2020: p. 25)

O interesse por eleger ações dessa natureza como foco das reflexões dessa tese surge do reconhecimento de que, nos últimos anos, minha prática artística tem determinado um deslocamento gradativo nessa direção, ao trabalhar com a realidade interna do corpo em contato com outros corpos, ante a sensação do imprevisto no encontro com o outro no espaço público. Seria como exercitar o espaço interno, as percepções das sensações da realidade imediata do corpo, no espaço externo; sendo ambos espaços, de certa forma, comuns a todos nós. Todos respiramos e sentimos o corpo, as suas sensações, o que nos faz voltar ao fenômeno em si, o corpo. E todos existimos num determinado ambiente externo ao corpo, ou seja, onde o corpo está. É nessa relação que pratico as ações desta pesquisa.

O que nos difere ante às sensações internas e externas é a percepção que temos delas, a forma como as percebemos e se as percebemos, o que pode alterar, inclusive, a ideia de separação entre “interno” e “externo” a partir da percepção de alguma distância (mas não separação) entre “objeto exterior” e “sensação interior”, talvez um “entre”. Essa distância entre a representação de um determinado objeto ou o Outro exterior e a sua ressonância em quem está em relação a ele (objeto, Outro) definiria o espaço da sensação: ao tornar-se “próximo”, “interior”, esse espaço transmutar-se-ia em espaço do corpo, em participação/relação (GIL, 2020).

Tal especificidade de ação artística está em envolver-se nesta relação entre agir e padecer (no sentido de fazer, permitir e perceber), sem deixar de ser um convite à percepção de si na relação com alguém, enquanto condição de existência. Sendo este alguém um desconhecido (o inesperado), como acontece na ação central desta pesquisa, esta presença convoca o corpo como um processo denso de vir a se tornar sutil. E isso aponta um constante “desconforto” enquanto funda uma procura relacional por uma sensação de si, uma reconfiguração constante de si ou, ainda, um esquecer-se de si e, ao mesmo tempo, uma espera de si.

Essa escrita (como parte desse esquecimento e dessa espera), aborda, sobretudo, as dinâmicas e as relações geradas pela ação citada, olha através de suas camadas mais intrínsecas, naquilo que envolve o indizível dentro de um *campo* que se abre quando se escolhe experimentar um jogo de *estar com*, que parte de uma atenção implicada nas sensações, o contato com o outro de forma expandida⁷ para além dos lugares assegurados e conhecíveis, quando se experimenta a própria rua como dimensão de alguns saberes por conta das relações, bem como território para aproximação entre *outros* que, ao entrarem nesta ação, desenham sentidos inimagináveis ante a solidão. Trata-se de entrar na vida, de se produzir arte através da vida social.

Nesta proposta, observa-se a aproximação entre a arte e as demais ciências humanas e sociais, propondo ir além da produção de objetos estéticos, pois este tipo de prática lança a arte para outras dimensões, mesclando-a a diversas instâncias da vida humana. Não mais a galeria como lugar, nem o objeto como centro na dinâmica das relações entre artista e espectador/a, mas a criação de uma esfera que, a partir da relação entre estes

⁷ “ex·pan·dir |eis| ou |es| - Conjugação (latim *expando, -ere*) verbo transitivo, intransitivo e pronominal 1. Dilatar, estender. 2. Derramar, difundir. 3. Expor com fraqueza. 4. Desabafar. verbo intransitivo e pronominal 5. Ir mais longe. 6. Prolongar-se.” “expandido”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/expandido> [consultado em 22-10-2020].

corpos, pode se constituir enquanto experiência artística. Nessa direção, surgem ainda perguntas: até que ponto uma ampla parcela da arte que se produz hoje ainda pode ser identificável como arte? Será que é possível reconhecer e identificar quem é o/a artista em determinadas ações? E com o que é possível identificá-lo/a? Como?

Som de sirene alta que passa.

Não sei se é bombeiro ou polícia.

Parece ambulância, vejo que é, quem será?

Será que morreu?

Uma mulher de saia passa por mim,

a saia é maior que suas pernas. A trança quase.

Vejo um rapaz que me vê.

Penso: *enquanto você fuma, será que poderia se sentar ao meu lado? (mas não digo isso em voz)*

Figura 5 - a experiência - abertura da respiração / sensação de realidade



Fonte: Henrique Schafer (2012)

Que horas são

Eu não fumo na verdade...

Eu compro só para não pedir para alguém.

Vim para uma entrevista e enquanto espero resolvi fumar.

Desde de manhã estive pensando em cigarro.

Se a pessoa for bem encaminhada, isso é algo que está na essência, já vem junto.

Nosso cérebro age por impulso.

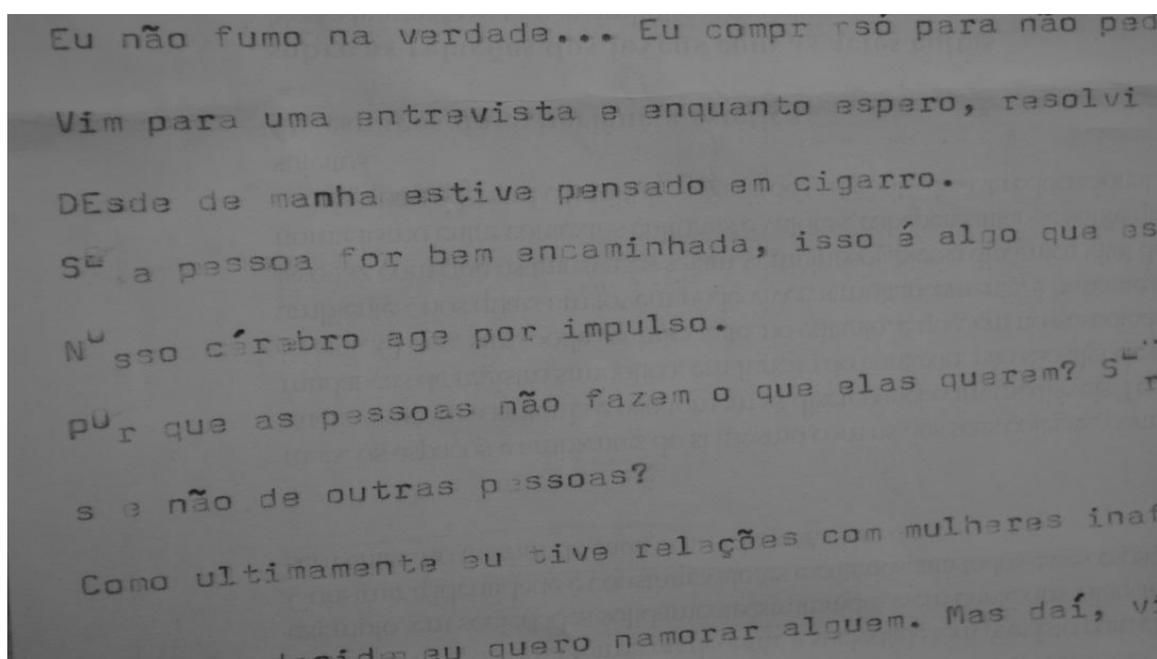
Por que as pessoas não fazem o que elas querem?

Será que nossos sonhos são nossos e não de outras pessoas?

PEDRO

agosto 2012
zona oeste de SP
terminal de ônibus
14h21

Figura 6 - Pedaco



Fonte: própria (2012)

A rua começa quando abro a porta de casa

14 horas, cerca. O dia está numa temperatura amena, tem sol, tem espaço no ar. O som que escuto está mais próximo de um fundo cavernoso, é o próprio coração que ecoa nas paredes da caverna. Eu sei que vou abrir uma esfera de intimidade no meio da rua. Quero dizer que sei que estou a atravessar a rua para me deixar em disposição (estado de saúde ou de ânimo) para estar com o outro, um contato, um para um. Uma aproximação para o risco do encontro. Não importa quem, mas importa. O peso na mão direita que puxa todo o braço direito para o chão é de uma máquina de escrever. Permito que meu ombro direito também desça. O outro lado, o esquerdo, se organiza para se manter o equilíbrio. Desço alguns degraus de escada sentindo-me em câmera lenta, como se pudesse assistir a este filme que passa. Na rua, diante da minha casa ainda, dou uma leve olhada para a porta de casa, como se ainda pudesse voltar atrás, à minha segurança que vai se distanciando enquanto ando. Subo a rua que tem 33 árvores, 5 prédios, 54 sobrados, nenhuma casa térrea. É uma curva essa rua. Uma alça. Então, ao olhar para frente não vejo o que vem lá, por conta da curva. Movimento-me na confiança da paisagem que virá. *Esse gesto de subir olhando e recebendo a cada instante uma parte da imagem, e mais uma e mais uma...* Sigo vendo todo o espaço físico ao redor, dessa forma, surgindo a cada passo. Passa uma mulher com um cachecol alaranjado de uma lã antiga, camisa cor ferrugem, um sobretom. Ela me olha apressada, usa óculos com armação bege, e passa. Escuto vozes de pessoas dentro de uma das casas, imagino-as. Vejo um bar, tem um toldo azul com uma faixa amarela e seu letreiro é ofuscado pela sujeira acumulada de cotidiano. No cruzamento entre avenida e rua aproximo-me de algumas pessoas, todas esperam o farol abrir para pedestres, somos oito. Uma ou outra percebe a mala, a máquina de escrever. Percebo um cochicho entre duas senhoras sobre a máquina de datilografia. Sorriem para mim. O farol abre. Eu atravesso e a máquina balança para

frente e para trás enquanto ando. Do outro lado da rua sento-me num degrau, numa calçada diante do terminal de ônibus. Há um movimento constante de transeuntes que vão e que vêm. Abro a mala enquanto o zíper desta parece ser um gigante, o escuto como som maior em formato de mala. O som desse zíper que abre é também meu peito. Percebo que meus sentidos estão aguçados, pois vejo muito, escuto claro, sinto na pele o vento dos entes que passam, chego a tremer um pouco nas articulações dos quadris e dos ombros, nas grandes articulações. Tremo também na mandíbula, como se o frio ocupasse. Mas não é frio, isso costuma acontecer quando vou – sem saber para onde – vou. É vulnerabilidade. Olho para baixo. Olho também para a frente e para o que acontece diante. Liberto a máquina da mala. *A coloco em minhas pernas, sentada no degrau, no chão, ainda dando colo ao meu gesto no mundo, ao mesmo tempo que a lembrança histórica de mim fazendo isso desde antes surge como emoção.* Coloco uma folha branca que sai de dentro da própria mala da máquina. O som da folha sendo encaixada na máquina é quente, faz ruído como quem roça. Olho para a folha e perco um tempo nesse mergulho que se dá diante do vazio no *antes* das palavras, mas que aponta já alguma existência, antes ainda de serem escritas. Com os dedos em posição, numa certa suspensão no ar, como quem vai tocar um piano, ou abrir uma dança, perto das teclas, das letras, inspiro e escuto o som ao redor. São alguns, elejo intuitivamente a voz de uma mulher que passa mais próximo conversando com outra. As duas andam rápido e falam rápido, o que escuto é passageiro: *"Filha, cê não sabe o que é que foi aquilo tudo ontem, de noite, ele tava lá...hum, hum... se soub , cê ia ver só eu man "*. Escrevo rompendo o silêncio da existência da máquina. Ela é um corpo que começa a se estabelecer em sonoridade, em relação ao meu corpo. O som das batidas é alto e firme, decidido, ritmado como uma frase dita que combina com aquilo que antes era só pensamento. Sinto vergonha pequena por aparecer tanto. Percebo olhos fitando a situação: alguém sentada com uma máquina de

datilografia no meio do cotidiano escutando a vida. (Será que foi assim que fui vista?) Começo a pensar em como convidar alguém a se sentar e a conversar comigo. Minha vontade inicial é que alguém se sente e que escrevamos juntos o que vemos diante dos olhos, o que acontece ali, diante e entre nós, na rua. Eu continuo escrevendo fragmentos de uma escuta do cotidiano, vozes e sons que passam, escapam e misturam-se uns aos outros. Aqueço o corpo neste estado de submissão escutatória, como entrega a si próprio e ao outro, abrindo espaço para a relação com presenças, antes mesmo que possam ser nomeadas. Levanto os olhos com alguma coragem e vejo pessoas (vinte e duas...), pernas em movimento (seis ou sete), prédios (seis), janelas (duzentas por aí), carros (trinta e nove ou mais) e motos (vinte duas ou mais), ônibus (quatro), posto de gasolina (um), portaria de prédio (uma), lanchonete (duas), padaria (uma), farmácia (duas), um rapaz que me olha... Susto! Um susto pequeno exposto, mas dentro, como queda para dentro da vida e para o chão daquele espaço: a rua, que é tanto. Ele me pergunta que horas são e se aproxima para ver o que tenho no colo. Senta-se no degrau comigo. Assim, displicentemente. Disse que estava esperando a hora passar para uma entrevista de emprego, fumava e parecia estar um pouco agitado pela rapidez de seus gestos: coloca mão no bolso, volta para fora do bolso, apaga o cigarro, este não apaga totalmente, volta a acender, volta a apagar pisando com um dos pés e sorri algumas vezes pela metade. Logo comecei a escrever fragmentos do que ele dizia, aos poucos, criando gesto, ele percebeu que estávamos em *jogo*. Ainda sem sabermos exatamente qual. Sorriu. Ficou mais à vontade, aparentemente. Perguntou o que eu fazia com a máquina na rua, eu disse que gostaria de escrever com ele o que víamos diante dos nossos olhos. Sorriu e tão logo começou a falar sobre o que ele estava esperando (eu e ele esperávamos e esquecíamos de nós), sobre a entrevista de emprego, sobre a vontade que ele tinha de não ter que trabalhar naquilo, mas que a vida estava difícil e que ele precisava ganhar dinheiro,

mesmo não acreditando naquele trabalho. Contou-me sobre sua faculdade e sobre a vontade de estudar física quântica e ser cientista, falou um pouco sobre isso e explicou-me algo sobre a relação das realidades paralelas. Sua fala causou em mim um movimento de olhos para os lados em busca das tais realidades. Imaginamos juntos a nossa existência repetida em outro plano paralelo ao nosso. Um homem cabeludo e sorridente se aproxima então para falar da máquina de datilografia, pergunta de que ano era a minha máquina, conta que tinha uma também e que era uma emoção ver alguém com uma máquina na rua, uma fratura afetiva, assim ele disse. Pede desculpas por interromper. Ficou embasbacado, disse. Agradeceu pela visão, pediu para nos fotografar juntos, fez a foto de frente, de lado, de nossas costas e seguiu. Como será que ficou essa foto? Depois que Pedro terminou seu segundo cigarro disse que a hora já estava se aproximando, perguntou-me "*será que vai dar certo?*". Referia-se à entrevista de emprego ou ao sentido da vida em si, eu devo ter respondido algo e ele se despediu de mim, mas ainda continuou ali, comigo. Mais algumas palavras foram trocadas e percebi que ele não ia realmente embora, o que me deixou feliz, vinculada a ele por mais alguns instantes. Minutos longos se passaram entre nós desde a primeira tentativa da despedida, até que finalmente, com um abraço tímido, mas desejado, ele de fato se foi. Em tempo do abraço, a máquina deixada delicadamente no chão, a folha presa a ela com as palavras inscritas voando, sem escapar, uma vida ali colocada. Eu permaneci, sentada, sentindo-me grande, extrapolando o contorno do que chamamos "corpo", como se algo especial tivesse me acontecido. Sem palco, na rua. Quando ele de fato desapareceu do meu campo de vista, olhei para a rua, para o movimento dos passantes sem cessar, para as pernas que andavam bem em frente aos meus olhos, uma imensidão alargada, quase um lugar no mundo. Os sons estavam diferentes, menos altos, mais integrados, nada se sobrepunha. Pareceu alguma música. Por fim, não falamos sobre o que vimos diante dos nossos olhos, ele me

contou sobre ele, sobre aquilo que lhe faltava, sobre alguns dos seus desejos e sobre uma insegurança para com a vida, sobre o esforço do aceite diante de uma proposta de emprego não desejado e algum sofrimento envolvido nisso, trouxe à conversa cenas da sua infância quando via seu pai fumar escondido da mãe, vontades antigas no universo do sonho, sobre uma possível ex-namorada (perdida) elegida agora como a mulher de sua vida. Soube um tanto daquele rapaz, lembro dele, penso nele, hoje, oito anos depois desse primeiro encontro na rua, Pedro vive aqui.

Figura 7 - contato entre costelas / entre realidades



Fonte: Henrique Schafer (2012)

Figura 8 - o outro que nos lembra que ainda assim é a vida



Fonte: Henrique Schafer (2012)

Figura 9 - relação do fluxo perceptivo com o campo circundante



Fonte: Henrique Schafer (2012)

ver a beleza e em gesto pequeno ter a imensidão

(Milton Nascimento, Tiago Iorc)

No artigo “A verdadeira experimentação”⁸, o artista norte-americano Allan Kaprow (1992, p. 238, tradução minha), estabelece uma diferença entre “arte que se parece com a arte” e “arte que se parece com a vida”: “a arte parecida com a arte considera que a arte é separada da vida e do restante, enquanto a arte parecida com a vida considera que a arte está em ligação com a vida e com o restante”. A maneira como *a arte que não se parece com a arte* se relaciona com a vida passa pela atenção ao próprio viver, às formas de habitar e de se relacionar com as coisas deste mundo, com os meios e situações que compõem a vida da sociedade atual; como escutar/sentir para dialogar com tudo isso que está diante e no corpo.

⁸ Allan Kaprow. *La véritable expérimentation L’art et la vie confondus*. Paris: Centre Georges Pompidou, Coleção Supplémentaires, 1992.

Figura 10 - Placa de trânsito R-20

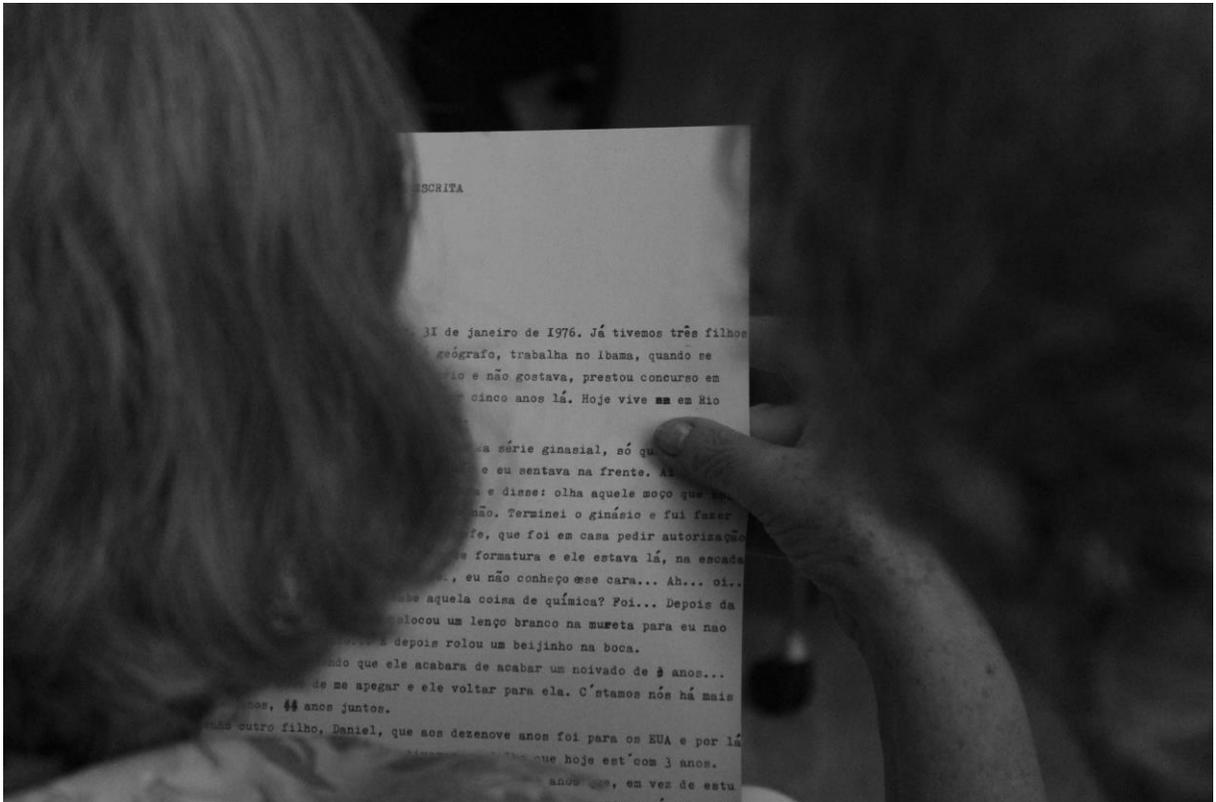


R-20 Proibido acionar buzina ou sinal sonoro

Fonte: Internet (2021)

Passo Dois Abrindo a Escuta

Figura 11 - Canção



Fonte: Kelly Santos (2014)

“[...] o que é um ser entregue à escuta, formado por ela ou nela, escutando com todo o seu ser?” (NANCY, 2002: p. 162)

No Dicionário Aurélio⁹, a palavra *escutar* sugere: tornar-se ou estar atento para ouvir; dar ouvidos a. Aplicar o ouvido com atenção para perceber ou ouvir. Ouvir. Atender os conselhos de. Espiar. Espionar. Prestar atenção para ouvir alguma coisa.

E *escuta*: ato de escutar, lugar onde se escuta, pessoa que escuta, escutador/a, pessoa encarregada de escutar as conversas dos outros; em estado, postura ou atitude de atenção, de vigilância.

Este é só um ponto de partida para, a partir daqui, fazer um ato performativo, descer à origem do fenômeno e revelar um sentido real em que, quando se diz que alguém “aplicou o ouvido com atenção para perceber ou ouvir”, isto significa, quando deu importância a algo ou a alguém, o escutar passa a ressoar diferente de um mero “prestar atenção para ouvir alguma coisa” ou simplesmente “escutar a conversa dos outros”.

Esse gesto de escutar, de prestar atenção, passa a pressupor que há uma ação de aceite (receber o que é oferecido), da percepção de um pré-movimento, como uma espécie de “antes de”, uma entrega ao escutado, sem ainda saber o que se escuta. Há um abandono no sentido, um estar vulnerável àquilo que se escuta. Isso se dá a partir de uma abertura, de uma relação equânime, um consentimento ao escutado. Essa relação já é um tipo de participação do/no sentido, ao *lógos*, à linguagem, mas, também, um tipo de meditação, uma abertura à sensação. Tendo o sentido como meio, como elemento do viver, do acontecer, isto é, de ser, entregar-se ao escutado é participar de/no sentido. Entregar-se à escuta da sensação imediata é participar do processo corpóreo sutil.

⁹ FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 8. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2018.

Escutar é, então, recolher-se neste acontecimento elementar da vida, da existência em si, pôr-se à escuta. À espera e à escuta. É gesto: concentrar-se nisso, ficar com isso e, neste recolhimento, nesta concentração, salta-se para dentro da vida. Dentro? Isto pode querer dizer: entra-se no seu próprio elemento ou no seu mais próprio modo de ser em movimento. Faz-se assim como gesto necessário, pois o ser humano é o vivente que precisa apropriar-se, autoapropriar-se, chegar em si (saltar para dentro de si; a vida, assim, salta para dentro dela mesma) para, assim, vir a ser ou tornar-se o que é, a saber, ser humano. Essa escuta exige uma certa fragilidade, isto é, estar tocável, que se deixa tocar, que se deixa tomar.

Escuta, em se fazendo como participação vital existencial, esta como seguimento ou acompanhamento de sentido e tal acompanhamento enquanto e como “meditação”, tal escuta assim colocada, tal modo de ser assim disposto, é corpo. Corpo como realidade imediata. Corpo se fazendo corpo em sutileza, pois, escuta. Portanto, escuta, que é participação e meditação, é igualmente corpo. Corpo, aqui, fala do imediato da vida, da existência humana – de “Dasein” enquanto e como abertura e ser-no-mundo, na fala de Heidegger. Corpo (“Leib”) que é vida (“Leben”), na fala de Nietzsche (FOGEL, 2017, p. 50),

O imediato da vida, da existência, fala do homem como o súbito (salto) ser e estar no ver. No ver, isto é, no aparecer. Melhor: ser no súbito ou i-mediato sentir, isto é, no, de repente, ser tocado e tomado (afecção, páthos) pelo sentido (lógos, mundo, linguagem), que, no mesmo ato ou acontecimento, é ver, isto é, no mesmo ato ou acontecimento é ver--se, dar--se conta no sentido de aparecer, como aparecer - isso é ser no ver. Isso é o viver, o humano viver. Estranho, mas escuta, assim, é recolher--se, entrar, afundar no ver, no ver--aparecer. Mas como é ou como se faz sentir que, como mesmo ato ou acontecimento, é ver, isto é, é ser no sentido de aparecer - enfim, é corpo? O homem, a vida ou a existência humana é este instante, a saber, sentir- ver, que é corpo. Ela é, pois, este instante ou este ato/acontecimento único e imediato.

Seguindo esse pensamento e sem a intenção de dar um sentido intelectual ao escutar, o foco dessa reflexão está na possibilidade de fazer sentir. Interessa não apenas separar a escuta de um potencial exclusivamente cognitivo diante daquilo que se ouve somente para entender o que se ouve, mas também reconhecer a escuta como um ato ampliado, para além dos ouvidos, como uma experiência que se dá no corpo, é corpo. Assim, pode-se estabelecer uma relação mais sensível com a sonoridade, afetando o próprio modo de existir desse corpo em suas relações. A escuta seria então uma experiência de percepção, um gesto de perceber ressonâncias variadas que atravessam o corpo e que modificam o estado da presença que envolve esse corpo.

Este sentido de escuta encontra ressonância com aquilo que o filósofo Jean-Luc Nancy entende como “estar à escuta” em seu ensaio *À escuta* (2002). Nancy aponta distinções de ordem semântica entre os verbos ouvir (*entente*) e escutar (*écouter*). Ouvir estaria vinculado à busca por uma verdade ou entendimento já conhecido, e escutar implicaria numa experiência de ressonância, numa abertura para os sentidos despertados pela sonoridade.

"Ouvir" quer também dizer "compreender", como se "ouvir" fosse antes de mais "ouvir dizer" (mais do que "ouvir rumarajar"), ou melhor, como se em qualquer "ouvir" devesse existir um "ouvir dizer", seja, ou não, o som percebido palavra. Mas mesmo isso é, talvez, reversível: em todo o dizer (e eu quero dizer em todo o discurso, em toda a cadeia de sentido) há ouvir e, no próprio ouvir, no fundo dele, uma escuta: o que quereria dizer: talvez seja preciso que o sentido não se contente com fazer sentido (ou com ser logos), mas, além disso, ressoe. (NANCY, 2014: p. 16-17)

A percepção de que existe algo que ressoe e que está para além de um sentido específico nos oferece uma noção de escuta como um lugar de ressonância e reverberação (percebidas pela sensação dessa escuta no corpo), revendo, assim, a intencionalidade

voltada exclusivamente para o território do sentido (*logos*), do fazer sentido em detrimento do sensível. Há uma escuta no ouvir e há uma instância sensível no ouvir.

Essas ideias se relacionam igualmente com as reflexões acerca do sentido do escutar trazidas por Hubert Godard na entrevista *Olhar Cego* (2004).¹⁰ Nela, Godard fala sobre os dois tipos de revolução no nível da percepção realizadas pela artista Lygia Clark, mostrando como ela trabalhou no interior de cada sentido, tomando, inicialmente, o exemplo do olhar. Como ela estabeleceu um caminho que segue de um olhar objetivo para um olhar subjetivo. Sendo o olhar subjetivo considerado como subcortical: um olhar através do qual a pessoa se funde no contexto, não haveria mais um sujeito e um objeto, mas uma participação no contexto geral. Então, esse olhar não seria interpretado, não estaria carregado de sentido a priori. Por outro lado, o olhar objetivo cortical seria o olhar mais associativo, objetivante, diretamente associado à linguagem.

Da mesma forma, estaria a escuta como um sentido que também se dividiria em objetivante e subjetivante. Na escuta objetivante teríamos a voz aérea, já endereçada a algum tipo de interpretação/sentido imediato, ou seja, sem a distância necessária que permitiria algum vazio de sentido inicial. A escuta subjetivante (voz solidiana ou ossosa) consistiria em suspender a interpretação, quer dizer, suspender a escuta da voz aérea, e em deixar vibrar em meus ossos qualquer sonoridade ou o som da voz que escuto e em apoiar-me nesta percepção igualmente. Para tanto, seria preciso conter a interpretação dos conteúdos representativos da voz aérea. Nessa suspensão, estaria a possibilidade ser tocado pelo som puro da voz e, conseqüentemente, apoiar-se nas sensações advindas desse encontro. É, pois, ser tocado pelo som da voz, estar com atenção ao vibrato da voz do outro em meu próprio corpo, e isso certamente afeta a situação relacional.

¹⁰ In: ROLNIK, Suely. (Org.). **Lygia Clark, da obra ao acontecimento**. Somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004.

Por ser mais subjetivante, essa escuta passa pela propriocepção.¹¹ Essa maneira de escutar, mais atenta a sentir os vibratos da voz que escuto, as sonoridades ou a minha própria voz, modifica inteiramente a relação que podemos estabelecer entre nós. Portanto, essa capacidade de ser tomado entre dois polos, no interior de cada sentido, permitiria criar um diferencial na percepção diante destes. Essa dupla apreensão criaria o primeiro sentido da alteridade: a primeira alteridade não seria então o Outro exterior, mas antes, essa dissociação em cada um dos meus sentidos.

Nessa direção, a escuta poderia afetar então o corpo primeiramente por seu aspecto sensível, caso haja essa ação de entrega ao escutado, de dissociação no sentido, para, só depois, deixar agir o entendível. Ela envolveria o corpo como um lócus sensível, provocando uma tensão entre o dentro e o fora, estabelecendo uma realidade imediata de sensações. Assim, a escuta estaria como algo que escapa de um mero entendimento racional, pois evoca relações renovadas entre corpo, lugar, som e sentido.

Por que é que as sensações “milimétricas” favorecem o entrecruzar dos sentidos, as transferências das propriedades de um sentido para o outro [...]? Porque, ao se desestruturar o espaço euclidiano¹² comum, as sensações evoluem, como já vimos, num meio que, sendo o resultado da interseção do espaço interior e do espaço exterior, apresenta de cada sensação o que ela tem de mais *abstrato*. O par interior/exterior passa a ser o primeiro operador das transferências modais: uma sensação da vista torna-se equivalente a uma sensação auditiva, graças às transformações do espaço sensível [...] (GIL, 2020: p. 39)

e

¹¹ Propriocepção: a capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação na relação espacial, a presença exercida pelo sistema corpóreo e a posição de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão. (definição minha)

¹² “Espaço euclidiano é um espaço vetorial real de dimensão finita munido de um produto interno. Por volta de 300 a.C., o matemático grego Euclides estabeleceu as leis do que veio a ser chamado “Geometria euclidiana”, que é o estudo das relações entre ângulos e distâncias no espaço.” Disponível em: http://dicionario.sensagent.com/Espa%C3%A7o_euclidiano/pt-pt/. Acesso em: 09 jan 2021.

É preciso analisar as sensações, porque desse modo é possível revelar as mais escondidas, as mais microscópicas e, portanto, as mais exacerbadas; porque é a melhor forma de as multiplicar, uma vez que cada uma delas contém uma infinidade que é preciso trazer à luz, “exteriorizar”; porque, ao serem analisadas nesse meio de semiconsciência, segregado pelo estado experimental, as sensações originárias de sentidos diferentes entrecruzam-se naturalmente, o vermelho torna-se agudo, o olfato dota-se de visão – assim se suscitam como que metáforas naturais; porque as sensações desdobram um espaço próprio que só pode ser apreendido se o espaço e o tempo normais, macroscópicos, tiverem já deixado de impor a sua dominação – ora, a análise, ao decompor os blocos de sensações, desestrutura o espaço euclidiano, fazendo nascer outros espaços, que acompanham as sensações minúsculas [...] (GIL, 2020: p. 27)

Essas operações em torno dos sentidos evidenciam o processo de criação/experimental – seja na arte, seja na vida – como um processo que se efetua por meio de um ir e vir entre uma percepção objetiva e uma subjetiva.

Num primeiro momento, poderíamos desobjetificar o olhar/a escuta, mergulhar no pré-olhar/escutar, permitindo que se mergulhe numa dimensão de possibilidades sensíveis. Observa-se comumente uma relação objetificante com tudo aquilo que surge do campo do outro, seja a voz, ou o próprio corpo desse outro, reforçando assim uma separação entre sujeito e objeto. Ao passo que, se sou capaz de ter esse mergulho interior em que recebo o som, recebo o outro, em que sou tocado pelo outro e de preservar essa recepção, posso começar a sentir e nessa dupla consumação pode surgir o sentido. Essa capacidade de manter o diferencial no sentir permite uma escuta monumental. Passa a ser um reconhecimento do outro, pois posso escutar de um ponto de vista subjetivo, posso olhar de um ponto de vista subjetivo, e isso quer dizer que estou acolhendo o que surge. Através desse acolhimento, cria-se uma atmosfera de sensações. E depois, pouco a pouco, algo pode se colocar em movimento e permitir voltar a uma objetividade. Isso

permite participar sensivelmente das coisas do mundo, antes de engessá-las numa interpretação (GODARD, 2004), criando condições para um estado experimental diante das sensações dentro de uma lógica de construção poética.

Tal estado de escuta possibilitaria ainda uma conexão ampliada, incluindo o corpo no espaço, um “onde” o corpo está. No gesto da escuta, enquanto ação perceptual, o corpo se expande até onde a escuta o faz alcançar e, neste momento, há um refinamento da percepção. Uma percepção que, por não estar restrita ao campo da visão, compreende o espaço circundante e encontra relações afeto sensoriais. Nesse sentido, a escuta abrange uma dimensão corporal e espacial, uma vez que ela acontece no corpo, mas também transborda para o espaço e amplia a própria noção de corpo, tornando o corpo espacializado, um corpo que ressoa (no) espaço. A escuta seria então uma espécie de atenção que torna o corpo sensível para todo (macro) e qualquer (micro) acontecimento e para a consciência do espaço, do tempo e do movimento, sem ser ensimesmada, pois se percebe imersa e em relação com o meio em que se encontra.

Figura 12 - Fotografia de família



Fonte: própria (1980)

Lista da Mãe

(que fala enquanto escreve na agenda, a palavra dita tem o tempo do escrever enquanto fala)

Vou n.na feira

Vou no mercado

T.Tenho que limpa a casa

Tenho que lava a r.roupa

Tenho que faze almoço

Tenho que marca-a consulta com o d.dr Renato para esse semestre, ainda, Dra Ana só a.ano que vem

(Fala baixo para si mesma) exame d e sangue 7 e mei.a da ma.anhã, jejum de 8 horas, depois colhê o papa nicolau e mamas daí só ano que vem

Tenho que ligar para An-gela do Monteiro para dar parabéns, 3a foi aniversário d.dela

Când.dida, sabão em pó. Consulta Odair, d.depois eu vejo

Tenho que marcar d.depilação

Tenho que ir à feira,

Tenho que ligar para tia Rene. (tem ponto final porque é alguém mais fundo)

Ligar pra Angela do Monteiro p

Tenho que pedir pra d.deus cuidar d.dos meus três filhos, do Mar-arcelo, da Tati e do Marcio para saber como é que eles estão

Ascendo velass agradeço a deuss todos os dias

Eu vou chorar

Essa é uma lista parecida com as palavras que eu costumava escutar quando criança. Acordava de manhã escutando a minha mãe falar alto e sozinha sobre as tarefas do dia ou contando algo baixo de si para si. Nomeando, à sua maneira, as coisas do mundo. Eu, ainda na cama, sentia a minha respiração aumentar sua velocidade, gerando no peito uma motivação para tremer um pouco. Descobri no corpo, assim, a pressa¹³. Minha mãe se sentava no murinho do quintal ou apoiava os cotovelos no barzinho da sala e escrevia enquanto falava alto e devagar, pensativa. Ela escrevia as suas listas em agendas que sobravam de anos anteriores. Minha mãe às vezes gagueja. Mesmo quando fala sozinha. Ela dá tempos vazios entre algumas palavras, às vezes, entre sílabas. Isso é bonito de escutar. Uma voz como outra, mas com uma sonoridade tão dela que dá a sensação de tão perto.

A voz da minha mãe é um espaço.

¹³ No Dicionário Online de Português, “pressa” é definida como “Ausência de calma; falta de paciência; impaciência, precipitação. Necessidade súbita de fazer ou de conseguir alguma coisa; urgência: preciso sair daqui imediatamente, tenho pressa!. Desejo de conseguir alguma coisa rapidamente: preciso esperar pelo emprego, mas tenho pressa! Qualidade daquilo que é rápido, veloz: o cão saiu com pressa. Excesso de movimento, de atividade; confusão.” “pressa” in **Dicionário online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pressa/>. Acesso em: 14 fev 2020.

“O corpo produz som e se encontra mergulhado no som do mundo. [...] A língua materna, que acompanha os primeiros cuidados do corpo, é chamado, convite, orientação na paisagem viva. Graças a esse chamado a paisagem exprime uma direção e começa a tomar um contorno. E se o mundo sonoro adquire coordenadas espaciais é porque o chamado ocasionou a *escuta* no universo do audível.” (MIELI, 2016: p. 66)

Lembro-me de escutar antes de qualquer outra ação que pude realizar.

Tenho na memória instantes de sons enquanto meu corpo ainda era pequeno. Sensações que me resgatam um lugar específico para estar, como um canto de quarto, cama, luz baixa, lençol azul claro, minha mãe e meu irmão bebê em seu colo, eu tinha cerca de quatro anos de idade. Lembro, por ter escutado essa imagem, mais do que vivenciá-la *de fato* (como costumamos chamar “aquilo que realmente aconteceu”). Não me lembro de algo ter acontecido ali enquanto ação nem palavra, algo que pudesse ser contado com *começo meio ou fim*, mas lembro-me de me sentir escondida observando enquanto sentia. Lembro-me da temperatura do lugar, do desenho do corpo da minha mãe, do cheiro do bebê cabeludo (extremamente) no colo, que era meu irmão. Lembro-me do azul da luz baixa. Lembro-me, dentro das costelas, dos sons que esse bebê fazia, para os quais minha mãe devolvia com a sua voz, uma experiência de cansaço e ternura, *crio* essa imagem pela escuta das sonoridades que *vi*. Sem a escuta essa lembrança poderia ser uma imagem intacta, uma fotografia, ou talvez até esquecida, mas os sons que a ocupam geram a ela movimentos sutis na memória. Pela escuta da respiração num corpo infante, ocupando espaço entre costelas e subindo até a região axilas como um evento, lembro de escutar no tronco do corpo enquanto via *o fora*. Uma *escutapele* para *dentro* que faz microvibrações nas vísceras, que permite perceber, pela escuta, os movimentos sutis, porém intensos, entre tecidos, músculos, ossos e órgãos. E para *fora*: uma cena, como *locus* de acontecimento, uma realidade possível, um mundo – o mundo. No espaço interno, peito e barriga se relacionando de forma relacional, cheio de ar mantendo uma vida. Uma escuta que aciona a batida do músculo coração como um registro que percebe esta vida e que estabelece um olhar para dentro, para acionar a percepção do movimento interno, percebê-lo se exteriorizando em sua singularidade, tecendo um caminho de

dentro para fora, em sintonia com o de fora para dentro e, com o de dentro para dentro, criando, assim, uma rede de percepções significativas.

A paisagem do vivente é, desde sempre, realidade sonora. (MIELI, 2016: p. 66)

Minhas experiências de escuta foram algumas e bastante intensas, especialmente desde o momento em que aprendi a escrever. Escrevia o que escutava. Achava que tudo que escutava deveria ser escrito, quase enlouqueci. Às vezes escrevia de fato em algum lugar, noutras, permanecia escrevendo somente dentro do pensamento, enxergando essas imagens ressoando e criando essas realidades. Escrevia *como* escutava, então, escrevia “errado”, pois nem tudo o que se diz é como se escreve, mas se escuta. Em parte, ainda escrevo assim. Nesse sentido, ainda carrego o exercício de um *escutaescrever*, um gesto unificado por estes dois verbos. Sem separação. Sugiro essa junção *escutaescrita*, por reconhecer a escrita como um verbo da escuta, por experimentar a escrita escorrendo de uma escuta, a partir de experiências de curiosidade que tiveram início ainda na infância e a partir das ações artísticas que venho experimentando no contato com pessoas desconhecidas.

“Escutar é estender a orelha – expressão que evoca uma mobilidade singular, entre os aparelhos sensoriais, do pavilhão da orelha –, é uma intensificação e uma preocupação, uma curiosidade e uma inquietude”. (NANCY, 2002: p. 162)

Uma das primeiras memórias da minha infância era esse som, minha mãe era policial. Eu ia na delegacia com ela. Tinha um escrivão, chamado Geraldo. O Senhor Geraldo. Grande e magro, ficava um pouco encurvado, escutando. A máquina era grande e cinza. Ele escrevia muito rápido, era engraçado porque ele era grande encurvado, escutava enquanto conversava e escrevia, tudo muito rápido. (Manuel, um senhor calmo e baixo)

Retomando as ideias de Jean-Luc Nancy (2014), que considera a escuta como uma força de suspensão do sentido, percebemos como ele descreve a diferença entre escutar e ouvir (também marcada por Pierre Schaeffer e Hubert Godard). Escutar seria o estado atento do sentido no próprio gesto de escutar, precisamente sensível, que toca e cria mundos. Ouvir seria a disposição racional da audição, uma escuta banal para Schaeffer, simples para Nancy. A disponibilidade para o atravessamento e ressonância dos sons no corpo estabeleceria então um estado de escuta que não diz respeito a um entendimento (*entente*), mas a um sentido que é da ordem do desconhecido, do não familiar, como aponta Nancy: "Escutar é estar inclinado para um sentido possível, e conseqüentemente não imediatamente acessível" (NANCY, 2014: p. 17).

Deste modo,

Se a escuta se distingue do ouvir ou do entender [entendre], ao mesmo tempo, como a sua abertura (o seu ataque) e como a sua extremidade intensificada, quer dizer, reaberta para além da compreensão (do sentido) e para-além do acordo ou da harmonia (do acordo ou da resolução em sentido musical), isso significa forçosamente que a escuta está à escuta de outra coisa que não do sentido no seu sentido significante (NANCY, 2014: p. 56).

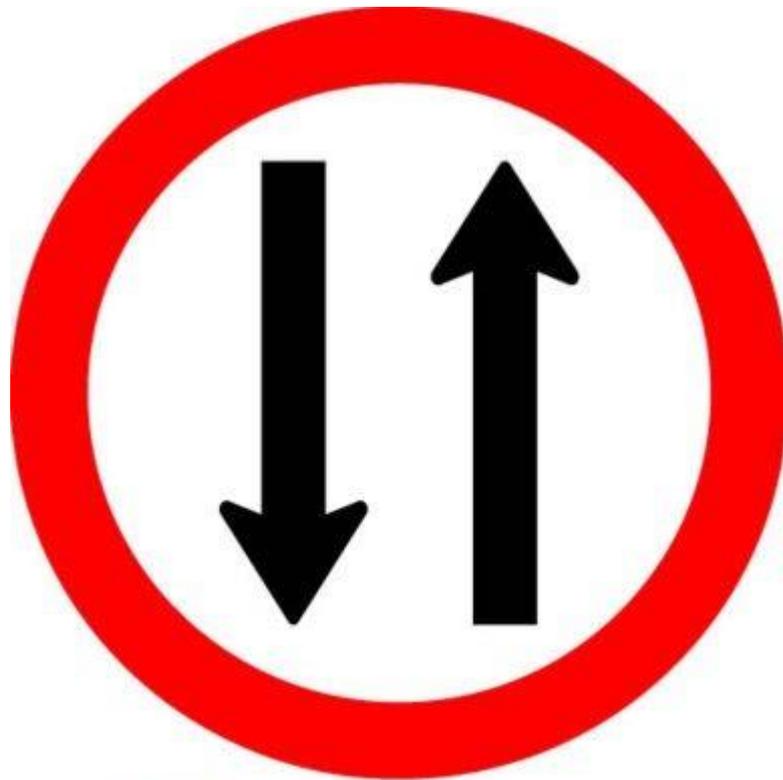
A força da experimentação artística que tem a escuta como meio, como condição de ação *com*, está justamente na criação de um espaço capaz de abrir essa escuta, de livrá-la da responsabilidade dos ouvidos. Ou, mais especificamente, em fazer perceber que a escuta

é corporal antes de ser auditiva, o que não deixa de criar uma linha de contato entre o corpo e o corpo, uma linha tensiva.¹⁴ Esta não é criada nem pela artista propositora nem pela pessoa que entra da ação, mas por um agenciamento destes corpos conectados, em escuta, tocando-se de alguma maneira e ressoando um no outro, um com o outro (NANCY, 2014). Essa escuta precisa ser capaz de tocar o outro.

Nas ações que pratico, experimenta-se a necessidade deste contato pela escuta, mas sem que necessariamente os corpos entrem em sintonia (ressonância aqui não seria sinônimo de sintonia); não se trata primariamente de retornar a uma harmonia dos corpos enquanto sua “pacificação” ou resolução de tensões – foi isto que a escuta tradicional proporcionou ao ouvido durante séculos –, mas de fazer com que se perceba que somos um corpo que ressoa [n]estas forças.

¹⁴ Uma discussão sobre “linha tensiva” será realizada mais à frente neste trabalho.

Figura 13 - Placa de trânsito R-28



R-28 Duplo sentido de circulação

Fonte: Internet (2021)

Passo Três
Sair de casa / Entrar na rua
abrir o corpo para a rua (ver o que tem lá)

Figura 14 - A tarde



Fonte: Kelly Santos (2015)

Ainda na infância, eu tive um pacto com a minha mãe. *Entre* mãe e filha.

Havia um ponto final de ônibus perto da minha casa. Fato que me permitiu conhecer os motoristas e os cobradores e também conquistar a permissão da minha mãe para me deixar pegar o ônibus de Interlagos até o bairro da Aclimação sozinha, com cerca de 13 anos, num percurso de 17 quilômetros de distância. Eu fazia esse percurso como uma espécie de espã de orelha, uma escutadora atenta àquilo que era “estranho”, desconhecido. Ia de um bairro a outro escutando e recebendo o que as pessoas diziam

dentro do ônibus. Percebia seus corpos em silêncio, outros falando ininterruptamente, guardava imagens dentro, escutava palavras da forma que eram ditas por quem as dizia. Guardava. Recolhia-me nessa escuta.

Ao chegar na Aclimação, descia no ponto final, ligava a cobrar de um orelhão da *Telesp* para a minha mãe e combinávamos quanto tempo eu teria para circular por lá. Lá, eu entrava em igrejas, mercadinhos, quitandas (mergulhava a mão em saco de feijão), padarias, lojinhas; conversava um pouco com pessoas (mas eu mais escutava), sentava-me em banco de praça e observava curiosamente aquele “outro mundo”. Voltava para casa num tipo latente de entusiasmo e, dizia minha mãe, que eu não falava com ninguém até escrever tudo o que tinha existido naquela experiência, e fazia isso no quarto, embaixo da cama. Embaixo da cama era um *lugar* de concentração das experiências, ali eu acomodava as visões e as escutas. Como se precisasse recolher no corpo, costelas peito coração, aquilo tudo que havia acontecido. Em algum momento, buscava a máquina de datilografia de minha mãe e escrevia nela estas experiências. Sentia-me *importância em tamanhura*.

Um passo. Dois. De repente dezessete. Não me lembro bem, pois tive de acelerar quando aquela mulher, baixa, mas com tamanho, se pôs a correr ao seu destino, logo que desceu do ônibus. Hoje quase me perdi. Essa foi uma sensação nova. Não a conhecia, nunca achei que poderia me perder de casa. Parecia que conhecia o *como voltar para casa*. Não sei bem explicar, mas é como se eu pudesse me recuperar sempre. Eu a persegui. E isso me fez descer alguns pontos antes do ponto final no terminal da Aclimação. Foi a minha primeira perseguição. Não sei se é feio perseguir alguém. Não sei se ela percebeu que eu estava ali, logo atrás dela, aquela mulher. Ela foi parar no papel assim, "aquela mulher". Não sei o seu nome, mas, se lhe fosse dar um, seria Maria. Só porque é o nome da minha mãe, apesar de todos a chamarem de Gorete ou Goi. Mas, estar perdida e em medo, pois havia em mim alguma consciência disso (de estar perdida e do medo quase transbordar), dar-lhe o nome de Maria, parecia garantir o meu retorno à casa. Obrigada Maria, eu voltei. Antes, eu te perdi.

Acompanhada de uma máquina de datilografia, coloco-me em estado de ânimo para encontrar alguém que não conheço em espaços de espera na cidade. Levo duas cadeiras ou bancos de casa, uma máquina de datilografia, uma lousa escrito o nome da ação e uma espera alargada pelo outro que inaugura um tipo de encontro na rua, uma realidade específica.

Meu convite à ação parte de um não convite oficial, não convoco as pessoas com palavras, corro o risco de ninguém se sentar, de permanecer só em estado meditativo, com uma atenção ampliada sobre a realidade imediata no corpo e sobre a realidade que circunda o meu estar ali. No silêncio. Nessa duração, percebo a vida, dentro e fora. Respiro com espaço focado. A ocupação desse corpo (o meu) no espaço com a máquina, costuma

chamar atenção daqueles que se interessam por ela, a máquina de datilografia. Ela é o objeto vincular.

A escuta é o chão inicial. A partir dela, não somente os ouvidos, mas o corpo caminha e abre-se ao encontro com o desconhecido, como se no peito um espaço fosse aberto aos lados e mais fundo. O ar entra mais lentamente e ocupa espaços laterais, ampliando a estrutura corpórea como espaço para os acontecimentos. As costelas se expandem causando estranhamento na noção do que é o corpo, pois reúne as partes ósseas, a respiração, as camadas intrínsecas e extrínsecas, a motilidade dos órgãos, a escuta interna/externa. Um eco. Mas também uma possibilidade de diálogo entre costelas. “Quando olho para alguém, quando estou com alguém, o que quer que ele faça, há uma superposição de nossas caixas torácicas, de nossa respiração”. (GODARD, 2004: p. 75)

Enquanto ando e já sentada (e agora, enquanto escrevo), coloco a atenção na entrada e na saída das narinas, observo a respiração que entra, a respiração que sai. O ar que entra é mais frio, o ar que sai é mais quente. Observo. Fico nesse gesto. Aciono a atenção focada nessa relação de realidades, de momento a momento, dentro e fora. A respiração é o ponto para perceber essa relação. Tomo consciência da respiração como um ato de escutar. Examino a minha estrutura física e mental no nível da experiência imediata. Investigo essa realidade direta em meu corpo em relação. É um tipo de “verdade”, uma verdade mais sutil que é relacional e, para começar a experimentar essa verdade, começo por uma realidade aparentemente densa, que é a respiração.

Godard (2004) comenta no mesmo artigo anteriormente citado sobre a pesquisa feita por *Marc Jannerod* no Instituto das Ciências Cognitivas de Lyon:

Ele colocou num espectador eletrodos e diversos outros captadores, aparelhos que medem os movimentos do conjunto do

corpo. O espectador está tranquilamente sentado, olha alguém que corre. Jannerod se dá conta de que quando o corredor acelera, o espectador acelera a sua respiração. Quando anda mais lento, a respiração também se faz mais lenta. Portanto, há uma espécie de empatia torácica. (GODARD, 2004: p. 75)

Escuto a respiração. Sendo a respiração comum a todos, passo a desconfiar que o ato de escutá-la/observá-la pode gerar um tipo de contágio no encontro entre os corpos, acionando, inicialmente, uma esfera de troca de ar entre nós. Confio nessa circulação. Confio nesse fenômeno de sintonização que acontece entre duas pessoas por meio dos micromovimentos de suas caixas torácicas quando elas se encontram. Trata-se de uma espécie de empatia respiratória, a empatia torácica: um “efeito espelho sobre o ritmo respiratório” que acontece involuntariamente (GODARD, 2004).

Respiro. Respiras. Respira. Respiramos. Respirais. Respiram.

Estar à escuta é estar ao mesmo tempo no fora e no dentro, estar aberto de fora e de dentro, portanto de um a outro, e de um no outro. A escuta formaria então a singularidade sensível que conteria no modo o mais ostensivo a condição sensível ou sensitiva (aistética) como tal: a partilha de um dentro/fora, divisão e participação, desconexão e contágio. (NANCY, 2002: p. 167)

Pessoas se aproximam para contar sobre a máquina de datilografia que já tiveram, que o pai ou a mãe tiveram, a avó e o avô tiveram, localizam ou não a sua existência no agora (deve estar na casa do meu pai, deve estar guardada dentro do armário no quartinho de casa, será que dei para alguém?). Espontaneamente lembram-se de algum tempo passado em suas vidas pelo chamado sonoro das teclas da datilografia. Muitas vezes, essa abertura entre nós é iniciada por um choro nascente, por uma emoção que parte de alguma lembrança. Muitas pessoas fizeram o curso de datilografia, me mostram pelas mãos a posição dos dedos para cada grupo de letras, outras, nunca viram uma máquina como essa (ô tia, já imprime na hora?! / Errei, e agora, como apaga? Não apaga???) .

Comumente, a conversa assim se inicia.

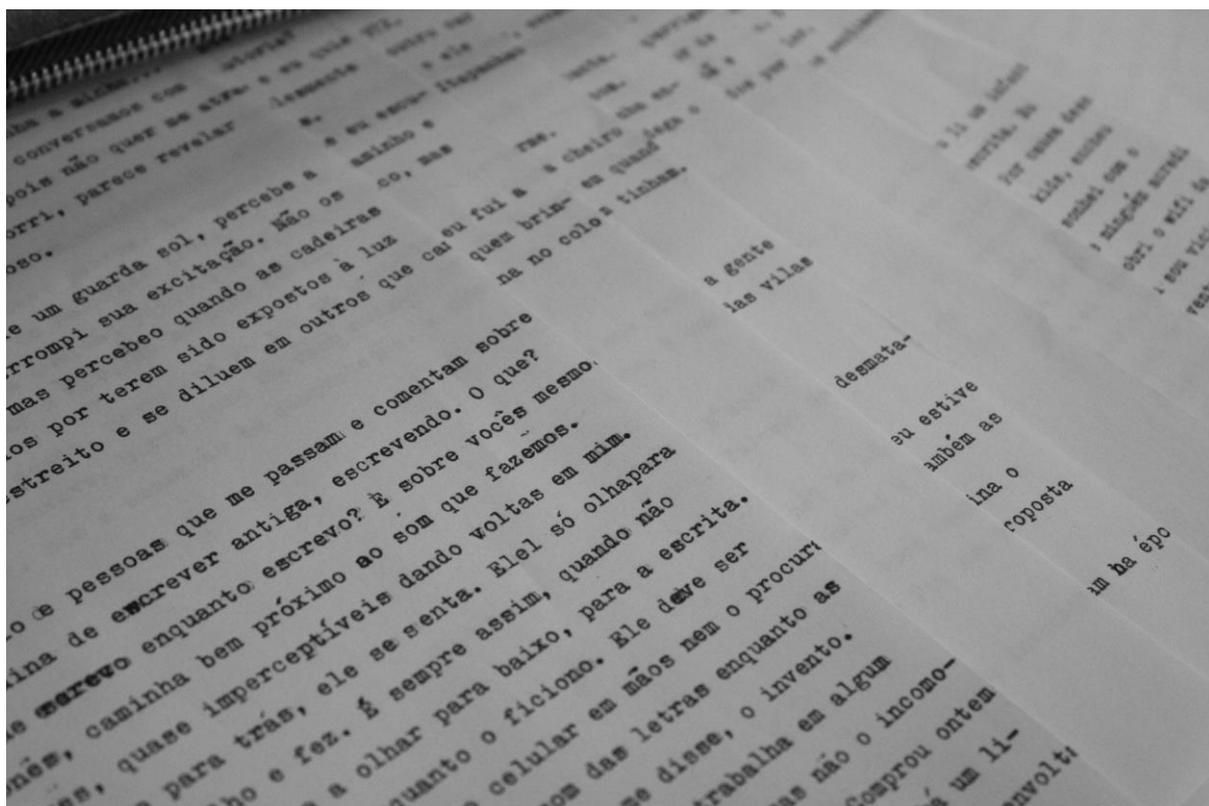
Antes disso, estou só em silêncio, escutando, meditando, percebendo a existência momentânea, enquanto escrevo sonoridades que passam soltas pela cidade. Vozes entrecortadas, fragmentos de conversas e misturas entre o que se escuta no dia e o que “invento” naquele instante, um cruzamento temporal entre passado, presente, futuro, entre fato (o que vejo diante do corpo) e o que pede passagem (o que está inscrito em mim e que passa através da imaginação).

Assim escrevo, desde pequena.

Sempre precisei escutar o fora para escrever o dentro, sempre precisei partir do dentro para escutar o fora – “No lado de fora de dentro”, como Pessoa diria. A escrita escorre como uma escuta costurada imaginada a partir do que vejo e como conto aquilo que vejo, transformando a própria sensibilidade “de modo a poder sentir tudo artisticamente e de modo a que todo o sentir seja imediatamente artístico” (GIL, 2020: p. 14).

Nesta ação, a ideia de participação aproxima-se às ideias das *Atividades* realizadas por Kaprow, quando ativa uma esfera como obras com caráter de evento, como um acontecimento em si, assim como os *Happenings*. Porém, e, ao mesmo tempo, se diferencia delas quando estabelece vínculo com alguém que não se conhece e prolonga a troca entre artista e pessoa, ou seja, a ação não acaba na sua concretização; como ao não elaborar previamente um roteiro a ser seguido e realizado por um determinado grupo de pessoas, conforme Kaprow propunha. Aproxima-se das *atividades* quando assume uma proposição que convida à participação sem que esta se torne algo a ser assistido ou formalizado, quando a minha posição nessa configuração se altera e passo a me tornar *público*, e o/a transeunte se torna o/a artista (?) – como identificar quem age artisticamente, quem é o/a artista na ação?

Figura 15 - Pingo



Fonte: própria (2016)

Moça,
Ô moça,

Você é carente?
Precisa de ajuda, ou tá perdida? Quer companhia?

Vou te apresentar umas pessoas, assim você consegue fazer o seu trabalho... Vem cá. Senta aqui.

Olha, menina, você não vai gostar do que eu vou te falar, como mulher...

Eu posso falar o que eu quiser de mim? Qualquer coisa? Tudo mesmo?

Mas sou eu quem vou falar e você vai escrever o que eu falo?

Mas o que eu falo tem alguma importância nessa por...?
Não é melhor você falar com outra pessoa?

Não sei se eu tenho que falar de mim, mas eu quero falar.

Na ação citada na presente pesquisa, a escuta se mistura com o barulho das ruas, o que impede que a ação seja “assistida” e revela seu caráter relacional exposto a partir de uma “interrupção” na dinâmica do dia a dia da cidade. O que importa então não é somente o conteúdo desses encontros, mas a maneira como essas ações acionam os corpos, apontam a troca de subjetividades e afetos e criam dinâmicas dialógicas, tomando o caráter político como uma instância corpórea, afetiva e humana.

Aqui, não há um apelo específico para elaborar sentido junto. Há o acionamento de uma esfera que convida quase que despropositadamente a exercícios, de caráter meditativo, respirar fundo junto e separado, silenciar, prestar atenção na realidade do corpo em relação, escutar a fala interna e a lembrança, dar tempo nesse recolhimento, silenciar para escutar o dentro/fora, situar-se no espaço, sustentar uma relação com o outro, perceber as coisas do mundo na entrega da escuta, recuperar a saúde psicofísica na relação com a vida. Nenhum desses exercícios é claramente proposto durante a ação de forma a serem nomeados e dirigidos, mas são etapas espontâneas, partindo da presença num estado disposto ao encontro.

Parto, então, da hipótese de que se eu, como artista propositora, respiro e observo com implicação o ar que entra/o ar que sai, passo a acionar uma atmosfera de atenção, de percepção dessa realidade imediata no corpo. Esse gesto interfere no estado das presenças, convida a uma lentidão específica, convida à percepção no durante a vida, na rua, no fora de casa, no meio do mundo.

Figura 16 - Placa de trânsito Bonde



Fonte: Internet (2021)

Passo Quatro

EscritaCorpo: em ação com a máquina de datilografia

Figura 17 - Nós



Fonte: Henrique Schafer (2016)

Sob a condição sensível de escutar, no espaço público, em espaços de ir e vir, de espera, com uma máquina de datilografia no colo, uma *Hemington 76* ou uma *Olivetti 74*, escuto. A presença da máquina de datilografia¹⁵ certamente evoca um tempo passado. Com sua

¹⁵ “Sua arqueologia no Brasil revela um inventor desconhecido, o padre João Francisco de Azevedo (1814-1880), que ousou criar uma máquina de escrever no século XIX, no contexto de uma sociedade colonial e escravocrata. Há estudos que sustentam que seu projeto foi entregue a agentes estrangeiros e atesta um exemplo precoce (e mal conhecido) de extrativismo intelectual no Brasil. Como dispositivo de escrita mecânica, a máquina de escrever situa-se entre polos antagônicos: a burocracia e a arte. No Brasil, a burocracia é parte da vida cotidiana. Preencher formulários, provar que uma pessoa é ela mesma envolve muitos registros e extensa papelada. Como dispositivo moderno, a máquina de escrever pode ser considerada uma tecnologia de liberação, pois favoreceu a emancipação feminina com a profissionalização da secretária e a formação técnica da datilógrafa, apoiada em escolas, cursos e manuais. As listas de palavras totalmente desarticuladas que vemos nos antigos manuais de datilografia fazem lembrar da poesia

estrutura tátil e mecânica, ela destoa do mundo digital, tornando-se um objeto de curiosidade, de aproximação. Ela funcionou, até algumas décadas, como uma espécie de prensa portátil apta à associação entre escrita, escuta/fala e publicação. Sua sonoridade característica acontece como um instrumento musical que ressoa. Esta sonoridade se mistura com o som ao redor. Instaura um tempo espaço específico que propicia um cruzamento temporal entre partes de um passado e partes de um presente, possíveis no *ali* da rua.

Escuto as vozes mais próximas e ao longe

dadá. Nas correspondências entre poetas, a máquina de escrever foi protagonista. As cartas datilografadas têm muitas vezes como tema a própria máquina. “Nossos instrumentos de escrita estão trabalhando em nosso pensamento”, escreveu o filósofo Nietzsche ao adquirir sua máquina de escrever. Nas primeiras décadas do século XX, Mário de Andrade chama de Manuela, em homenagem a Manuel Bandeira, sua máquina Remington. Nas páginas da Revista de Antropofagia, lê-se em letras mecânicas o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, entre outros manifestos e poemas. Os poetas concretos, desde meados dos anos 1950, tiveram com a máquina de escrever uma parceira de plano e projeto, distante do artesanal. O espaçamento padrão e o branco da página funcionaram como elementos gráficos-estruturais. Com máquinas de escrever muitos artistas contemporâneos realizaram trabalhos em processos intermedia, resultando em poesia visual, incluindo cartas-poemas, poemas concretos, datiloscritos; datiloarte. Publicações marginais circularam como envios postais e associaram-se aos meios de reprodução mais fácil naquele momento, como o papel carbono, o mimeógrafo e o xerox. Muitos trabalhos chegaram de diversas partes do mundo para participar das exposições no MAC USP. Poemas visuais, publicações, manifestos, programas de ações e performances, descritivos de situações, ambientes e ações-partituras, fotografias com textos, etc. Há uma significativa diferença no uso da máquina de escrever pelos artistas antes e depois da nossa era digital. No princípio, até meados da década de 1980, os artistas valeram-se dos recursos da máquina como dispositivo de escrita mecânica na construção da imagem-letra-palavra. Hoje, o desuso da máquina de escrever, que oscila entre a inutilidade prática e o eclipse total, é índice do desaparecimento programado de todas as coisas. Sua obsolescência sugere a possibilidade da emergência de novos sentidos poéticos e políticos, que tensionam esse vão indefinido entre o futuro e o passado”. Texto de Cristina Freire, curadora da exposição “Ecos Mecânicos: A máquina de escrever e a prática artística”, da qual a *Performance de uma pessoa escrita* fez parte durante o ano de 2019/2020. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2018/ecos/curadora.html#topo>

Seleciono intuitivamente algumas delas, talvez as mais nítidas, não é uma escolha racional. Trata-se de escutar o escutar. Escutar o que surge primeiro e mais limpo aos ouvidos ampliando espaço interno do corpo, como se ocupasse por dentro alguns espaços esquecidos. O fora conversa com o dentro e amplia o tamanho e o saber do dentro que, em consonância, amplia também o saber do fora. Às vezes, isso tudo se rompe por qualquer outro pensamento ou atenção que ocupe a função “pensar” da mente. Tempo, espera, atenção, concentração, recolhimento. Daí, recomeço a escutar.

Com a máquina de datilografia, quase não há espaço entre escutar e escrever, ou há tanto espaço entre escutar e escrever que dá tempo de escrever enquanto escuto. Ao mesmo tempo, fica clara a rapidez com a qual escrevo, pois quase toda palavra vira um pedaço de frase, não fica tão fragmentada. Vira frase. Escrita verbo da escuta. Ou seja, enquanto *escutoescrevo*, entrego-me ao que escuto, ou ao que escrevo.

A abordagem corporal desta pesquisa tem por base a escuta das manifestações corpóreas, das potencialidades perceptivas do corpo, das memórias registradas e inscritas no decorrer da vida, e que se expressam na estrutura e organização corporal, deixando, desta forma, alguns traços no corpo. No corpo, como instância processual e relacional, inscrevemos nossa experiência social e construímos linguagem, revelando nosso pertencimento ao mundo que nos cerca. Tudo está inscrito no corpo.

O pensamento que aqui se apresenta parte da tentativa de acessar um pensamento do/no corpo, por meio de um *estar presente* em suas sensações e relações/tensões, enquanto se executa os movimentos, enquanto se reflete e se escreve sobre a pesquisa, assistindo ao que se projeta do corpo à palavra, entre corpo e palavra. Nesse sentido, há o exercício de intencionalizar uma *escritacorpo*. Esta sugere a percepção de um corpo em movimento, buscando um caminho para acessar o próprio corpo enquanto campo revelador de

processos, subjetividades e reflexões, que está em relação com outros corpos, mas que é diferente do corpo do outro porque possui outras memórias e inscrições. Essa *escutaescrita* acorda também as experiências possíveis no espaço-tempo-subjetividade, colabora para uma poética do encontro quando a voz e o gesto de outro alguém afetam as nossas importâncias possíveis.

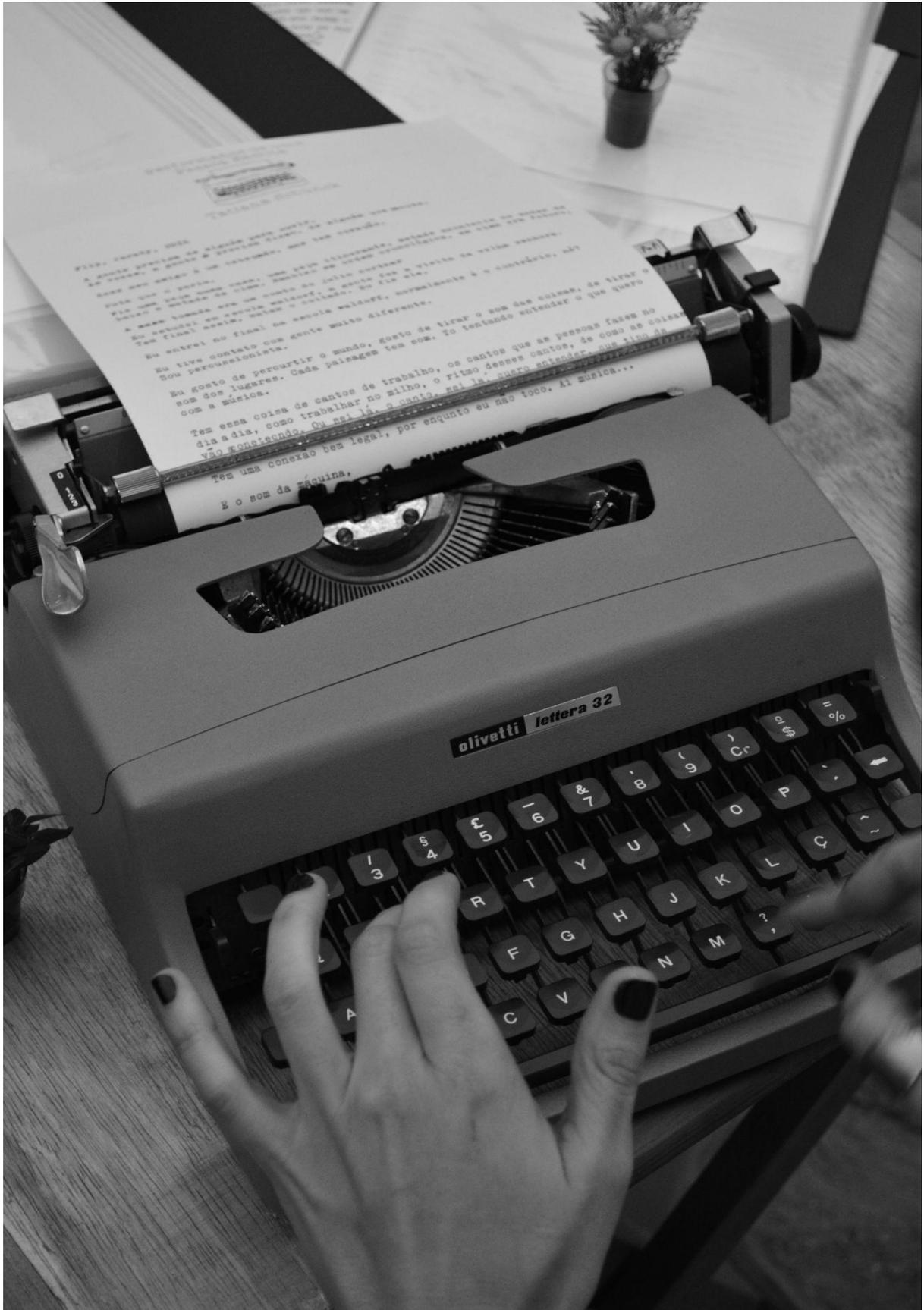
Escutar o corpo, a voz e o que está em relação ao corpo exige então uma atitude de atenção e cuidado, de vigilância para consigo, para com o outro, para com o mundo. Nesse sentido, a *escutaescrita* pode ser considerada como busca pela intensificação da presença para encontrar(-se) e encontrar com o outro. Esse estado intensificado de percepções ocorre — ainda que centrado no próprio corpo — em diálogo com a paisagem circundante. Pois,

A cada instante há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber (...). Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, 2006: p. 1).

Testemunhar que algo aconteceu é testemunhar também a existência da palavra. Palavra escutada ou palavra escapada. Ainda assim, a dizemos. E, ainda, encostamos a palavra e a coisa para além de uma relação de representação (FOUCAULT, 1985: p. 321). O ato de dizer é também uma presentificação ou ainda um presentificar aquilo que foi ou será. Mesmo ontem, mesmo hoje, mesmo amanhã. Dizer é a viabilidade de um real. Essa escrita que surge na ação do contato com o outro é uma escrita criadora de novas instâncias do “real”, que só existem ao passo em que se inscrevem em uma folha em branco durante um encontro na rua. Evoca-se, com esse gesto, a necessidade e a

importância do escrever através de cenas que performatizam o gesto nascente da escrita e que partem de um estado de atenção ao que passa, ao que escapa, ao que está.

Figura 18 – Vem



Fonte: Henrique Schafer (2017)

Tia,

Cê tem 2 real?

Eu morei no orfanato desde os 6 anos.

Eu tenho dois filhos. Três netos. Dois bisnetos. Não tinha o direito de ficar doente.

Eu canto e ganhei um programa de televisão no SBT.

Morei trinta e um anos numa casa só, era a casa da minha sogra.

Você pode me encontrar de novo semana que vem? Tenho muita coisa para contar e nunca sou escutado lá em casa

Que horas são? 13 e 36.

Eu já volto então. Vou comer alguma coisa e volto, pode ser?

Apanhar não, mas submissão sim. É legal, não sei se é porque ele é médico, mas sou aquariano. Você tá afim de trepar com a pessoa e ela faz declaração de amor.

Há barulho constante, há movimento contínuo de carros, pessoas, coisas, imagens de si e de fora que se configuram e reconfiguram a cada momento. Há um esforço em diluir com delicadeza esse excesso, uma intenção de esquecer-se de si enquanto sujeito nesse excesso, resgatando algumas ideias de Kaprow, como ele escreveu: “ser um artista significa conhecer-se, conhecer-se significa esquecer-se (o que seja a imagem que se faz de ‘si mesmo’). Esquecer a arte (o ‘si mesmo’) significa ter uma clareza ou uma realidade. E ter essa clareza significa reduzir a distância entre si mesmo e todos os fenômenos”. (KAPROW, 1992: p. 26)

Como anuncia Zambrano (2005: p. 53):

aquele que nasce, sai para ver e para ser visto [...] nunca ninguém olha – mesmo que esteja sozinho num lugar inabitado, ou no mais recôndito refúgio, ou quando se está perdido, sem se sentir visto ao mesmo tempo [...] para ficar parado a ver, para olhar sem outra intenção que a de ver, há que esquecer-se de si, há que não se sentir por um momento, há que parar o tempo, abandonando esse umbral do nascimento, do ir nascer, de apresentar-se de um instante para outro a ser recebido numa comunidade, num lugar onde há que comparecer com figura e já sendo. Para se decidir a ver há, de certo modo, que des-ser-se.

E esse des-ser-se não se configuraria como um apagamento consciente de si mesmo, como um anulamento intencional de si, e não seria uma escolha por deixar de ser ou esquecer-se de ser. Des-ser-se seria uma consequência de uma condição inteira de ser para a experiência. E também como nomeou Blanchot (2007: p. 183), essa experiência será sempre uma experiência-limite, um pôr-se extremamente na pergunta, expor-se ao perigo da dissolução, da vertigem da passividade total e da mistura infinita com o mundo.

E esta gente quando descreve é melhor do que quando sente, porque quem descreve esquece-se de si. (PESSOA, 1999: p. 96)

A ação de *escutaescrita* tem a ver com praticar junto a respiração, a escuta e a fala da lembrança, o silêncio e o tecido de realidade possível. Criando uma espécie de esfera tensiva, como um campo onde coisas acontecem, a vida em si, as vidas desses outros que me/nos atravessam. O que acontece quando essas vidas são datilografadas no meio de um dia comum? Assim como disse Nancy (2016: p. 211), escrever é engajar em um encontro: é ir em direção ao encontro e é assumir o compromisso do encontro. Escrever é marcar um encontro, [...] pode ser um simples cruzamento, [...] e pode também se produzir “de encontro”, no choque.

Mas eu que disse isso assim tão bonito, ou você que melhorou?
Não é possível...

Eu mesma que falei? Não... né? Eu não saberia falar como você escreveu não...

(fala de uma pessoa que leu o que eu tinha acabado de escrever durante o encontro. Eu tenho o compromisso de escrever exatamente o que a pessoa disse e como disse. Não é possível escrever tudo, mas o que vai até o papel é o que e como ela disse, escorrido da voz dessa pessoa.)

O motivo que está por trás do escrever não é apenas orientar pensamentos, mas também dirigir-se a um outro [...] Escrever não é apenas um gesto reflexivo, que se volta para o interior, é também um gesto (político) expressivo, que se volta para o exterior. Quem escreve não só imprime algo em seu próprio interior, como também o exprime ao encontro do outro. Essa impressão contraditória confere ao escrever uma tensão. (FLUSSER, 2010, p. 20)

Durante os encontros, algum tipo de “tradução” se dá nessa escuta colocada no papel, nesse compromisso testemunhal, nalguma escolha espontânea que a sonoridade da fala do outro aponta para aquilo que importa escrever. Há tensão neste fazer, há o risco constante de me envolver com o que escuto, há o risco contínuo de “perder partes” nessa

escrita que opera enquanto escuta, e que muitas vezes se incompleta somente para escutar e olhar para este/a alguém que fala, porque aquilo que fala carrega importância, não necessariamente, sentido.

A escrita na máquina de datilografia se deu em minhas mãos e, em alguns momentos, nas mãos de pessoas que assim quiseram fazer. Os nomes das pessoas que aqui se apresentam foram alterados para ficarmos somente com as palavras desses desconhecidos. Ademais, fico com essas experiências ressoando, *hetroautobiografando*, fluindo organicamente em processos alheios que saltam para dentro da vida (a minha, neste caso), circulando entre estas vidas “estranhas” escutadas que pedem passagem em outras poéticas, misturando nossas vidas noutras.

A escrita, enquanto um tipo de tensão e encontro, ainda pede passagem em momento posterior ao contato, como uma circulação entre o tato com o outro (**Vejo uma/um mulher/homem, o que vejo quando ainda não houve aproximação**); contato (**Fragmento da escuta datilografada**), a lembrança desse encontro (**Escrita pós-encontro, impressões do encontro**), o enfrentamento com as palavras para ressoar (**Exercício de imaginação, pode ser ficção**) e a escrita que se distancia do encontro para refletir sobre ele (**Da escrita feita com alguma distância do encontro**). Essas etapas de escrita estarão presentes em algumas das narrativas aqui apresentadas.

Quem escreve é o corpo que esteve presente, que registrou sensações na memória corpórea dessas experiências de escuta, que se inscreveu em gestos. Sem nenhuma pretensão de interpretar as situações vividas, mas sim de partir dessa *escutacorpo* para outras poéticas que tenham como inspiração a narrativa do encontro, que se dispõem a tensionar o material “testemunhal” numa camada performativa entre lembrança e (re)invenção – livre do compromisso com o que já aconteceu – mas fiel às vibrações do

corpo que esteve presente na escuta e que conheceu, em alguma medida, aquilo que também não foi dito, mas sentido/percebido.

Nunca escreverei sobre nada. Escrever sobre é pegar num acontecimento, num objeto, colocá-lo num lugar exterior a mim; no fundo, isso é escrita representativa, a mais generalizada. Mas há outras maneiras de escrever. Escrever com é dizer: estou com aquilo que estou a escrever. *Escrever com* implica observar os sinais; o meu pensamento é um pensamento emotivo, imagético, vibrante, transformador. É talvez daí que nasce a estranheza desse texto que é um texto imerso em vários extratos de percepção do real. (LLANSOL, 2011: p. 12)

Desta forma, vale pensarmos que compartilhamos alguma possibilidade de “real” que se inaugura ao se colocar no contato com o outro enquanto *estar junto*, enquanto *escrever com* nesse encontro. Esse compartilhar uma experiência não passa necessariamente por uma identificação objetiva do mundo. Como era, inicialmente, o desejo nas ações: abrir um espaço na rua para junto a alguém desconhecido escrever sobre o mundo que está; mas passa, justamente, pela capacidade de estar junto ao outro “enquanto peso, vetor de movimento, de geografia flutuante.” (GODARD, 2004: p. 77)

Figura 19 - Placa de trânsito A-32b



A-32b Passagem sinalizada de pedestres

Fonte: Internet (2021)

Passo Cinco
Onde há vida, há tensão

Figura 20 - Permissão



Fonte: Henrique Schafer (2013)

Vejo uma mulher. Boto reparo nela

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Ela quase não pesa na cadeira. Postura ereta, controle da cabeça que pensa demais. Ela mergulhada em uma leitura que causa certa tensão nas sobrancelhas. Coração bate duro e devagar de quem anda só há tempo. Não consigo tirar os olhos dela, apesar de um certo nervoso que sinto. Ela está velha. Alguma morte lhe passa.

Eu moro na zona leste, ando mais por lá às vezes, lá eu nado, almoço, leio...

Agora eu to fazendo yoga, a professora conhece a gente, sabe conduzir a aula para pessoas de mais idade. Ela também dá aula de dança. Mas hoje eu vim aqui, estou lendo esse jornal, mas to quase acabando.

(olha para o chão)

Você não me atrapalha com o barulho da máquina não...

Meu nome é Solange, pelo jeito você gosta de , hein?

Eu gosto muito. Mas não é sempre que dá. A minha vista cansa. Mas aqui tem umas matérias boas, já aproveito para ler, comer e passear.

Gosto de ler a seção de como economizar, apesar de que eu já economizo bastante, mas é sempre bom saber economizar mais. (um sorriso)

Também li aquela parte que ensina a como andar direito.
Eu piso errado.

Meu pé fica com calo perto do polegar, por que será?
(sorri, olha para o chão e espera que eu responda sua pergunta)

SOLANGE

07 de abril de 2013
zona central de SP
uma biblioteca
12h15

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

A Solange está sentada lendo, recolhida em seu estar e sozinha. Mal levanta os olhos enquanto lê. Sento-me próximo a ela numa biblioteca na região central de SP. Ela com a sua revista, eu com a máquina. Ela não me olha. Começo a datilografar o dia, a hora e o local. Ela deixa seus olhos me avistarem. Sorrio. Ela sorri de volta e logo se enfia na revista novamente. Pergunto se a incomoda com o som da máquina de escrever. Ela então para a leitura e diz que não. Conta sobre sua leitura e mantém uma espécie de pressa no corpo enquanto conversa comigo. Como se abrisse um pouco de sua atenção, mas com limite. Cruza as pernas e troca esse cruzamento algumas vezes enquanto estamos juntas. A revista está fechada e seu olhar está na paisagem, às vezes se volta para mim. Ela usa óculos de grau e se veste com camisa branca, calça preta, sapato preto, carrega uma sacola de plástico preto (está cheia, mas não sei com o quê) e a revista. Olha bastante para baixo, sorri timidamente, é um corpo pequeno e delicado. Se apressa em se despedir enquanto ainda me conta sobre a matéria na revista. Mostra seu pé quando fala do calo perto do polegar. Como eu não sei responder sua pergunta, ela se despede e diz que é hora do almoço. Ficamos ainda em silêncio por algum instante, é um tempo curto, mas alargado em troca de olhares estranhos, igualmente familiares e dois sorrisos breves. Somente. Ela me agradece pela conversa. Coloca sua mão no meu ombro direito e rompe algum espaço que nos separava até então. Tocamos as mãos e suportamos aquele tempo no qual as mãos ainda não se separaram, mas deveriam. A observo indo caminhando levemente pela rua e, por fim, um olhar para trás que me acena um tchau com a mão direita. Ela sorri. Eu também.

Exercício de imaginação, pode ser ficção

Nada me interessa a ponto de adquirir vida social, pergunta e resposta ou qualquer fundamento que justifique relação. Me deixe. Nada pretendo a não ser sair de casa e voltar para casa. Ir e vir. Em casa tenho o Romeu, ele me dá trabalho, pois se engasga sempre que come. Eu deveria levar Romeu ao veterinário. Ele sofre e me encara com olhos de quem cansa. Imagino-o cansado de mim, por isso saio de casa. Para deixá-lo descansar. O gato branco que ganhei de susto quando subi as escadas do prédio e o vi deitado no chão, no tapete, na minha porta. Agora moro no térreo, subir escada custa. Romeu não é afetuoso, nem eu sou. Nos entendemos assim, dou comida, dou cama e espaço, ele me dá a presença mínima para não sucumbir ao silêncio total. Sinto como um engasgo na traqueia, todo dia, aqui na garganta seca. Pareço com esse bicho, ele parece comigo. Mas desde que ele chegou não precisei mais ter conversa. Você nem sabe, mas vir falar comigo é proibido, não quero falar, não gosto de falar, mas finjo, para não parecer louca. Eu olho de canto para todos esses velhos aqui sentados ao meu lado e nem sei se estão vivos mesmo. Eu abro a revista e fico a ler aquilo que não me interessa. É só para passar o tempo, não pretendo saber de mais nada. Somo as vogais de cada página e vejo qual ganha. Minha vida está mais no final. Sinto mais meus ossos encostando nos assentos, chega a incomodar. Sou magra e velha. Ser velha é melhor ser gorda, ter mais carne para assentar o corpo. Não quero morrer, mas penso todo dia que pode ser hoje. Tem um velho que se senta sempre ao meu lado no banco e que tem vitiligo, ele nunca me olha, está sempre concentrado. Lê um livro por dia. Não sei se até o fim, porque saio antes. Ele tem manchas pelo rosto todo. Eu o acho bem desagradável, mas suporto para não ser preconceituosa. Ele passa um perfume bem forte, ou é desodorante masculino. Não gosto. Mas ele sempre se senta perto. Eu não mudo de lugar, cheguei primeiro.

Da escrita feita com alguma distância do encontro

É também verdade que a Solange me causou um certo desconforto, algo como uma dificuldade de ser recebida. Eu senti isso, essa dificuldade. Então me deixei estar ali sentada com o peso da máquina de datilografia no colo, e faço isso como sempre. Eu tentei não olhar muito para Solange, pois senti que ela poderia fugir num *só*. Mas ela não fugiu porque pareceu sentir algo como “vergonha” de se levantar. Tudo isso só me pareceu. *Só*. Ela também me pareceu desconfortável. Como se eu a apertasse naquele espaço. Não olhar diretamente não significa não ver.

Eu só fiquei ali em mim no espaço testemunhando cada segundo passado e respirando longo e calma dentro. Sentia meu coração bater largo, um pouco mais forte. Via pessoas que me viam. Talvez até mais do que Solange me viu. Percebi-me desconfortável, porém ali. Havia algum conflito, porque eu já havia entrado no espaço dela, este que pertencia à solidão dela com ela mesma, porque ela já não podia se ir, comigo ali. Depois dessa ruptura que instaurava alguma realidade entre nós, só havia como esperar. Esperei. Sem saber exatamente o quê. Espera no tempo agora, sem nada a fazer, a não ser estar atenta.

Nessa duração de espera, pensamentos passam, entrego um pouco mais meu corpo ao meu próprio corpo. Deixo-me em mim na relação com o ambiente. E respiro percebendo-me ar. Acho que uns dois ou três minutos se passaram desde o momento em que ela me viu, uns seis ou sete em que eu a vi. Mas esse tempo cronológico não traduz o tempo vivido de fato nesse estar, nessa espera e atenção. Tudo pareceu acontecer como em câmera lenta.

Um susto. Encontrar é um susto. Uma queda em si com o outro no chão, na gravidade, na presença. É também conflito, esse simples ato de dividir um tempo junto de alguém

desconhecido, na rua, na cidade. E esperar alguma brecha no tempo-espaço para ver quem ou o que acontece, coração acelera e volta a desacelerar. Até que Solange sorriu discreta e voltou a olhar para a revista, mais uma vez senti como se estivesse incomodando-a, resolvi também mergulhar na máquina e na *escutaescrita*.

Comecei a escrever o nome da ação, o dia e a hora e o local onde estávamos. Ela pareceu me procurar com o olhar, escutou a batida das teclas, provavelmente. Permaneci quieta com as letras sentindo esse espaço “tenso” entre nós, porque já não éramos mais eu e ela despercebidas, mas um tipo de nós percebido, vinculado à situação que se formou ali. Esse jogo das tensões é justamente o plano do acontecimento, com a sua dimensão corpórea perceptiva, onde o sentido está exatamente nesse *entre*, nesse jogo. E aqui a ideia de perceber o corpo (em estado de espera e esquecimento) permite que o acontecimento ocorra no confronto e na aproximação entre forças múltiplas, em que o tônus “cênico” (tensão, energia) resulta num jogo dinâmico e vivo entre as musculaturas, donde a porosidade e a penetrabilidade do mundo podem agir (ressoar).

O termo “tensão” é aqui trazido como espécie de rede que localiza a esfera das relações, como energia implícita entre gestos, entre espaços, silêncios, presenças, sonoridades, imagens, pessoas...

Nos corpos e entre os corpos acontece sempre algo, e esse acontecimento se realiza no “entre”. O que percebemos como lado fenomenal do mundo não é um agregado de blocos de realidade, mas um processo. O processo vivo é relação e possibilitado por relação (BAIOCCHI; PANNEK, 2007: p. 52)

O “entre” não acontece somente entre os corpos, entre um corpo e outro, mas igualmente no interior dos corpos, no interior de cada corpo. Tensão seria como uma dinâmica que articula a comunicação e a interação conflituosa entre corpos e forças. Ela surge como diferença quantitativa e qualitativa do potencial entre corpos, forças e formas concretas

ou abstratas. Os corpos geram tensões e, ao mesmo tempo, as tensões engendram os estados dos corpos. Elas podem afetar não somente os corpos imediatamente envolvidos, mas geram atmosferas tensivas, esferas de afetos que influenciam outros corpos (contágio, ressonância) (BAIOCCHI; PANNEK, 2007). Essa dinâmica tensiva faz parte da dinâmica relacional, do encontro entre os corpos na arte. “A rede tensiva talvez seja mais relevante do que o estado particular de cada corpo, uma vez que um corpo qualquer e seu estado não podem ser concebidos fora da relação.” (BAIOCCHI; PANNEK, 2007: p. 87)

A tensão ressaltaria então o aspecto ativo e dinâmico de cada relação. Nesse sentido, penso a participação e o encontro na arte contemporânea, dentro dessa esfera tensiva que recebe e impulsiona o corpo (qualquer corpo: artista/passante) como dimensão processual que passa por (e percebe) sensações corpóreas sinalizadoras de alguma realidade possível e imediata, estados mutáveis de tensão. Estes se devem às interações de suas relações ambientais internas e externas, o que nos aponta a necessidade específica de observar que tipo de jogo, que tipo de contato, que tipo de relações se estabelecem quando, em ação artística, opera-se em situações e espaços não institucionalizados, e que, fora dessa posição, terão outros circuitos, outras circulações, outros desenvolvimentos e relações. E poderão abrir formas distintas de vivenciá-las, as quais não existem a priori nem são identificadas como tais. E se elas não existem pode ser necessário criá-las, e isto é uma realidade.

Figura 21 - Placa de trânsito A-44



A-44 Vento lateral

Fonte: Internet (2021)

Vejo um casal. Boto reparo nele

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Eles estão sentados, juntos, com as mãos amarradas. Seguram a vida na face. A gravidade parece agir de pronto nestes corpos conduzindo o olhar ao chão. Entre flutuar e pisar estão. Curvados entre si, um para o outro, um no outro. A vida ali se esvai a cada dia que nasce e a cada noite que chega, em amor essa duração se amplia. Escuto seus sorrisos entre a respiração. A morte não é inimiga.

Figura 22 - Filho



Fonte: Kelly Santos (2014)

Sento-me com Victor e Cinthia. Ambos têm setenta e poucos anos, oitenta e poucos anos.

Estão de mãos dadas, eu me aproximo a perguntar: posso? Eles sorriem e me dizem: ô sim, por favor...

Eu tiro a máquina de escrever e coloco uma folha, eles se exclamam e me perguntam por que estou com uma dessas nas mãos. Digo que quero escrever nosso encontro, se eles aceitam. Sim, sim, claro. Que bom. Que bom.

Victor diz: sabia que somos namorados? Eu sorrio e vejo a alegria e a faísca entre eles, uma energia viva e presente em seus corpos. Ele conta que numa viagem à Caldas Novas eles se conheceram, viajaram no mesmo avião. Cinthia diz que não o viu no avião, que só o viu quatro dias depois no hotel. E repete pelo menos algumas vezes o gesto do número quatro em sua mão direita.

Cinthia diz que no almoço, percebeu alguém passar por ela e depois sentar-se ao seu lado, onde ela estava com sua filha. Este homem, o Victor aproximou-se e ela quis se enfiar por debaixo da mesa de vergonha. Disse que ele pediu seu telefone e a filha o deu.

Passados alguns dias em São Paulo já, Victor ligou uma vez, duas, três, e já estavam há alguns dias a conversar pelo telefone. Um dia, ela estava com a filha, ele ligou e a filha atendeu. Disse para ela pedir à mãe que fosse até a janela e que olhasse a lua, pois que ele a olhava (a lua) e pensava nela (a Cinthia). Cinthia resistiu um tanto e, finalmente, foi ver a lua.

Eu vi, ela disse. Olhou para ele com algum sentimento que só cabe a eles e me retornou um olhar de cumplicidade. Essas coisas não costumam acontecer... Não achava que a vida ainda tinha algo para mim.

Foi algo divino que nos apresentou essa outra vida... Eu tive medo, uma resistência de pensar: mas agora, eu viúva? Já não pensava mais nessa vida, mas é bom saber que sim, que dá para fazer sentido para alguém... Dá para mudar a vida de outra pessoa. E como lidar com essa recepção? Com esse aceitar? Eu posso?

Você é repórter?

Não... Ela não é... (ele disse antes que eu pudesse responder qualquer coisa) Não, o jeito que você chegou e sentou não tinha como te dizer não. Acordou em nós muitos sentimentos essa conversa com você. Eu gosto de conversar com você (ela me diz). Um diz para o outro: ela é sensível, que coisa essa menina...

Victor e Cinthia

04 de dezembro de 2014

zona leste de SP

uma praça

16h23

Escrita pós-encontro, impressões do encontro e

Da escrita feita com alguma distância do encontro

Este encontro foi marcado por uma esfera afetuosa e leve. Ao me aproximar do casal, eles pareciam já estar me esperando, como se apesar de estarem ali juntos e conectados, também tivessem já percebido a minha presença e queriam se relacionar. Expor o amor ao mundo, assim senti. Senti como se tivesse sido convidada a entrar na casa, sentar-me na varanda e tomar um chá. E isso me exigiu coragem e gesto a partir da minha sensação de um possível convite. A minha pergunta foi: *posso?* E tão logo um banco se abriu para que eu me sentasse. Eles deram dois pulinhos para o lado, sem se separarem, para que eu pudesse estar perto. Eles pareciam estar “dentro da vida”, num tempo próprio a eles, na velhice deles, de forma acordada, viva.

Esse encontro não me permitiu escrever tudo o que eles disseram, pois eles falaram muito e contaram com excitação sobre como se conheceram, sobre onde moravam, sobre o que gostavam de fazer, de comer, sobre o que pensavam e como estavam vivendo o dia a dia na velhice e sobre detalhes específicos do processo diário de corpos que estão menos densos. Não havia tempo hábil para o registro justo, da escuta exata da palavra

dita, eles se contaram como se eu fosse psicografar a vida deles, como uma escritora preparada ao registro, como se estivesse à disposição deles, onde o foco eram eles e ponto final.

Aqui, o jogo, a relação, foi baseado na ação de compor o que eles me davam. Eu mal me sentei e eles dispararam a falar. Eu estava ali como alguém que psicografava uma história contada sem pausa, *escutando escrevendo* sem tirar as mãos da máquina. Escrevi rápido, atenta, tensionada a eles pelo fio narrativo; o mais importante para eles era contar a história por meio de suas vozes, como a história é, cheia de fragmentos, discordâncias, aproximações e invenções. Nossa relação, inicialmente, se deu entre corpos e palavras. Eles assumiram o lugar de narradores, sem se preocuparem muito com o tempo entre a narração e sua escrita. Sorriam sempre e se divertiam enquanto se contavam enquanto eu me perdia em “seus causos”. Poderia não ter fim esse encontro, tamanha inventividade esse casal apresentava no gesto de se dizer sobre uma vida longa e que segue.

Percebi que o nosso estar, a situação ali disposta, chamou a atenção de muitas pessoas que estavam na mesma praça, revelando alguma qualidade dessas presenças e a eficácia da comunicação *entre*. Percebi que pessoas se divertiam com a nossa diversão, pois ríamos alto e juntos e chorávamos breve. Geramos alguma curiosidade nos/nas passantes, estávamos presentes e alargados, assim eu sentia. Quando eles começaram a buscar fotos 3x4 das carteiras para que eu conhecesse parte das famílias, senti como se os outros, os/as passantes, estivessem desejando também ver, também conhecer e participar (pensei em como triangular com tais passantes as imagens que eu via em fotos).

Aqui, o foco reflexivo está voltado para aquilo que acontece entre os corpos, isto é, para o *entre*. Nada existe fora desse jogo tensivo/relacional, o que se percebe são graus

distintos de envolvimento, contato e interação. A questão que se apresenta então é, ao se reconhecer isso, como interagir com as presenças, suas qualidades e intensidades? Como considerar essas instâncias como modos de participar e encontrar, como compreender as singularidades de cada participação como geradoras de experiências artísticas?

Trocamos sorrisos e olhares cúmplices, eu, Cinthia, Victor, pessoas e coisas. Ao escrever agora sobre este dia, sinto o vento que ora ventava leve ora ventava forte nas árvores e folhas secas salpicando no chão, o som dos cachorros latindo e seus movimentos entre ir e vir, as pequenas risadas de crianças soltas e vozerios incompreensíveis mais distantes desse ambiente, isso tudo ficou guardado em mim como um instante expandido, ao mesmo tempo estranho e familiar. A situação se ampliou em tamanho, ocupou maior espaço relacional.

Tínhamos, de certa forma, um público participando, em outras funções até então desconhecidas para mim. Sempre existem pessoas curiosas com a situação colocada na rua, mas dessa vez estas pessoas também entraram na ação compondo uma dimensão sutil de contágio (?), revelando (talvez) um tipo de pacto testemunhal, um tipo de acordo construído pelo próprio acontecimento do encontro (?).

Cruzei ainda com essas pessoas no final desse dia de ações e elas continuaram a trocar, a sorrir e a me presentear com alguma abertura respeitosa. Como se uma relação pudesse ser estabelecida a partir de agora de outra forma entre nós. Conversamos, mas sem palavra alguma. Nos juntamos, sem nos aproximarmos efetivamente. Mas não pude deixar de perceber que uma linha se compunha entre nossos corpos, ampliando nosso campo de relações. Possivelmente a linha tensiva que estimula a percepção da ressonância entre corpos.

Como artista propositora me desloco em funções nessas ações, e aqui, nesta situação específica, passei a ser vista, junto a Cinthia e Victor, como parte de um acontecimento. Mas qual paisagem compusemos? O que de fato essas outras pessoas viram, sentiram, escutaram? Como afirmar ou dizer sobre as participações envolvidas? Esse tipo de ação não opera na lógica da representação, não se trata de algo a ser assistido, mas experienciado. E, de certa forma, esse acontecimento convocou outras pessoas a se sensibilizarem com o íntimo e miúdo que nosso contato pode gerar em ressonâncias. Ficam perguntas, ficam essas ressonâncias, sigo com elas mesmo agora, enquanto as resgato em memória.

Sofro uma ternura como se um deus visse. (PESSOA, 1999: p. 102)

Exercício de imaginação, pode ser ficção

A vida em si é sempre o que já foi. Animo-me em sair da cama e perceber a pele esticando-se em mim, gerando a sensação de ser um corpo que resseca a cada dia. Isso é percebido agora como o próprio existir. Sento-me. A cama parece maior a cada manhã. Ao me levantar pareço desequilibrar um pouco ao tirar um dos pés do chão, não caio, nem me recuso a perceber esse fato, sorrio enquanto envelheço mais pela manhã. De manhã é o momento mais lento, em que devo fazer as coisas com parcimônia. Devo observar que o meu tamanho é menor que o de ontem à noite. É preciso fazer isso, essa observação do real, senão me iludo com a vida que ainda está. Ao longo do dia recupero um tantinho só de uma altura para cima, bem pequena, pequenininha. Não tem problema, estou aceitando essa diminuição, esse recolhimento, não me dói. Já meu coração parece estar maior, bate mais largo e para os lados, e percebo o seu movimento no peito, na pele por fora do peito. Às vezes, ele parece querer sair de mim, alcançar alguém que fora está. Tento disfarçar quando converso com a Ruth, a vizinha do 4º andar. Ela se estremeceria se contasse a ela sobre o meu encolhimento. Ela sofre de velhice. Não aceita e sente dores por todo o corpo, chora e reclama a ausência dos filhos, tem três. Eles nunca a visitam, só telefonam. Ela chora miudinho no fim de tarde. É sempre nessa hora que toco a campainha dela, levo um chá de abóbora, cebola, cenoura e repolho ou nabo. Esse chá acalma o corpo e a memória. Recoloca a lembrança dentro do peito. Ela para de chorar e toma-o morninho. Me agradece e rimos um pouco. Se ela perceber meu coração batendo forte desse jeito, vai sofrer como se eu fosse morrer ali mesmo, na frente dela. Eu também passei a escutar o meu coração bater. Nunca antes, em momento algum da vida, isso já havia acontecido. Nunca escutei meu coração bater. Mas, hoje em dia, é a música que escuto. Ele bate num ritmo engraçado, meio descompasso e volta ao compasso. Sinto até umas cócegas nesse embalo entre compasso e descompasso. Escuto

o som do coração e aproveito para fechar os olhos, mas tem de ser sentada, senão caio. Meu coração tem me dito algumas coisas, ainda estou a decifrar e passei a escrevê-las. Ainda não mostrei para alguém, ainda guardo numa gaveta ao lado da cama. Essa escrita é só minha, por enquanto. Meu coração tem me dito coisas sobre a vida. Meu coração tem me contado sobre o dia que se inicia e como devo aproveitá-lo. Tem me dado dicas de humor para estar no corpo recolhido. Tem dado poesia para perceber o meu ressecamento de forma bonita. A vida, em si, passou muito tempo sem escutar o coração, só isso me entristece um pouco, só um pouco, pois só agora, nesse tempo em que habito, descobri esse silêncio.

Para Clarice Lispector (1998) o silêncio é a respiração do mundo, o “entre” de todas as coisas e todos os seres.

Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia, por mais juntos que estejam, existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio (LISPECTOR, 1998: p. 98).

Em algum momento dessa mesma ação, um outro senhor sentou-se bastante próximo a nós, em silêncio. No banco de trás, de costas para nós. Percebi sua chegada tímida, escapando dentre os outros curiosos, com a coragem da aproximação. Talvez. Este homem usava uns óculos com muitos graus, como costumamos dizer, óculos “fundo de garrafa”, pensei se era esta a razão do seu gesto de aproximação. Em algum momento olhei para trás, sob meu ombro direito, e ele me fez um sinal com a cabeça, que eu entendi como um convite a ser o próximo da ação. Consentí. Me despedi de Victor e

Cinthia como quem volta na semana que vem, sem tchau, sem adeus, só com grandeza no corpo dentro/fora e, de alguma forma, ainda conectada por uma linha imaginária a eles. Ao mesmo tempo, com uma sensação de pequenez justa, um reposicionamento de tamanhos e formas. Talvez com algo a que posso chamar agora de alegria (alegria tensiva?)

O conforto de ser pequeno e de poder pensar em ser feliz. (PESSOA, 1999: p. 36)

Figura 23 - Placa de trânsito A-12



A-12 Interseção em círculo

Fonte: Internet (2021)

(Não foi possível fotografar Josué)

A conversa migra para o Josué que havia se aproximado para me contar que fez curso de datilografia e que fazia tempo que não via uma máquina como a minha.

Eu digo: toma, escreve um pouco. Ele pede para eu esperar que fosse devolver o jornal. Eu espero. Ele volta, senta-se, tira sua mochila com um chapéu grande do banco e me dá um lugar. Eu sento. Eu coloco a máquina em seu colo, espero. Ele puxa a mochila, a coloca por baixo da máquina, a arruma, organiza o seu "jeito" para começar a escrita. Olha para mim e diz:

Minha conversa com você não será o que você espera... Eu pergunto: *o que eu espero?*

Ele diz, não será como essa que teve com o casal aí atrás (Victor e Cinthia).

Eu tenho depressão.

Eu só faço aceno com a cabeça e respeito até ele continuar.

Ele diz: você sabe como é a depressão...

Hoje eu to aqui falando, amanhã não falo nada. Sou muito tímido. Não costumo falar muito. Sou para dentro, introvertido... Mas a máquina...

Sabe que eu lembrei, vou te contar, lembrei-me do dia em que o homem pisou na lua, eu fiquei tão eufórico com isso, não conseguia dormir, fiquei acordado horas e no dia seguinte tinha a tal prova de datilografia. Então, fui fazer a prova com muito sono, estava acabado. Não esqueço do homem na lua e eu fazendo a prova na máquina...

Eu não falo muito, as pessoas pensam até que sou arrogante... Eu tenho problema de visão (ele me mostra três óculos com lentes muito grossas e

que ele troca a cada tempo, coloca um depois o outro e outro...) eu só observo.

Ele está com a máquina no colo, às vezes escreve algo, para e conversa e conversa comigo e a máquina no colo, guardada por ele. A máquina de datilografia, eu a observo como uma criança em seu colo, ele a segura com carinho, com afeto, com encaixe. Não há como retirá-la do seu colo. Acho bonito, curioso. Ela fica ali em seu colo e eu a olhar. Eu também recebo este colo. Ele me conta que também tem problema de audição. Disse que o problema é o "ão", deve ser... Visão, audição...

Sou tímido, não falo muito...

Eu fico me sentindo um peixe fora d'água, acho bonito isso que você faz...

A arte está fora da necessidade das pessoas. Se eu tivesse tempo escreveria sobre como as pessoas ficam no celular, o tempo todo, no ônibus, no metrô...

Antigamente, as mulheres bordavam no ônibus, agora estão no celular e nem si para que... Onde estão? Eu sou um peixe fora d'água...

Josué

04 de dezembro de 2014
zona leste de SP
uma praça

Escrita pós-encontro, impressões do encontro e

Da escrita feita com alguma distância do encontro

A chegada de Josué foi quase um modo de interromper a ação anterior. Isto é algo que se diferencia a cada encontro: a forma como cada encontro termina. Como é a pessoa quem define esse término, as ações têm durações bastante variadas. Podem terminar numa só frase como durar uma tarde inteira e ainda continuar na semana que vem ou um mês depois, ou mais. Neste dia, a sensação que me convida a escrever sobre este fim, não aponta uma finalização de fato entre o encontro entre mim e Victor/Cinthia ou o encontro entre mim e Josué, mas uma circulação, uma continuidade, uma passada de bastão, algo que ressoou entre todos nós e que permitiu, em alguma medida, a aproximação não somente entre mim e Victor/Cinthia ou entre mim e Josué, mas entre Josué, Cinthia e Victor. Eles passaram a se olhar, a se perceber, a se sentir de alguma forma.

Eu havia avistado Josué mais distante de nós, percebendo a situação e rodeando nosso espaço, antes de aproximar-se de fato e de sentar-se junto a nós, ele nos rodeou. Fez, à sua maneira, uma escuta, uma leitura sobre o que ali estava acontecendo. Josué encontrou uma forma de “finalizar” a ação com Cinthia e Victor (ou simplesmente mudar a escala sonora e a ambiência contextual). Estes não teriam se despedido ainda, caso Josué não tivesse “entrado” em nosso campo, de costas a costas, de banco a banco. Nós quatro, de alguma forma, consentimos que o momento havia agora de se transmutar para uma nova escuta: a de Josué.

Com alguma vontade crescente ele chegou até nós. Como se não tivesse controlado o próprio gesto quando finalmente entra na ação. Interrompeu quase sem querer interromper, “escapou”. E se lembrarmos da ressonância comentada acima, do contágio

que pareceu ativar uma esfera ampliada para além de nós três (Cinthia, Victor e eu), pode ser que Josué tenha sido capturado por esse campo. Pode ser.

A tensão aqui apresentou-se como uma corda circular, uma espécie de espiral, ativando uma realidade específica, compondo uma paisagem. Essa realidade que se estabeleceu, partiu, possivelmente, do ativamento de uma dimensão perceptiva das sensações, da escuta destas de forma concentrada, do processo perceptual corpóreo percebido pela/na artista pesquisadora e que afetou, por sua vez, não somente os corpos imediatamente envolvidos na ação, mas o entorno, tensionando outras tensões e causando novas tensões, reconfigurando o próprio espaço-tempo.

A função do/da artista aqui é simplesmente disparar a abertura de realidades perceptivas pelo ativamento de uma esfera de atenção às sensações, e não conduzir tais realidades, que se abrem pelo gesto do recolhimento dessa escuta, acionando uma presença específica para *estar com*. E que convida, inevitavelmente, a presença e a participação de outros corpos, estes podendo ou não responder (de formas singulares) ao que ressoa.

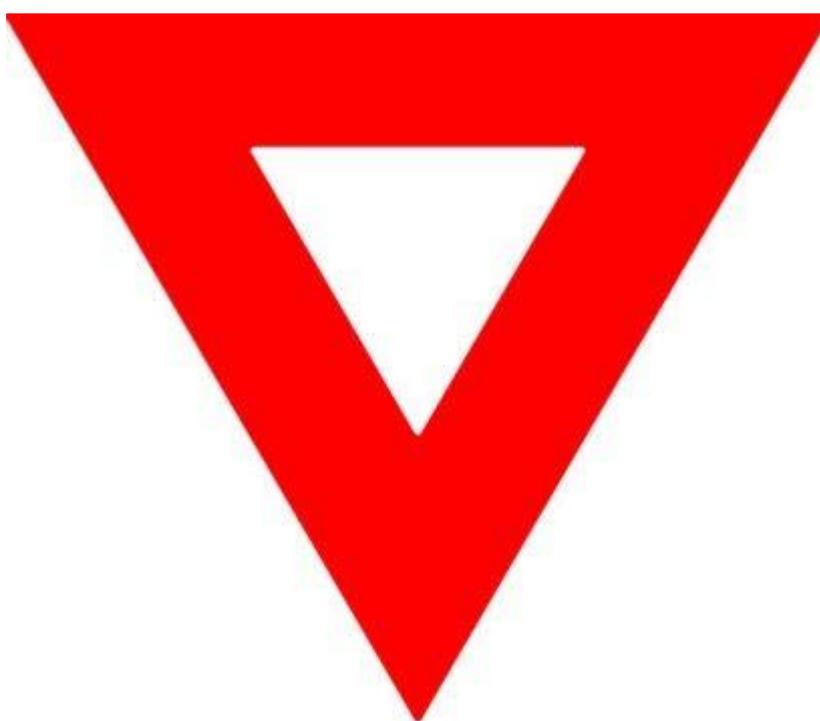
Trata-se de uma situação de contágio mútuo que interfere no aspecto ambiental da ação, a sua dimensão ecológica, o ambiente que envolve e que permeia de modo inevitável todos os presentes que se deixarem afetar, embora afete cada um a partir de uma perspectiva específica. Dependendo da possibilidade de perceber a vida nesta esfera da ação artística que se insere no cotidiano comum, acionando a esfera da percepção (a situação de vida de cada transeunte, suas sensações corpóreas, sua respiração, suas relações sensíveis, materiais, emocionais com o mundo).

Exercício de imaginação, pode ser ficção

Ele caminhou seus passos com precisão. Decidido. Atravessou a rua. Entrou pela porta giratória de vidro e logo passou pela recepção. Havia feito a reserva do quarto 42 pelo telefone. Se perdeu um instante ali mesmo, no hall, antes de voltar à recepção e solicitar a chave do quarto. Sentiu um pouco de fome, estranhou essa fome a esta hora, em que a decisão já estava tomada. Retirou as chaves, não havia bagagem nenhuma, disse ao recepcionista. 4º andar. Subiu no elevador sozinho, sem tempo para conversar sobre qualquer assunto, sobre como está o tempo lá fora, com alguém que não conhecia. Ninguém entrou, somente ele mesmo e uma câmera. A olhou. Pensou se alguém o via pelo outro lado, talvez o recepcionista que acabara de o receber. Piscou duas vezes por baixo da lente grossa de uns óculos que acabara de comprar a duas quadras dali. Franziu a sobrancelha duas vezes, contorceu o nariz também duas vezes e voltou a olhar para o chão. A porta se abriu, saiu do elevador. Olhou para a direita e viu um longo e fino corredor, com papel de parede cor ferrugem e vermelho, um pouco envelhecido. Exatamente como se lembrava. Olhou para a esquerda e a visão era a mesma, só que para o outro lado. Então caminhou a passos curtos e tímidos pelo corredor buscando a porta cujo número era 42. Introduziu a chave que agora já não era como ele a conhecera, era um cartão magnético, por isso demorou mais que o esperado para abri-la. Depois disso, com a porta aberta, entrou. Passou pelo pequeno banheiro. Observou a cama arrumada, uma mesa aos pés da cama e uma janela que dava vista a uma rua movimentada o suficiente para . Sentou-se na cama e se viu num espelho que antes ali não existia, sobre a mesa, em frente à cama. Essa visão não o interessou. Não gostava de se ver em espelhos. Sua intenção nunca foi a de se ver, mas de se esconder de si mesmo, para dentro de um dentro que não cabia nem em si. Há anos escondia-se de si e evitava relações. Sabia fazer isso como ninguém. Sabia passar despercebido e fomentar

pensamentos tão fundos que num determinado momento da vida, não lhe foi mais possível retornar. Ele era somente pensamento, não havia corpo, nem vontade, nem caminho. Caiu para dentro do de dentro. Respirou com certa dificuldade e percebeu que suava pela testa. Secou com a própria mão e logo se posicionou em frente à janela. Lá embaixo, uma criança pequena corria atrás de uma bola pela calçada, dois homens conversavam enquanto fumavam seus cigarros e riam alto, uma mulher bastante grávida andava com certa lentidão e cambaleando, 5 pombos comiam restos de comida no chão e mais 3 estavam no fio de eletricidade bem em frente à sua janela. Dessa altura, ele pensou, as coisas são insignificantes. Ao abrir o vidro que ainda o protegia do som que lá fora inundava a vida cotidiana, ele percebeu seu coração. Batia tão pequeno que logo passou a percepção, foi desaparecendo que nem fumaça ... Sentiu o ar pesado, com cheiro de poluição de cidade, sentiu o vento tocar sua pele do rosto. Tirou os óculos de lentes grossas e tão logo teve a visão distorcida e pacientemente calma. Essa visão disforme o fez perceber seu corpo em tentativa de equilíbrio. Sem os óculos, não via, mal escutava e quase caía. A janela não possuía varanda, era só janela mesmo. Apoiou sua barriga na base inferior da janela e deixou-se cair para fora, como quem desiste e no limite se estraçalha lá no chão.

Figura 24 - Placa de trânsito R-2



R-2 Dê a preferência

Fonte: Internet (2021)

Passo Seis
Quem é o/a artista na ação?

Figura 25 – Amizade



Fonte: Henrique Schafer (2014)

Vejo um homem. Boto reparo nele

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Era um homem, que aparentava sessenta anos, nem magro nem gordo, mais baixo que alto, curvado exageradamente quando sentado a ler, mas menos quando de pé, vestido com certo cuidado não inteiramente desleixado, só um instante. Na face pálida e interessada com ar de trabalhador exagerado por toda uma vida, era difícil definir qual o sofrimento que indicava, parecia indicar vários, todos antigos, angústias longas, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter já sofrido antes e muito.

Eu trabalho. Eu trabalhava com tudo há alguns anos atrás.

Não tinha o direito de ficar doente. Eu to com resfriado há dez dias, não passa. Eu tive gripe, tomei uma super dose da dosagem. Fiquei anos sem ficar resfriado, mas o vírus ficou encubado...

Eu me aposentei e trabalhei mais doze anos ainda. Foi em mil novecentos e oitenta e sete, eu trabalhei até o ano dois mil.

Sou do interior, vim para cá com dezessete anos de trem para trabalhar. Lá não tinha emprego. Comecei a estudar e trabalhar. E morava em pensão.

Meu primeiro emprego em São Paulo foi num hotel. Lux Hotel, onde eu trabalhei. Naquela época, a hotelaria no Brasil era ainda incipiente. Olhando as perspectivas no ramo hoteleiro, vi que eu não tinha futuro ali. Fui então trabalhar no ramo da contabilidade. Era mil novecentos e sessenta e quatro. Aí meu irmão resolveu comprar o taxi. Mas não dava para comprar gasolina. Mandeí meu irmão vender o taxi. Fiz a contabilidade e vi que não dava para viver.

Conheci a Ritona, uma cearense, ela se engraçou comigo. Fiquei desempregado. Ritona me indicou ir na Shell para ver emprego. Graças a ela arranjei esse emprego. Eu fui bem omisso em relação

ao regime militar, eu ficava feliz de chegar na escola a noite e não ter aula e eu poder voltar a descansar.

Eu comecei a namorar a telefonista. Interessante, eu tive três casos na minha vida que deram azar. Acho que era o "y" de Suely. O problema do "y" ainda existe. Porque também teve a Noely, também teve problemas... Risos...

Eu frequento a academia há sete anos e conheci uma mulher que era a cara da Suely e a gente não se dá bem.

Eu, com minha experiência e idade, deveria entender. A culpa é minha.

Em mil novecentos e setenta fui promovido à chefe.

Morei em São José do Rio Preto durante cinco anos. Eu era sócio do Monte Líbano. Fazia churrasco todo final de semana. Tive três filhos. Fiz faculdade de administração de empresas e dois anos de faculdade de direito. Daí voltei em São Paulo.

Nesse instante, se aproxima o senhor Valdemar e nos fala:

- Olha, se você não souber algo, pode me perguntar. Você é professora?

- Respondo: *também*.

- Eu fui expulso, era indisciplinado. Ri e se afasta de nós.

SENHOR AUGUSTO

14 de abril de 2014

zona central de SP

biblioteca ao lado do Poupatempo

17h12

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

O sr. Augusto parecia me esperar. Ele é uma espécie de anfitrião da biblioteca. O sr. Augusto me chama com um aceno de mão e me pergunta se é entrevista, que ele quer participar. Sento-me junto a ele. Ele tem vitiligo no rosto e nos braços. Usa uma camisa de manga curta cor azul-claro, calça jeans e carrega uma carteira que está sobre a mesa. Seu olhar é intenso, olha diretamente para os meus olhos. Lia um jornal enquanto observava a minha presença com a máquina de datilografia. Ao me sentar, ele dispara a falar sobre sua vida desde que chegou em SP: Sou do interior, vim para cá com dezessete anos de trem para trabalhar. Lá não tinha emprego. Comecei a estudar e trabalhar. E morava em pensão. Conta casos da sua juventude, se emociona por ter alguém o escutando. Diz que ninguém quer ouvir os velhos, que é bom então ser escutado por mim. Sua postura na cadeira é como se estivesse em casa, está solto, curvado, leve e à vontade. Pergunta se podemos conversar mais noutro dia, pois ele tem muita coisa para contar. Eu respondo que sim e então marcamos um novo encontro no mesmo local uma semana depois.

Exercício de imaginação, pode ser ficção

Desde que comecei a estudar nessa escola me sinto mais cansado. Demoro (sic) demais para chegar até aqui, depois de ter trabalhado o dia todo, praticamente em pé. Tenho duas colegas de classe. Uma delas é daquelas que possuem bastante massa muscular, roliça, de bem com a vida. A outra é negra e se veste como branca. A gente a avisa do equívoco, mas ela diz que não se importa. Eu digo isso, pois nestes tempos a polícia tá marcando firme. Eu mesmo sou branco, alto, olhos e cabelos castanhos. Tenho lá meu charme de cara bacana. Namorei essa amiga negra antes de ser amigo. Ela era bem boa de cama, fazia umas loucuras que só mulher magra consegue. Subia e descia como um

jato, um pula-pula animado, uma criança endiabrada. Essa mulher, de certa forma, me lembra o diabo. Uma mulher porreta, com palavrão afiado na ponta da língua, sem desaforo. Um dia, a gente discutiu porque disse a ela que meus pais não ficariam felizes em conhecê-la, mas não ficariam mesmo, qual problema em dizer? Ela se incomodou com esse racismo e me deu uns bons tapas. Ao que devolvi com firmeza e a gente não namorou mais. Meus pais são do interior, nunca aceitariam uma esposa de cor, como eles dizem. Ela é gente fina, educada, mas com a vida estacionada. Mas tô contando isso porque quis dizer que eu gosto de todo tipo de mulher. Para mim, qualquer uma é boa. Eu gosto. Eu namorei muito nessa vida. Eu não pretendia me casar. Eu sou mais feliz de galho em galho. Se fiz filho, não sei. Se tive amor, não sei. Eu gosto de corpo de mulher, das ancas, das magras, das fofas, das grandes, das coxas, das curvinhas entre coxa bumbum, das virilhas, das carnes, dos peitos, os grandes e pequenos, gosto mesmo. Gosto assim. Só que sempre tive problemas com as mulheres. Elas sempre terminam comigo, ou desaparecem sem avisar nem voltar. Teve uma que me deu até indicação de emprego antes de alterar a minha vida. Fui, fiz entrevista, conquistei a vaga. Só que me engracei com uma secretária e a minha namorada, a que me indicou o emprego, enfureceu as bifas e apareceu lá no trabalho. Me esperou sair, acendeu um cigarro e quando nos viu, eu e a outra – a secretária – apagou seu cigarro no ombro da fulana, pode? A bicha era do candomblé, ou umbanda, não sei, não entendo dessas coisas. Mas desde que esse episódio aconteceu eu não consigo mais subir, sabe? Os troço aqui ficaram mais devagar e só com o remédio é que consigo ereção. Verdade. A mulher me botou uns vodu e me fodeu o esquema. De lá para cá, tinha que começar com os investimentos de carícias, beijo na nuca, pescoço, mão aqui e ali e dizer que precisava urinar. Ia e voltava com a pílula tomada e dizia que era a hora de beber. Tudo no esquema do tempo da medicação. Quando, finalmente, percebia o bicho acordar era hora de catar

a mulher e cair em cima. Se demorasse nesse tempo, também não era bom, amolecia logo. Até que um dia, tomei a pílula, engajei no tempo e quando fui para cima da moça ela começou a chorar e tal, eu senti uma angústia. Aquilo ao invés de me irritar, me deu uma emoção que me comoveu. Casei com ela, não no papel, mas dividimos casa. Não transamos nunca. Ela não gosta, acho que é isso. E pra mim é bom ter alguém sensível que precisa de colo e conversa. Eu escuto, dou conselho, choro também. Foi com ela que aprendi a chorar, agora a gente exercita isso, chora junto.

Da escrita feita com alguma distância do encontro

Semanalmente estive agindo nessa biblioteca no centro de São Paulo, a ação durou dois meses neste local. A cada semana, o sr. Augusto me recepcionava, em pé, na porta de entrada me cumprimentava e já me anunciava, apontando com a mão direita, com quem eu deveria conversar naquele dia. Ele já havia “preparado o terreno”. Como ele mesmo me dizia. Aquilo me fazia perceber, pelo tom de sua fala e por algumas palavras ditas por ele, que não considerava necessariamente a ação que eu fazia como “arte”, mas como “conversa”, como “entrevista”, como “psicóloga”, como alguém que precisava de uma ajudinha, inclusive. Me tratava como “menina”, *a menina chegou*, ele dizia alto quando eu aparecia na entrada da biblioteca.

Ele deixava seu jornal de lado e já se levantava pomposo, não mais curvado, mas elegante e anfitrião daquele lugar, atravessando as mesas e cumprimentando os outros velhos. Eu sentia como se ele tivesse, inclusive, uma certa pena da minha situação... Ele construiu uma ideia de que precisava me ajudar a fazer o que eu fazia. Assim, eu recebi essa nossa relação como parte da *ação* dele na *ação* nossa e como parte do inesperado da situação artística provocada. Tornamo-nos compadres, sentia-me esperada por ele e ele nunca

deixou de estar lá. Em algum momento ele me pediu o número do meu celular para me avisar caso não conseguisse estar presente na semana seguinte. Eu passei o meu número e nos falamos algumas vezes desde então por telefone, só para saber como estamos e lembrarmos algo juntos. Ele nunca precisou me avisar da sua ausência, pois esta não aconteceu.

Aqui, a ideia de participação está muito além de esperar que o/a espectador/a complete a obra com a sua presença, revelando o potencial da primeira como apontado por Bourriaud em seus escritos sobre a “estética relacional”. Essa participação deixa de ser um ato específico, muitas vezes efêmero, com duração própria ao encontro ou com duração estabelecida pelo/a artista; a participação está centrada aqui nas formas possíveis de comunicação¹⁶, estas encontradas através das relações e transformações pelas quais esse contato entre artista e espectador(a) podem gerar. Não se trata de provocar ação ou reação no público, trata-se de conviver e se deixar ser atravessado/a pela memória de outro que se conta.

Está claro que essas propostas interpelam o Outro, isto é, o desconhecido e, para tanto, há de se inventar diferentes exercícios nos quais se torna possível investigar essas formas possíveis de comunicação. A arte, nesse sentido, estaria centrada muito mais no exercício dessa procura por contato, via memória, com o outro: “a arte é um exercício e não uma obra”, como diria o artista espanhol Isidoro Valcárcel Medina (1994).

Medina é um artista conhecido por fazer projetos, planejar situações, desenhar mapas, caminhar pela cidade, entrevistar pessoas, conversar, para, por fim, contar estas

¹⁶ “co-mu-ni-ca-ção (latim *communicatio*, *-onis*) substantivo feminino 1. Informação; participação; aviso. 2. Transmissão. 3. Notícia. 4. Passagem. 5. Ligação. 6. Convivência. 7. Relações.” “comunicação”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/comunica%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 23-06-2021].

histórias. Suas ações, assim como as circunstâncias criadas em suas ações, foram raramente fotografadas, como é frequente em projetos de vários artistas contemporâneos dedicados à performance. Para documentar suas ações, o que lhe interessa seria o potencial nas estórias, a possibilidade de narrar, como ele disse na entrevista *La memoria propia, es la mejor fuente de documentación*¹⁷ (1994).

A nossa memória é a melhor fonte de documentação. Entre outras coisas pela economia, facilidade, comodidade e proximidade. Se falta é porque não era necessário conservá-la. Com a memória não existem coisas como o empréstimo ou a perda. Temos ou não temos algo nesse arquivo se é útil e necessário, ou não temos e pronto (MEDINA, 1994, p. 32, tradução minha).

E o que esquecemos? O que fica desses encontros? Tendo o encontro como risco, como exercício de contato, como aposta, além de palavras no papel, o que fica? O papel deixa lá, aponta a quem o lê o que aconteceu neste risco, em passagem, mas aqui, na pretensão de ampliar as ideias de encontro e participação na arte, apontamos a especificidade da relação memória-acontecimento-escrita como sustentação do encontro. Mas e o que fica para além daquilo que é narrável, para além daquilo que é, que aparece? O que fica nas camadas do corpo? No sentimento que segue, o que fica? O que fica e se altera nas camadas da lembrança, quando esta é colocada também em risco ao se contar para alguém que não se conhece? O que nos acontece nessa duração, nessa presentificação marcada pelo passado que surge como comunicação presente?

¹⁷ MEDINA, Valcárcel. *La memoria propia es la mejor fuente de documentación*. Entrevista con Isidoro Valcárcel Medina. **Sin Título**, n. 1, 1994.

A lembrança é convocada aqui como método para essa escrita. Lembrar como poética¹⁸. Nessa poética da lembrança, a memória se apresenta como resgate subjetivo do passado que é projetado para o presente no momento em que se recorda algo com alguém. A memória excluiria elementos da realidade e, portanto, desvelaria também os esquecimentos. As narrativas aqui apresentadas estão baseadas em memórias de histórias de vida filtradas pela subjetividade, construindo um imaginário sobre o próprio passado, somando-se aos fragmentos da realidade, aos sonhos, alguns medos, aos desejos, às fantasias etc., com o diferencial que isso acontece no estar com alguém, com o desconhecido, com a permissão de se contar, de inventar ou de esquecer sem consequências.

Portanto, trata-se de se despreocupar especificamente com fatos racionais gerando a possibilidade de esquecer-se de si, de apresentar, ao mesmo tempo, um exercício de se buscar fatos vividos enquanto pode-se criar uma narração para sobrepor à realidade, uma narração livremente criada e fundamentada na evocação da memória no encontro com alguém, num lugar qualquer da cidade, num momento solto do dia. E, nessa relação, pode-se (re)compor imagens, (re)inventar a si mesmo(a), (re)construir a memória sobre si mesmo(a) e, fundamentalmente, pode-se agir artisticamente em passo com a vida, experimentando a arte como uma situação complexa que agencia pequenos acontecimentos entre artista e transeunte, sem saber exatamente quem determina este compasso no encontro.

¹⁸ Poética, no sentido de trazer à tona a ideia de que cada criação carrega a singularidade, o modo íntimo de cada um/uma, a fim de se comunicar pela linguagem artística. Perceber essa poética é conhecer o processo criador, o repertório cultural, as escolhas e caminhos, os procedimentos e inquietudes, lugar e relação com o mundo.

Ainda, a memória, ao revisitar fatos na vontade de dizê-los a alguém, pode também desvelar o que se escondeu ou o que se quis esconder. Decorre daí a possibilidade do enfrentamento das histórias oficiais que deixam ao esquecimento a versão dos excluídos pela história dita oficial. Nesse sentido, a arte pode ser uma ação de resistência na qual o(a) artista questiona a “história”, seja a história pessoal, seja a história coletiva e acende a possibilidade da dúvida e de questionamento aos que experienciam a obra/encontro. A memória, seja individual ou coletiva ou mesclada entre essas duas perspectivas, poderia se converter em um gesto de conservar, atualizar e também reinventar o passado.

O sr. Augusto abria o acontecimento, em si, ele já era seu disparador. Este sr. traçou a ação artística durante esses dois meses e, em alguns momentos desse período, também voltou a se sentar e contar-me as suas coisas, os seus casos, tornando suas histórias/estórias mais fundas e acessíveis para mim. Revisitamos pontos de sua história algumas vezes e ele mesmo se percebeu me dizendo: mas não é que agora eu me esqueci? Vou ter de começar tudo de novo, do começo. E a cada vez que retomava, ampliava ou reduzia partes do já dito, acrescentava partes outras, sentimentos mais densos ou simplesmente esquecia e seguia, de certa forma, inventando seus passos em minha escuta.

Figura 26 – Varanda



Fonte: Galeria Mezanino (2015)

O que você quer saber? Que eu tô com dor, que eu tô cansada?

Ah, minha filha, com filhos grandes, briga com os filhos... Aí já viu. Tô vindo do médico, do endócrino... Mas tem que agradecer a deus, tô andando então... Tem que agradecer a deus. A única coisa que a gente adquire nessa idade aqui é experiência, ficar velho, ficar feia, num tem velho bonito, né? É raro...

Tenho uma filha que mora na Suíça, um neto que mora nos EUA, mas a gente se fala todo dia por whatsapp, Viu minha filha...

Eu adoro ficar com meu filho, ele não tem um pingão, coitado... Garoto de praia, agora ele arrumou uma moça, que eu gosto muito, adoro ela. Ai se ele fizer alguma coisa com ela... Ele fica bravo que eu defendo ela... Eu gosto de ficar com ele porque ele me faz rir muito, muito engraçado.

Agora a filha que ficou aqui, a gente não se dá muito bem não... Muito metida. Muito trabalhadeira, viu? Dinâmica...

Você sabe que apartamento é cortiço vertical, né? Tem muita fofoca. Cuidado com o que escreve aí, né... Tem muita fofoca...

Eu tenho um companheiro, mas não é para sexo não, é para sair, passear... Mas ele é muito sério, ele me disse que me pagaria a minha passagem para Recife... Chegou no shopping para comprar a passagem ele começou a dizer que a passagem da Tam tava muito cara. Eu disse para ele: pode parar...

E, minha filha, se eu te contar minha vida você chora.

Fui casada por 28 anos, depois me separei dele, mandei ele embora. Quem tem dois dentes é rei... Lá em Juquitiba, tanta gente feia que é assim...

Minha amiga contou de mim para o psicólogo e o psicólogo disse:

- não larga dessa sua amiga não que ela te cura!

Meu ex marido queria lá em Juquitiba uma mulher, tomou um tiro do lado do saco, ô cabra ruim... Por que não acertou, o saco mesmo?

Agora eu tenho um novo, mas não é para sexo não, quem vai querer sexo com velho...

Minha mãe dizia que tem que se ter um chapéu em casa que já mostra respeito, não precisa ter homem, só o chapéu já dá respeito.

DONA

Galeria de Arte Mezanino

27 de julho de 2015

14h16

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

Dia 27 de julho de 2015 escutei essa senhora. Enquanto eu escrevia na máquina de datilografia, ela passou por mim, andando devagar com uma bengala, olhou-me como quem desconfia. Rosto divertido, olhar curioso, boca solta de palavra dita, nenhuma engolida. Eu estava na calçada de uma galeria de arte em São Paulo, fazia a ação *Performance de uma pessoa escrita* desde o ano de 2013 e, naquele dia, era a primeira vez que a ação saía da rua e ia para uma galeria de arte. Essa senhora possuía um ar diferente, uma segurança em si que expandia o seu tamanho. Ela me chamou atenção pela forma que se sentou ao meu lado, como se sentasse em sua própria casa, pela forma que apoiou sua bengala e depositou suas coisas demarcando o seu “lugar” comigo, bolsa e casaco na mesa e cadeira, pela forma que encarou a ação como um convite a sentar-se e se dispor ali, como uma continuação de sua residência. Ela morava a duas quadras da galeria, e sentia-se íntima daquele espaço, disse, apesar de nunca ter entrado na galeria antes.

Exercício de imaginação, pode ser ficção

A vida dela era olhar no relógio de tempo em tempo para acompanhar a chegada do marido. Isso acontecia toda manhã, ainda madrugada, antes de sol nascer. No escuro do dia que se iniciava ela media as horas da espera enquanto sentia uma aflição que ocupava a pele. Sentia vontade de gritar antes das 5 horas da manhã. Sua garganta doía porque gritava mesmo em silêncio, um grito esganiçado interno que vibrava as cordas vocais. E que arrebatava, aos poucos, o coração. Sentia raiva de si mesma. Todo dia, de manhã. Era essa a pior hora do dia. Quando abria os olhos mal descansados e no susto, porque antes, à noite ainda, já sabia que esse ciclo se repetiria. A cada manhã. Abria os olhos já

com pensamento. O pensamento chegava antes de perceber o som ao redor, antes de perceber o quarto dos filhos ainda em sono. Levantava-se, seguia em passos duros até a pia do banheiro e lá jogava água no rosto para ver se morria. Chorava. Descia até a cozinha e fazia um café preto, bem forte. Em jejum, o tomava quase num gole só. Sentia esse calor queimar a garganta, mas não ligava. Precisava mesmo de algo que a machucasse tanto quanto sentia no peito essa dor. O marido revezava essas voltas para casa. Quando estava em casa, saía para o trabalho por volta das 7h30 da manhã. Seu turno seguia até às 18h. Tinha dia que voltava para casa umas 20h30, tinha dia que voltava às 20h30 só do dia seguinte. Quando vinha, era carinhoso, sorridente, cheio de disposição e fazia com que ela se sentisse amada. Quando não vinha, sua imaginação rompia qualquer contexto possível e sentia como se caísse sem fim para um buraco escuro, eterno. Certa manhã, ela acordou mais cedo ainda do que de costume. Se vestiu com a melhor roupa que tinha, um vestido azul éter de sarja com botões de madeira no decote e sentou-se no sofá da sala como quem espera. Os filhos acordaram, tomaram café da manhã, foram para a escola e ela ali permaneceu. Tinha dois filhos, um menino e uma menina. Perguntaram por que estava tão bonita, e isso ela recebeu como um vento leve no rosto, algo que lhe agradou durante o calor interno. Não respondeu nada específico. Permaneceu. A vida já estava acontecendo.

Da escrita feita com alguma distância do encontro

Essa foi a primeira entrada numa galeria de arte com a ação artística, no ano de 2015. Curioso. Da rua à galeria, um movimento inverso, mas não exatamente. A ação na galeria, a Galeria de Arte Mezanino, tinha como pressuposto invadir a rua, ocupar a calçada e trazer um “público comum” ao espaço interno. Fez parte do festival Movimenta #1, uma exposição de performances de artistas que posicionam suas trajetórias na intersecção e

no cruzamento de fronteiras de modalidades artísticas. Como muitas galerias de arte, eles sentiam que o público era, em sua maioria, outros(as) artistas. Mas como convidar a vizinhança a participar? Passei toda uma tarde na calçada, com a máquina de datilografia, foi uma ação de longa duração, sendo abordada por diferentes pessoas que se sentiam curiosas com aquilo ali, no meio do caminho. O que é isso? Essa pergunta surgia quase como um alarme que tocava a cada uma hora. Em silêncio, eu escutava e oferecia a cadeira para quem quisesse se sentar. E muitos se juntaram.

Essa senhora veio caminhando em minha direção, olhando com uma expressão que eu não sabia se era de aprovação ou desaprovação. Andava com dificuldade, morava na quadra de trás da galeria, nunca havia entrado nela, nem sabia do que se tratava. Ela me fez rir alto e chorar de rir com sua forma nada pudica e bem-humorada de contar sobre as suas desgraças. Foi um encontro leve, divertido, tendo o riso e a graça de si como condição à conversa. Ela deu o tom que necessitava dar para aquele dia. Passamos um bom tempo juntas, mesmo quando a conversa terminou e ela leu o que escrevemos.

Ela me perguntou se poderia ficar ali sentada mais uns minutos, pois sentia umas dores em vários lugares do corpo, reclamava sem parar e ria sem parar. Bebemos água, ela me pediu água. Busquei, dei. Tomei também. E continuou me contando reticências sobre os fragmentos que já havia anunciado antes. Me convidou a ir na casa dela, almoçar um dia, ou logo depois que a ação terminasse. Ofereceu-se para cozinhar para mim. Disse que eu poderia conhecer o parceiro dela, aquele que não era para sexo. Comentou que se eu fosse usar a história dela, que não colocasse o seu nome verdadeiro pois haveria muita fofoca.

Esse grau de intimidade surgiu quando eu parei de datilografar. Ali, quando ela pode descansar na cadeira, para recuperar o fôlego do caminho de onde vinha, é que pôde se

deixar e se esquecer um pouco de si, pois não continuou necessariamente se contando, mas deixando “coisas” escaparem... Sem, necessariamente possuir nexos, ou coerência histórica temporal. Ficamos em silêncio também, observando a rua. Vendo pessoas, comentando brevemente sobre pequenos acontecimentos ao redor. Como medir essa “parte fora” da ação? Como dizer sobre a presença e a participação dessa senhora? Como capturar a sensibilidade envolvida nesse tempo, “fora da ação”? Para ela, o momento em que eu parei de datilografar, em que tirei a folha da máquina de datilografia e dei para ela ler, a ação terminou. Dali para frente, seu riso até diminuiu, ficou mais silenciosa, relaxou mais e mais na cadeira e me mostrou seu rosto de forma diferente.

Sua vontade de continuar conversando comigo foi manifesta em seus pequenos convites, no prolongamento do tempo que ali permaneceu. Portanto, foi uma maneira de criar realidade, de criar uma ambiência que compusemos juntas nessa duração. Há de se considerar as “coisas” dessa tarde através da sensibilidade, esta conectaria a gente com outras coisas não exatamente nomeadas – não somente as histórias pessoais – mas sensibilidade como emaranhamento.

Toca-se, assim, a função da arte como criadora de um corpo visível, audível, palpável etc. para aquilo que a vida pede toda vez que ela se vê sufocada em nossas formas de existir, em nossa forma de interpretar o mundo e de reagir aos acontecimentos deste. Neste sentido a arte está diretamente ligada à vida.

Ver a arte em possíveis relações com a vida, em proposições mais abertas e livres de regras, era o modo de pensar o universo artístico de Allan Kaprow. O/A artista, para Kaprow, nesse caso seria um(a) *desartista*, atuando no campo da arte em conexão com a vida dentro do contexto da cidade, tal como propõe Ardenne em seus escritos sobre uma arte contextual. Para Kaprow (2007), a arte teria a intenção de estabelecer relações mais

diretas com a vida, arte como *microacontecimento*, atribuindo valor sensível às ações cotidianas e agenciando uma intenção em determinado contexto para agir sobre ele, a partir de relações possíveis com pessoas.

O/A *desartista*, nessa perspectiva, seria aquele(a) que atua no contínuo da vida, substituindo o sublime de objetos e monumentos pela poética do susto, do choque e da provocação a partir de ações em acontecimentos cotidianos, encontrando sentido mais no experimental do que nas formas artísticas tradicionais da arte como arte, percurso inverso aos interesses de mercado. Assim, evidencia-se a presença da(o) artista nos contornos da cidade, criando formas de sociabilidade e convívio. Essa locomoção inverte a diretriz mais comum no encontro entre artistas e espectadores/passantes/público, pois nesta hora são as(os) artistas que, frequentemente, se deslocam até as pessoas. Desse modo, a ação muda o espaço tanto quanto o espaço muda a ação.

Nesse caminho, apesar da possibilidade de aproximação, não reconheço como parte da ação artística que realizo a construção daquilo a que Eleonora Fabião chamou de “programa performativo”, pois não há um roteiro específico a ser realizado e previamente prescrito, ou uma estrutura de ações previamente elaboradas a serem seguidas, também como realizava Kaprow em suas *Atividades*, um roteiro a ser realizado por pessoas que se engajam na ação artística.

Segundo Fabião (2013: p. 4),

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política.

[...] o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e

conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. [...] É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação.

Em relação à primeira citação, sim, poderíamos afirmar que a *Performance de uma pessoa escrita* é uma prática que “cria corpo e relações entre corpos, deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis”; mas não há “um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio”. Talvez, o que tenho experimentado artisticamente estaria mais próximo simplesmente de um *convite*, um colocar-se ali, sem muito preparo conceitual prévio, mas com intenção clara e determinada de exercitar uma “escuta subjetivante”. E, esta sim, oriunda de um preparo específico que tem se dado durante a vida, como escolha de vida inclusive, não só como prática artística para ser artista, mas como prática artística para ser viva. Trata-se de uma provocação para algo acontecer. E para isto é necessário estar “treinada” artisticamente, estar em exercício constante de presença.

Gostaria de desenvolver nesta reflexão a ideia de que o fato de ser relacional (cria relações), assim como “encontro” ou “participação” nas artes, não garante o exercício de uma escuta subjetivante (Godard) como vimos perseguindo neste fazer, bem como alguma consciência das sensações/tensões envolvidas nesse estar junto. O que interessa, particularmente neste momento do texto, é abrir tais ideias e circular entre elas a partir da descrição desta ação artística (*Performance de uma pessoa escrita*) e suas possíveis reflexões no universo das artes, tendo o espaço da vida cotidiana como lugar para o acontecer artístico.

Ainda nessa direção, poderíamos pensar que o uso do termo “relação” exerceria um foco nos objetos ou pessoas relacionadas, suprimindo (talvez) o que acontece entre os corpos

(dentro e fora), o ambiente e o que segue sem tradução nessa rede tensiva/relacional. A tensão, como vem sendo aqui colocada, poderia ressaltar o aspecto dinâmico e ativo da relação, o entre.

A ação que tenho praticado tem como abertura a prática da escuta, acionando um determinado modo de existir e de prolongar essa existência na percepção das coisas, do entorno imediato. Essa escuta abre um terreno para perceber o que está, para reconhecer tal estado de presenças, sugere o risco e, me arrisco a dizer, sugere o risco da percepção do próprio viver. Das próprias sensações que se vive no viver, pois esse gesto implicado pode alterar a forma de sentir as coisas do mundo e se relacionar com elas, pode tocar a vida.

Há uma intenção de contágio com a presença da máquina de datilografia e do corpo em alerta, mas não há roteiro, não há trajeto a ser percorrido, há um estar ali abrindo e ampliando um campo no qual “coisas acontecem”. Reconheço, mais especificamente, nesse fazer artístico, o acionamento de estratégias que acionam aberturas de realidades específicas e que lidam, sobretudo, com o inesperado. Reconheço um **convite**.

Figura 27 - Placa de trânsito R-30



R-30 Pedestre, ande pela esquerda

Fonte: Internet (2021)

Passo Sete

EspaçoCorpo: convite e estratégias para o inesperado

Figura 28 – Vão



Fonte: Zanone Fraissat (2017)

A prática artística sempre me suscitou uma interrogação latente sobre os sentidos nas relações que a pessoa estabelece com o mundo; e nestas, a maneira pela qual a pessoa habita os espaços, se relaciona com os outros e cria. A relação que a pessoa estabelece com o mundo é feita de experiências comuns, cotidianas, frequentes, e, embora se modifiquem sempre, ainda são familiares. Vista sobre essa perspectiva, a relação com o espaço aparece mediada pelas relações significantes pela qual o ser humano aborda o mundo, está no mundo, escuta o mundo. Nesse sentido, as relações significantes

produzem um tipo de *cena* do mundo que está habitada pelo corpo. “O mundo de que falamos, esse que nos interessa na medida em que é nele que o sujeito faz sua aparição, é cena; [...] É sobre a cena do mundo que nos deslocamos” (MIELI, 2016: p. 18).

Se pensarmos em *espaço*, diferentes concepções (filosófica, religiosa, científica...) podem surgir sobre o tema. Dando um passo menor, no Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa¹⁹ do Joaquim, meu filho, a palavra *espaço* sugere,

a distância entre dois pontos ou duas linhas;
extensão limitada em uma, duas ou três dimensões;
extensão que compreende o sistema solar, as galáxias, as estrelas, o universo;
cabimento, oportunidade;
período ou intervalo de tempo.

O espaço aqui será considerado como uma geografia plástica em sua dimensão tanto corpórea quanto circundante. O espaço do corpo e o espaço ao redor são tomados em criação mútua. O espaço urbano é tangido por movimentos efêmeros e constantes que caracterizam seu ir e vir diário, sua dinâmica humana na qual corpo e espaço constituem a existência do último. É a partir das sensações do/no corpo que a percepção do mundo acontece, sendo o corpo um “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída.” (BRETON, 2007: p. 7).

Além das percepções do/no corpo em si, existem diversos outros vetores que o atravessam e compõem a relação estabelecida com a materialidade do espaço que o cerca e o envolve, assim como outros corpos, as sonoridades, os movimentos soltos e contínuos da cidade, elementos móveis do espaço urbano etc. O corpo age como vetor ativo, que

¹⁹ PEQUENO Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo, Editora Moderna, 2015.

recebe, atua, modifica e ressignifica outros movimentos presentes no espaço e que constituem vetores ativos na experiência espacial.

Atentando que é no corpo que agenciamos a relação com o espaço, perceber como esses processos acontecem, como esses vetores se constituem e se tensionam, nos é importante para compreender o próprio espaço, pois é nesse corpo que a cidade também é constituída, é por meio das relações diárias de uso, ocupação, passagem, resistência e demais qualidades de movimentos que possam estar ligadas a esse agenciamento, pois “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços em seu cotidiano.” (JACQUES, 2008: p. 2)

Vejo um homem. Boto reparo nele

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Sua careca brilhava e isso fazia a luz da sala ali rebater, foi assim que o vi. Seus gestos eram leves e lentos, cada dedo comprido e grosso fazia um tempo acontecer quando virava a página que acabara de ler. Ele parecia estar bem alimentado, disposto a caminhar e sem dor no corpo. Parecia trazer lembranças num vai e vem entre passado longe, passado perto e agora mesmo.

Figura 29 - Sim



Fonte: Henrique Schafer (2013)

Aqui eu to na cidade, aqui tá minha sunga, camiseta...

E o meu prazer era entrar na piscina, nadar até aqui, depois sair pelo balneário. Às duas horas começa o baile aqui na frente.

Eu vou dançar lá. Eu frequento o baile do parque também, tem idosos que até moram lá. Porque tem a turminha que joga baralho, muitas atividades.

Nem eu sei onde nasci.

Eu pesquisei, mas só ouvia: coitadinho..

Acho que eu sofri muito, fui jogado para lá e para cá. Só fui conhecer o meu pai depois de vinte anos, saber onde ele estava, mas era distante. Eu descobri meu pai.

Eu tenho dois filhos. Três netos. Dois bisnetos.

Você os vê? (eu pergunto)

Você acha que eu vivi essa infância para depois repetir o que os meus pais fizeram?

Agora eu imagino como minha vida teria sido se eles não tivessem se separado, se eu tivesse ficado em Varginha. Descobri que lá tem faculdade de Direito, será que eu teria me tornado advogado? Hein?

Eu não acho que as pessoas devam se separar. Se tem filho então... Apesar que meus dois filhos se separaram... risos... Eu vivo com meus netos, a gente cuida deles.

(sorriso)

Sorte a sua que eu esqueci meus óculos, hein?

(me diz isso porque se estivesse com os óculos estaria lendo e não conversando comigo)

RAFAEL

07 de abril 2013

zona central de SP

uma biblioteca perto do Poupatempo

12h13

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

Um senhor de ânimo. O percebo sentado na mesa de uma biblioteca pública. Sento-me próximo com a máquina, ele então pula duas cadeiras e senta-se ao meu lado. Disposto a conversar. Conta que vai ao baile três vezes na semana, que gosta de dançar. Ele se desloca por bairros da cidade só para dançar em determinadas noites com determinadas mulheres. Pergunto de onde ele é. Ele conta sobre a ausência no começo de sua história, sobre o sentimento de abandono enquanto criança. Conta tudo isso sorrindo leve, seca alguma lágrima no canto do olho enquanto conta do pai (de algum pai). Logo se recompõe e fala da sua família e nessa hora sua expressão é diferente, ela se amplia e se comove de forma positiva. Eu sorrio de volta a este movimento. Ele está tranquilo sentado, suas mãos são grossas, mãos que trabalham. Ele realiza um gesto de cruzar os dedos enquanto fala, e muda a ordem dos dedos enquanto se conta. Fala num tom de sabedor sobre a vida, conhecedor de experiências familiares. Ele tem uma expressão às vezes séria, mas permeável. Usa uma calça bege social. Uma camiseta com listras branca, azul e preta, óculos pendurados numa cordinha dourada. Diz que o esqueceu, mas o vejo pendurado em seu pescoço. Não digo nada.

Exercício de imaginação, pode ser ficção

Quando estou só, preciso de algodões para colocar nos ouvidos. Gosto da sensação de tapar as orelhas com um som que nasce para dentro. Um zumbido calmo que desliga o exterior. Gosto de pensar que nada acontece fora de mim. Eu faço isso desde criança. Quando me canso boto os algodões nos ouvidos e descanso. Aos dezesseis anos resolvi ligar para um número de telefone que consegui com minha mãe. Ela dizia que era o número do trabalho do meu pai. Nunca liguei. Mas naquela tarde, nada estava diferente,

não chovia, não era dia de sol, não estava nervoso, nada havia acontecido nada de ruim na escola, não havia brigado, nem estava preocupado, nada, nada. Diante do espelho eu me vi diferente. Fui escovar os dentes e quando olhei no espelho achei que estava me parecendo com alguém que não era minha mãe, nem com nenhum parente mais próximo a ela. Não parecia comigo, nem com ela. Aquilo me intrigou. Olhei um pouco só e logo saí do banheiro. Deitei-me na cama no quarto. Escutei o som da obra ao lado de casa. Estava sozinho no apartamento. Não tinha nada diferente. Meu rosto é que incomodou com traços que não pude dizer a quem puxaram. Fui até o quarto da minha mãe e abri a gaveta do criado mudo. Lá estava o papel dobrado com um número de telefone. Segui até a sala e coloquei a mão no aparelho. Disquei os números. Era um tipo de tempo em silêncio que não entendi direito como o criei, como fui parar nesse tempo que parecia se apresentar "de lado" para mim. Alguém atendeu, era uma mulher. Perguntou com quem queria falar. Não ouvi direito o que ela dizia e lembrei do algodão. Desliguei o telefone e arranquei os dois algodões. Os ouvidos estavam levemente frescos por dentro com a saída dos algodões. O tempo estava diferente. Parecia estar lento. Parecia pesar diferente. Senti meu corpo mais firme e um suor diferente pela lateral do rosto. Outro suor escorrendo pela batata da perna. Sequei ambos. Joguei os algodões no chão. Encarei aquele chão da sala de casa como diferente, estranho. Mais escuro talvez, tinha umas manchas. Liguei de novo. Um homem atendeu. Eu disse quem eu era, disse meu nome e perguntei quem era do outro lado da linha. Rodrigo, ele disse. Eu disse, você é meu pai {{(?)}}. A sala pareceu girar até parar ao contrário. Eu estava ali, pendurado ao chão como um morcego. Não lembro o que falamos depois. Fiquei pendurado ali até desligar o telefone com um endereço anotado. Pronto. O chão voltou a ser baixo e embaixo dos pés. Li o endereço e o guardei no bolso. O som da obra voltou a incomodar. Pequenos ruídos voltaram a existir e me senti novamente acelerado no tempo.

Da escrita feita com alguma distância do encontro

Eu falo muito pouco durante estas ações. Não se trata exatamente de uma conversa em que eu também me contaria em palavras, mas de uma escuta subjetiva, de um espaço que se abre ao esperar a presença do outro, enquanto se está ali, em convite, disponível e agindo na intenção de se aproximar de fato de algo e de alguém que não conheço e se abrindo ao inesperado que não se nomeia. Trata-se de se aproximar de uma experiência que se abre em uma realidade contextual específica e numa realidade sensório perceptiva. O mundo. O corpo.

A ação com o sr. Rafael foi desenhada por silêncios. A duração foi longa, apesar de ele dizer que se não tivesse esquecido os óculos não estaria ali conversando comigo. Pela largura do tempo, tive a sensação de estar pescando, esperando, esperando, observando a natureza que se move a cada instante, dentro da biblioteca, ao lado do Poupatempo (região central de SP). A rua sendo rio. O que acontece nesse esperar? Como ficamos juntos nessa rede tensiva tão lenta? Sem controle sobre o desenvolvimento e o término da ação. Somente um começo. Um abrir o campo, sustentando o corpo em respiração e percepções sensoriais com outro corpo, recolhendo, recebendo, sendo atravessada(o) pela vida cotidiana, pelo espaço circundante. Percebo, então, que meu gatilho inicial, a escuta, padece de um fazer, é gesto, nesse gesto salta-se para “dentro” da vida, na “cena” da vida.

Percebo que fui para rua com a máquina de datilografia ainda sem ter ideia de qual era a ação que estava propondo artisticamente, seria arte aquilo que eu fazia, que arte seria? Não sabendo, continuei a experimentar essa ação, insistindo nesse gesto de estar/escutar/escrever/ressoar, sendo atravessada a cada momento pela presença de um corpo outro que conduzia, em sua maior parte das vezes, o próprio acontecimento

artístico. Além de outras pessoas presentes, de elementos móveis constantes que ocupam a rua, as sonoridades variadas, a geografia específica de um terminal rodoviário que se difere de um ponto de ônibus numa rua menos movimentada ou uma calçada qualquer, uma praça tranquila ou ainda dentro de um ônibus em movimento; isso tudo interpela e diversifica a situação experimentada.

Nesse fazer existe uma estratégia: a criação de uma situação: um corpo atento e presente com uma máquina de datilografia, dois bancos, às vezes, uma lousa onde está escrito o nome da ação (isso depende do local) e a espera pelo outro, que vem ou que não vem. Eu estava ali agindo, eu estava ali também como participante. Eu estava ali como um convite.

Agir, assim como vimos desenvolvendo nesse texto, agir artisticamente, revela uma decisão (de escuta e recolhimento), uma escolha (esperar pelo outro), mas é também uma aposta (não se faz ideia do que irá acontecer), é algo que lida com o risco, com a incerteza, com o inesperado. Como escreveu Morin (2002) sobre a *ecologia da ação*, apontando o escape das intenções de uma ação tão logo ela se inicia. Isso quer dizer que esta ação, ao entrar em um universo de relações e interações, tem o meio ambiente se apossando dela, podendo inclusive inverter a intenção inicial.

A ecologia da ação nos levaria a considerar a complexidade que ela supõe, isto é, o acaso, o inesperado, as possíveis transformações. Uma das maneiras de lidar com essa dimensão incerta/desconhecida, que é também condição para a ação artística aqui investigada, é, portanto, elaborar **estratégias**. Sendo possível pensar em estratégias para que essa comunicação, que carrega memória e que costura as presenças envolvidas durante as ações, aconteça.

A noção de *estratégia* desenvolvida por Edgar Morin (2011), diz respeito justamente à abertura de espaços para que relações aconteçam enquanto os cenários são modificados conforme o surgimento de acasos e contratempos, ou seja, ao passo do viver. Morin apresenta a ideia de *estratégia* como opção ao *programa* (não ao programa citado por Eleonora Fabião (2013), não trago as ideias de Morin aqui como modo comparativo, mas como modo de ampliação dos termos), que ele caracteriza enquanto sequência de ações estáveis e pré-estabelecidas e que independe de relações que possam surgir durante uma ação.

Se pensarmos a partir das ideias de Morin, “a estratégia deve prevalecer sobre o programa. O programa estabelece uma sequência de ações que devem ser executadas sem variação em um ambiente estável, mas, se houver modificação das condições externas, bloqueia-se o programa” (MORIN, 2002: p. 90). A elaboração de uma estratégia levaria em conta as complexidades inerentes às próprias finalidades, que poderiam se modificar durante a ação em função de imprevistos, reformulando-se pelo contato com a realidade. E essa realidade seria construída por relações/tensões espaciais (interna e externa).

A cidade é um trovão distante no fundo do ouvido, um ciclo de vozes, um zumbido de rodas. Quando tudo está parado no palácio, a cidade se move, as rodas giram pelas ruas, as ruas correm como raios de rodas, os discos rodam nas vitrolas, a agulha arranha um velho disco, a música vai e vem, aos arrancos, oscila, para baixo no sulco rumoroso dos caminhos, ou sobe alta com o vento que faz girar as bandeirolas das chaminés. A cidade é uma roda que tem como eixo o lugar em que você está imóvel, escutando. (CALVINO, 1995: p. 76)

Vejo um homem. Boto reparo nele

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Com olhar ao chão, as mãos recolhidas em colo, cruzadas em reza sobre um lençinho azul. Respiração lenta. Não sei se acordado ou dormindo, seu corpo escorregava ao banco que o acolhia. Estava ali já havia tempo, pareceu-me escolher tal lugar para o sono lhe servir de consolo. Não me via, nem sei se ouvia a máquina, estava dentro de seu próprio silêncio.

Figura 30 – Se eu pudesse esticava o braço esquerdo até você



Fonte: Henrique Schafer (2021)

A situação estava montada. Uma mesa, duas cadeiras, a lousa e a sonoridade da máquina sendo escrita a folha. Este senhor oriental, calmo, longo e leve estava ao lado de nossa instalação. Aproximou-se no início e tão logo sentou-se no banco ao lado. Ele não me olhou em nenhum momento percebido por mim. Não escutei este senhor, ele não se sentou na cadeira, nem se aproximou a ponto de olhar o que acontecia ali mais de perto. Ele somente esteve ao lado, abria os olhos de leve, vez ou outra e, voltava a fechá-los como sono pesado que não nos deixa estar presente nesta hora.

Neste dia, algumas pessoas sentaram-se na cadeira e contaram-se ao nosso encontro. Enquanto tudo isso acontecia, este senhor, que agora vou chamar de Silvio, esteve presente, mas sem que eu soubesse de que forma. Num determinado momento de uma das conversas, Silvio se levantou, sem que eu o percebesse, e atravessou a instalação lentamente, sentando-se do outro lado da ação. Escolheu um novo banco, sentou-se e dormiu. Ou fechou os olhos, quem sabe. Tudo isso eu soube, pela palavra de Henrique, o fotógrafo que me acompanha durante todas as ações. Henrique e Kelly são as duas pessoas que circundam a ação e registram em imagens os encontros desde 2013.

Essa pessoa não só fotografa a ação, como "protege" o campo do lado de fora e se sensibiliza a ponto de saber como se aproximar ou se distanciar para o registro, diante de uma situação tão íntima. Circunda o núcleo do acontecimento, dá voltas em nossa conversa ao redor da máquina de datilografia e me oferece um tipo de segurança nessas estratégias. É outro tipo de relação que se estabelece durante os encontros, essa esfera gerada pela nossa relação triangular. Divido meu olhar e meu sentir com Henrique e Kelly, eles também assim o fazem comigo. Me contam pequenas coisas que não vejo do lado de "dentro da ação". Tudo o que Kelly e Henrique veem e que eu não vejo, dessa perspectiva "de fora", é também memória sobre este fazer e sobre as estratégias implicadas.

Por exemplo, neste mesmo dia, 11 de setembro, durante a Virada Sustentável 2021 no Centro Cultural São Paulo, a ação aconteceu durante a pandemia global por conta do vírus covid-19; estava curiosa para saber como seriam estes encontros, passado mais de um ano de processo pandêmico e de algum grau de isolamento social. De imediato, tive a surpresa de reconhecer que a vontade de se contar, de se entregar a alguém permanece, mesmo com o medo ou receio de estar com o outro tendo como *entre* o risco de um vírus. Mal terminamos de colocar a mesa, as cadeiras, a máquina em posição de abertura, o varal, onde aos poucos colocamos as narrativas que vão acontecendo ao longo dos encontros, já alguém se aproxima, senta-se e pergunta: o que é isso? Henrique e Kelly me contam como tal pessoa se aproxima, de onde veio, como a perceberam se aproximar e isso, certamente, interfere na minha escrita pós-encontro, essa percepção dividida e compartilhada entre nossas percepções.

Nesse contexto, a função do/da artista seria como uma espécie de sentinela atenta às passagens e possíveis brechas de ação. E nesse sentido é um agir *com*, é trabalhar num local transitório, a partir da percepção de um “processo em curso”, em vida, participando a partir do acolhimento de percepções variadas que se dão no meio de um dinamismo característico de uma cidade como São Paulo. Isso revela uma arte mais interessada nas interações humanas, propõe uma relação mais “encarnada”. Nessa relação, as territorialidades são mais flexíveis, as relações podem reinventar as formas de agir, podem gerar modos de atuação política em redes de processos contínuos, operando não em macro, mas em microações; escutando, vendo e lendo diferentes “microcidades” dentro da grande metrópole.

O QUE É ISSO?

Figura 31 – *What?*



Fonte: Henrique Schafer (2021)

Das estratégias: da pessoa que entra na ação e da minha

Essa pergunta tornou-se das mais comuns durante todos esses anos de ação artística na rua. O Q.U.E É I.S.S.O? Isso o quê? – respondo. Isso – e aponta para a mesa com a máquina, para mim com meu chapéu, para o varal com as narrativas e abre os braços para o espaço dessa instalação. Ah, respondo, isso é uma ação artística, em que eu escuto e escrevo as pessoas que querem se sentar. Mas eu posso contar o que eu quiser para você? Pode. Vejo algo acontecendo dentro dos olhos dessa pessoa que pergunta com vontade.

Um misto de reviravolta em escolhas entre temas que poderiam se expor neste encontro. Mas ela ainda está em pé, ainda quer saber o que é isso, afinal?

Começo então a escrever uma parte do que ela me disse. Ela lê. Ah, você vai escrever o que eu estou dizendo... risos. E mais risos. Sentou-se. Sorriu e já abriu o corpo e o olhar para o entorno, entorno este que, agora, passa a olhar esta pessoa como “acontecimento”, a pessoa – a máquina – eu: este espaço. Este pequeno *acontecer*. A pessoa já está ali sentada, vendo-se, sendo vista, enquanto vê o que circunda. Uma geografia de contorno, uma cena se estabelece, uma realidade se inaugura em seu processo contínuo de transformações.

Aponto que enquanto isso está acontecendo, Silvio muda de lugar, passa para o outro lado da ação. E eu só sei disso porque Henrique me contou somente quando a ação acabou, sobre como ele se levantou, como andou, por onde passou (por trás da mesa e cadeiras) e como voltou a sentar-se. Eu que estava ali, tentando guardar palavras para escrevê-lo, sou interrompida pela chegada dessa pessoa que pergunta: o que é isso? Deixo Silvio dentro do peito, mais ao lado por um instante e abro outro lado do peito para escrever quem me chega ali, naquela hora. São algumas instâncias de escrita que se dão ao mesmo tempo, enquanto a presença e a percepção escutatória se abrem ao espaço circundante. Vejo tantas pequenas coisas, escuto outras importâncias e abro meu corpo em espaço expandido para ser este convite relacional. Estava escrevendo sobre este Silvio, estava com ele mais perto de um “outro” que passa a me habitar na escrita, esse outro que se inscreve enquanto escrita. Mas, tão logo sento-me para organizar a mesa, ainda em escrita na escuta somente, e alguém se aproxima, senta, eu já tomo o susto advindo desse gesto de alguém que entra na ação. Meu peito sorri.

Quem me fala, conta sobre o seu dia. Sobre estar ali, no Centro Cultural SP. Mal tive tempo de botar reparo neste que se aproximou sem que eu o percebesse, pois estava na escuta lateral de Silvio. Pausa. Pouso. É como se eu planasse a conversa interna com Silvio, pedisse espera à escrita que já vinha – essa vontade literária – que surge ao me colocar nessa escuta no espaço público. Esse corpo com vontade de ousar trazer palavras ao papel. Estas que vieram com o vento lateral, uma abertura espacial.

Fragmento Silvio (a escrita que ficou latejando em vontade literária durante a ação)

A cabeça pende para baixo, só cansaço maior faz assim com a pessoa.

(Márcio se aproxima enquanto eu tentava escrever o fragmento acima).

O que isso?

Isso o quê? – respondo. Isso – e aponta para a mesa com a máquina, para mim com meu chapéu, para o varal com as narrativas e abre os braços para o espaço dessa pequena instalação. Ah, respondo, isso é uma ação artística, em que eu escuto e escrevo as pessoas que querem se sentar. Mas eu posso contar o que eu quiser para você? Pode. Vejo algo acontecendo dentro dos olhos dessa pessoa que pergunta com vontade. Um misto de reviravolta em escolhas entre temas que poderiam se expor neste encontro.

Figura 32 - Escutando



Fonte: Henrique Schafer (2021)

Posso me sentar?

Eu posso falar qualquer coisa? Como é? Você pergunta ou eu vou falando? Ah, você já está escrevendo o que estou falando... Entendi.

Tá bom.

Sobre o que eu vou falar?

Não sou daqui.

Sou da zona sul sul de SP. Cidade Ademar, onde não tem nada, não tem nem biblioteca. É uma região periférica. Passei uma hora e meia no ônibus para chegar aqui, e venho para cá para aproveitar as coisas que tem aqui.

Eu pude andar e ver coisas que não vejo lá no meu bairro. Todo mundo me fala: nossa, você anda uma hora e meia de ônibus para ir e uma hora e meia de ônibus para voltar só para ficar vendo prédio bonito.

Eu achei que não sabia como começar a falar com você e agora nem sei porque estou falando essas coisas e nem sei como acabar.

Busco Silvio ao meu lado, olhos fechados, será que nos escuta? Seu corpo realmente parece dormir. Não quero que ele se vá antes que eu possa escrevê-lo.

Tem o prédio amarelo. Ele é uma pequena felicidade. Acordo cedo, pego um ônibus lotado, não dormi direito, a gente vê algo cinza e do cinza vem o amarelo tão bonito que reflete o sol, é bonito. As vezes, durmo no ônibus, mas acordo quando chega o prédio amarelo, ou quando tem buraco na rua. Eu amo esse prédio.

Desculpa, deu para perceber pela conversa. A gente consegue enxergar beleza no destruído.

Inclusive, acabei de fazer a prova do cursinho, eu não tenho dinheiro para pagar. Olha, em humanas acho que fui bem, mas matemática, sabe como é, fui no banheiro chorar um pouquinho... mentira... Como assim, uma hora e meia no ônibus para ver o prédio amarelo? Vale a pena, eu acho que vale.

É algo que é uma resistência estudar, como a gente faz para estudar se é caro? A existência do cursinho popular é uma resistência.

Eu tenho 17 anos.

MÁRCIO

11 de setembro de 2021

zona sul de SP

Vão - espaço aberto do Centro Cultural SP

15h12

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

(Fragmento Silvio que atravessa a minha vontade literária. Enquanto sinto a escrita de Márcio, continuo com a escrita de Silvio emaranhada).

Ele continua, cabeça no quase queixo, tamanho alongamento de pescoço. Cabeça pesada. Sono profundo, me parece. No meio da rua. Se permitiu descansar fora de casa, acho bonito isso, o fora de casa permitir descanso, ali mesmo, naquele banco qualquer. Sozinho, um mundo. Sozinho, mas visto por todos os lados. Ninguém se sentou próximo, no mesmo banco. Os outros todos lotados. De repente, acabou caindo devagar ao lado, mas logo se recompôs e abriu os olhos, e logo os fechou. E voltou a dormir em silêncio, ou ao som ao redor, ao som da máquina. Mais tarde, quando se levantou, já era calor, o sol já lhe batia à face, suave frente e percebeu a fome. Levantou-se. Andou dois, quatro, sete passos e seguiu inspirando-expirando.

Márcio chegou como em brincadeira de esconde-esconde, me pergunta de pronto o que é isso que estou fazendo. Sua vontade já estava definida, ele já se sentou como quem já se via ali, mesmo antes de agir. Seu rosto era suave, sua roupa confortável, camiseta escura, calça jeans, um tênis e a máscara no rosto. Antes de alguém se aproximar, pensei se seria possível escutar as pessoas com a máscara no rosto, com o som da rua, com o som da própria máquina, que não é baixo... Seria possível escutar sem se aproximar fisicamente, mais que o espaço que a mesa nos propõe como distância? Sim, escutei tudinho o que Márcio falou. Talvez ele também possa ter se esforçado a falar mais alto e ao mesmo tempo escutar alto, pela ressonância da própria máscara no rosto, o que ele mesmo me dizia.

Apesar de começar dizendo que não saberia o que me contar, começou a contar sobre o prédio amarelo e me transportou até esta poesia sem saber que assim o fazia. Visitamos juntos os espelhos desse prédio cinza que, ao ser iluminado pela luz solar, tornava-se cor aos olhos de Márcio. A lembrança dele me atingiu em tantas vezes que, com a mesma idade dele, percorri a Marginal Pinheiros em São Paulo, e vi *amarelos* iluminando a cidade e tornando meu findar de dia mais suave. Márcio pareceu-me lúcido, claro em suas palavras. Doce em seu afeto e curioso demais para se conformar.

Seus gestos eram tranquilos, apresentava sentir calor no corpo. E me olhava sempre sem me olhar diretamente nos olhos. Olhava de canto, mais para a máquina do que para mim. Disse não saber como começar a falar e num determinado momento, disse não saber como terminar. Até que, enquanto falava sobre o cursinho e sua resistência, senti sua vibração estudantil, sua força de caráter, imaginei esse menino, com seus 17 anos, entendendo-se politicamente, tentando se fazer caber no mundo. E, mais uma vez, tudo isso eu só senti.

Ele decidiu se levantar e seguir depois de ler o que escrevemos juntos. Sorriu, voltou a falar do prédio amarelo como um emblema de força e fé. Voltou a se surpreender com as 3 horas gastas no trajeto que o levava a esta visão: o prédio amarelo. Lá onde ele mora, disse, não tem prédios, é tudo mais plano, eu quero ver prédios, adoro prédios. Mas não tem nada. Por isso venho até aqui.

Exercício de imaginação, pode ser ficção:

Acordei com uma fome danada. Levantei mais cedo do que de costume e saí. Apesar da fome, sem comer nada. O sono pareceu somente transitar da minha cama para o banco do ônibus. Dessa vez, consegui me sentar ainda antes da catraca e dormi mesmo até para

não ver qualquer senhora ou mulher grávida ou idoso que me faça levantar a dar o lugar em gentileza. Durmo. Assim, esqueço dos outros. Prefiro pegar ônibus do que ficar no celular vendo coisas que não entendo tão bem. Uma senhora, com lenço azul florido na cabeça se aproxima e a percebo pelo cheiro que vinha dela para dentro de mim. Era um cheiro suave, que me lembrava algum tempo atrás que não soube definir. Naquele momento, abri os olhos e a vi. Ela me olhava como quem já me conhecesse e me piscou com o canto do olho esquerdo. Em pé, ao meu lado, me disse que não queria se sentar, que eu podia continuar ali. Perguntou se eu sabia quem morria hoje. Eu estranhei tanto a sua pergunta que ela me sorriu, e me disse que estava ao meu lado porque eu estava precisando. Não entendi nada. Ela disse que sabia ver o mundo. Que sua vida já estava no fim, mas que via o mundo. E que meu mundo a chamou para me proteger. Tudo isso entre buzinas, tosses, ventos e conversas espalhadas dentro do ônibus. Não sei bem por que, mas eu chorei com ela me dizendo aquelas coisas e não tive como duvidar de suas palavras. Ela me contou que seu nome era Mirinha, que já tinha muitos anos e que eu não compreenderia se me dissesse quantos anos mesmo tinha. Pensei em levantar e lhe dar o lugar, mas ela disse que só precisava mesmo era me entregar uma coisinha. Era um pedacinho de pano amarelo, era quentinho. Disse que eu o guardasse no bolso da calça e que todo dia ele estivesse comigo. Chorei mais fundo e disfarçadamente, um choro dentro, pois seu cheiro começava a me lembrar algumas coisas, nada que possa ser contado agora, somente infância. Ela avisou o cobrador que desceria naquele ponto e pessoas se movimentaram para que ela assim pudesse fazer. O ônibus parou, escutei uma buzina forte, percebi alguma movimentação fora do ônibus em frente a um prédio cinza, que naquele momento amarelou-se com o sol.

Figura 33 - Placa de trânsito A-14



A-14 Semáforo à frente

Fonte: Internet (2021)

Passo Oito
Experiência e Linguagem na rua

Figura 34 – O meio



Fonte: Henrique Schafer (2017)

Outro banco está à minha frente ou ao lado

Criando um espaço de intimidade, com duas cadeiras ou bancos trazidos de casa, uma máquina de datilografia, coloco-me num estado de presença em disposição ao outro, na postura de escuta ampliada a partir do acionamento de um corpo que sustenta ou que é um campo relacional na rua, criando uma espécie de esfera íntima/tensiva na cidade.

Arrisco-me a dizer que me coloco numa espécie de submissão ao risco do desconhecido, se pensarmos a partir das palavras de Heidegger (2012, p. 121):

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Enquanto experiência, trata-se de expor-se ao convite da escuta, que exige movimento quieto, colocar-se em travessia desconhecida, desorientada, não sabida. Não deixa de ser como um desvelar de um primeiro encontro com alguém que não se conhece, desejando abrir um segredo a ser compartilhado durante a sonoridade do mundo. Busco, nessas ações, com sensibilidade, chegar à essência desse primeiro encontro, abrir esse susto de encontrar com alguém sob a perspectiva da percepção sensorial como condição, dum campo relacional que se desdobra em condições afetiva e imaginativa, convocando outras dimensões nessa experiência, como a percepção de presenças e do manuseio destas em escritas tocado pela memória, pelo segredo e pelo esquecimento.

Se fôssemos todos iguais, não existiriam segredos.

(Joaquim, meu filho, 7 anos)

A respeito desse tipo de ação artística nas ruas, observa-se que o discurso crítico possui poucas ferramentas para abordar uma espécie de prática em que a realização passa pela valorização de uma qualidade relacional, atravessada por tensões corpóreas, fragmentos de memória, elementos geográficos, sonoros, sensíveis etc. Então, maior que a preocupação sobre uma estética relacional conforme Bourriaud (2009) escreve, está a questão em como capturar, como falar sobre uma qualidade tensional/relacional que perpassa a experiência do encontro. Isso nos provoca a reflexão sobre a prática também a partir da intensificação das presenças, das trocas entre as subjetividades e da criação de uma atmosfera tensiva de partilha sensível.

Esse estar com o outro é também o ponto de partida da construção de uma ética e o que pode nos [re]unir é uma espécie de responsabilidade mútua. O outro se compromete ao se contar. Quando a memória é acionada nesse contato, ela traz, em alguma medida, o compromisso com o seu próprio passado, que é atualizado no tempo presente ao contar isso para alguém, sem consequências nesse contar. Um pequeno rito é inscrito na realidade do cotidiano. Um ritual que pode oferecer a possibilidade de abertura de caminhos e de realidades específicas. Pode abrir uma possibilidade de contato que é inusual, pressupõe uma maior permeabilidade, uma contaminação entre nós. E, depois, acabo ainda imaginando e escrevendo histórias a partir desses encontros, estas presenças seguem, portanto.

[...] fazer uma experiência com a linguagem significa portanto: deixarmo-nos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando. Se é verdade que o homem quer saiba ou não, encontra na linguagem a morada de sua própria presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença. (HEIDEGGER, 2012: p. 121).

Isso aponta para uma dinâmica existencial em que é preciso viver e testemunhar a palavra não como representação, mas sim de dentro da própria linguagem. Segundo o próprio autor, falamos sempre a partir da linguagem. Contudo,

isso significa que somos sempre ultrapassados pelo que já nos deve ter envolvido e tomado para falarmos a seu respeito. Ou seja, falando sobre a linguagem, estamos sempre constrictos a falar da linguagem de forma insuficiente (HEIDEGGER, 2012: p. 138).

Heidegger nos chama ainda a atenção para o fato de que a linguagem não pode ser algo externo ao indivíduo, mas algo interior, algo que se constitui como relação. Nesse sentido, a subjetividade não poderia ser diluída na representação da fala, através do domínio deste indivíduo. Essa relação não se limitaria ao uso de signos formais, que uniriam um significado a um significante, mas de uma experiência singular, na qual o indivíduo constrói, na relação, seus próprios significados e se institui com sua subjetividade.

[...] Fazer a experiência de alguma coisa significa: a caminho, num caminho, alcançar alguma coisa. Fazer experiência com alguma coisa significa que, para alcançarmos o que conseguimos alcançar quando estamos a caminho, é preciso que isso nos alcance e comova, que nos venha ao encontro e nos tome, transformando-nos em sua direção. (HEIDEGGER, 2012: p. 137)

Na linguagem, “falar é ao mesmo tempo escutar” (HEIDEGGER, 2012: p. 203). Nesse ponto, poderíamos refletir a subjetividade como uma *intersubjetividade*, no sentido de que ela se constrói na relação de um eu que fala e de um outro que escuta, ambos se constituindo numa relação mediada pela linguagem.

Vejo uma mulher. Boto reparo nela

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Entre espera e tristeza. Seus olhos fitavam o chão, quase desaparecia e quase aparecia por demais. Presença calma, enigmática, impossível deduzir a vida que já lhe passou, pode ter sido roubada ou pode ter sido morrida. Sua respiração era curta seca enquanto seu peito afundava alguma mágoa dura em sobra de ar.

Figura 35 - ?



Fonte: Kelly Santos (2014)

A gente mora em Perus e hoje estamos de férias e viemos conhecer.

Trouxemos uma amiga da minha amiga. Eu tenho carta, mas não dirijo, então vou mais a pé.

Sou uma pessoa que não fica preocupada com o que os outros pensam. Quando eu tinha um bebê de quinze dias e meu marido foi atropelado,
sou uma pessoa muito responsável.

Acho que a vida me ensinou assim. Quando tinha seis anos vi meu pai ser assassinado, começa por aí.

Quando eu estava grávida da minha primeira filha minha mãe faleceu. Foi muito difícil. No segundo filho meu marido faleceu.

Quando os meus dois filhos, um com seis e o outro com sete, eles ficavam na casa de uma pessoa e de outra, depois meu filho disse que queria ficar em casa com a irmã, e foi assim que ficamos. Os dois ficavam em casa e ficou tudo bem.

Trabalhei trinta anos com costura, agora me aposentei.

A família do pai dos meus filhos ainda é a minha família. Foi uma boa complicação.

Na minha mudança comecei a colocar saia curta, me maquiei, quer saber, já que vão falar, falem bem mal. Mas falem de mim. Enquanto vocês estão falando eu estou vivendo. Falei, senhor, me tira daqui que esse lugar não é meu.

Tem que ter muita fé, senão afunda na depressão. Sabe quando você quer um colinho? Não tem, e mais, eu tive que dar dois colinhos.

VÂNIA

07 de outubro de 2014

zona oeste de SP, uma fila para almoçar no SESC Pinheiros

12h18

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

Vânia causou-me curiosidade, pois não soube dizer quem ela parecia ou o que seu olhar trazia. A única sensação firme que pude experimentar era a própria desconfiança do que eu podia imaginar sobre. Sua forma de estar não me convidava, nem me [des]convidava à aproximação. Fui chegando aos poucos. Era uma fila para um almoço no Sesc Pinheiros. Neste dia, experimentamos circular com a máquina de datilografia sobre uma estrutura de mesa alta com rodinhas. Justamente para permitir o deslocamento enquanto fila que anda. Havia barulho ressonante em toda a extensão da fila, isso exigia maior presença na escuta. Gente de todo tipo, alguns aproveitavam a hora de almoço do trabalho e tinham pressa para almoçar ali, outros vinham especialmente para um lazer na estrutura do Sesc e podiam se demorar. Pessoas me chamavam para conversar. Outras pareciam disfarçar a minha presença e se “escondiam” de um encontro possível. Me senti um ponto só na multidão. Vânia estava sentada num banco, sozinha. Alguém guardava a fila para ela, era uma amiga. Parecia cansada e eu também estava. Também me sentei, percebi o cansaço nas pernas de tanto tempo em pé. Ela olhou-me e não sei se me sorriu ou não, até hoje não sei. Comecei a escrever na máquina de datilografia, já na intenção de verificar se ela manifestaria algum interesse. Pois bem, ela me disse. Eu sorri de leve. Um banco longo e só nós duas sentadas nele. E tanto vozerio ao redor. Tomei coragem e me aproximei arriscando romper o nosso contato pré-estabelecido.

Exercício de imaginação, pode ser ficção

Depois daquele tapa, ela decidiu não falar mais. Nunca havia recebido uma violência no rosto daquela forma, nunca havia sido violenta assim com alguém. Seu corpo encolheu num tal dentro que criou casca. O mundo passaria então a ser visto por debaixo desta.

Sua voz silenciou e o mundo ficou mais alto em volume. Ao não falar, pôde resguardar algum si diante dos outros. Houve um silêncio não conhecido até então. O silêncio que pesa, que tem forma, volume e que quase pode ser visto. Ela assim sentiu, como se não estivesse mais só, aquele silêncio novo, a possibilidade de escutar o que suas palavras mesmas diziam dentro de outro tipo de pensamento, aquilo tudo era ser quase outra pessoa. E assim começou a se chamar por outro nome, em suas conversas com o silêncio somente via as palavras pensadas que não eram ditas, escritas dentro do pensamento. Passou a observar como se escreviam, como flutuavam as palavras, soltas dentro de uma consciência. Em alguns momentos parou de escutar o que vinha de fora, estava tão absorta em sua sensação de silêncio, que a vida passou a habitar este dentro. Essa outra vida nova lhe trouxera novas vontades. Passou a ficar dentro do quarto, dentro de si. Não precisava nem comer. Passou a escrever alguns destes pensamentos que flutuavam em palavras e não sabia exatamente de onde vinham. Estava inaugurando uma esfera densa. Um dia acordou com um grito. Abriu os olhos com força de abrir o dia e no susto se levantou, abriu a porta do quarto e andou vorazmente pela casa buscando o sonoro maior. O grito não estava em lugar nenhum da casa. Voltou confusa para o quarto, atrapalhada entre estes dois mundos, o interno e o externo. Fechou-se novamente por ali, deitou-se na cama e voltou a fechar os olhos, buscando o descanso em meio ao não respondido. O grito! Mais uma vez levantou-se. E, na cama ainda, com o coração a galope, o suor escorria pela lateral na têmpora esquerda, as mãos se apertaram e mais uma vez escutou: o grito! Estava dentro de si.

Da escrita feita com alguma distância do encontro

Ela me conta então que é de Perus e aos poucos vai soltando um fio de lã, que eu imaginava enquanto a escutava. Durante toda a nossa conversa, essa linha imaginária ocupou um espaço entre nós, um espaço cuidadoso. Uma linha tensiva quente como a lã e com textura indefinida, mas que roça e esquenta. Nossa esfera de escuta trouxe à tona momentos da vida dessa família, lembranças endurecidas, ditas entre pausas e respiros longos. Nossa aproximação durou o tempo de chegar o seu lugar na fila, a sua hora de subir ao restaurante. Enquanto esperava, me contava, aos poucos, acumulando instantes, sobre fatos trágicos de sua vida. Senti como se entrasse em um labirinto.

Ela não sorria. Ou sorria, eu não sabia. Guardo sua expressão indefinida dentro aqui. Às vezes, recorro a este rosto, a este mistério e silêncio, e silêncio. Este nosso silêncio era, por vezes, interrompido por mais uma pequena parte de sua história, ela ia me dando a lã aos poucos, pois as coisas eram graves, sérias e doídas. Engolia saliva enquanto a escutava. Eu também precisava desses tempos entre as partes, talvez por isso ela assim o fez, em partes, para a minha escuta acontecer. Ela se dizia sem humor. Ao mesmo tempo, enquanto ela falava, parecia pausar em seguida, como se escutasse demoradamente aquilo que acabara de me dizer. Como se me oferecesse tempo também para escutar o que escutei. E como se escutar o que dizia lhe trouxesse o novo dizer, o *como* continuar. Ela parecia contar a si mesma o que nomeava a uma estranha em voz alta.

Quando o silêncio se tornou maior, percebi que havia terminado de falar, que não continuaria, pois havia encontrado um fim. Percebeu a fila andando e seu lugar se aproximando. Fez um gesto à sua amiga e, sem dizer tchau ou qualquer outra coisa a mim, fez aquele sorriso ou não sorriso e se levantou, seguiu em passos lentos e subiu a

escada rolante. Me olhou enquanto subia, nos olhamos até que não nos fosse mais permitido seguir com este fio.

Fiquei ali, sentada, no tempo fora do tempo, num tempo inaugurado em silêncio, escutando ainda o eco de suas palavras, entrando nas ruínas destes espaços e sentindo sua própria escuta ao se dizer. Ela parece ter invertido a situação de alguma maneira, no sentido de ter escutado o que me disse e como isso foi alterando o nosso estar, a nossa energia, o nosso olhar.

Suas palavras permaneceram ressoando naquele espaço dentro e fora de mim. Como se eu continuasse escutando-a dizer. Seja no interior do corpo, seja na materialidade do ambiente ao redor. Cada objeto, cada pedaço daquele espaço continua ressoando sua história. O espaço foi ocupado pelo seu dizer de maneira intensa. E isso alterou a minha sensibilidade e me colocou em um estado diferenciado de presença, como se estivesse calmamente perdida dentro de um campo de onde agora haveria de buscar a saída, uma maneira de voltar. Sair do labirinto. Como se eu ainda agora quisesse ter-lhe dito algo, ter perguntado algo, mas não houve palavra justa. Ainda não há. Não sei bem como explicar esse estado. Mas, ao escrever sobre esse dia, sobre esse contato, algo ainda se amplia dentro do corpo, algo que não se apoia em nada específico, a não ser um não saber, um não ser. Virou madrugada.

O silêncio é espaço.

SILÊNCIO

É tão vasto o silêncio da noite na montanha.
É tão despovoado. Tenta-se em vão trabalhar para não ouvi-lo.
Silêncio tão grande que o desespero tem pudor.
Desse silêncio sem lembranças de palavras.
Se ao menos houvesse o vento.
Quem ouviu não diz.
Mas este primeiro silêncio ainda não é o silêncio.
Que se espere.
O coração bate ao reconhecê-lo.
As folhas das árvores ainda se ajeitarão melhor.
Algum passo tardio talvez se ouça pelas escadas.
Mas há um momento em que do corpo descansado se ergue o espírito atento.
Então ele, o silêncio, aparece.
Pode-se depressa pensar no dia que passou.
Mas é inútil esquivar-se: há o silêncio.
Pode-se tentar enganá-lo também.
Deixa-se como que por acaso o livro cair no chão.
Mas o livro cai dentro do silêncio.
Então se há coragem, não se luta mais.
Entra-se nele e vai-se com ele.
Que se entre.
É a vibração mais tensa que as veias podem suportar.
O coração tem que se apresentar diante do nada sozinho.
Só se sente nos ouvidos o próprio coração.
Quando este se apresenta todo nu, nem é comunicação, é submissão.
Se não há coragem, que não se entre.
Depois nunca mais se esquece.
Quando menos se espera, pode-se reconhecê-lo - de repente.
Ao atravessar a rua, no meio das buzinas dos carros.
Entre uma gargalhada fantasmagórica e outra.
Depois de uma palavra dita.
Às vezes, o silêncio, no próprio coração da palavra.

(LISPECTOR, C. 1999: p. 74-75, “Onde estivestes de noite”. Trecho em fragmento retirado do livro “Onde estivestes de noite”).

Figura 36 - Placa de Trânsito R-1



R-1 Parada obrigatória

Fonte: Internet (2021)

Passo Nove
Outros Sentidos na ação

Figura 37 – O mar



Fonte: Kelly Santos (2016)

Um mistério²⁰ se faz presente.

²⁰ “mis-té-ri-o (latim *mysterium*, -ii, culto secreto) *substantivo masculino*. Culto secreto (no politeísmo). Dogma religioso que a razão humana não pode compreender. Tudo o que tem causa oculta, ou nos parece inexplicável. Segredo. Cautela. Precauções (para não ser visto nem ouvido). Antiga peça dramática de assunto religioso. Sequência de dez ave-marias e um pai-nosso de um terço ou de um rosário.” “mistério”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/mist%C3%A9rio> [consultado em 09-12-2021].

Neste ponto do texto, ocupo-me em escutar as miudezas daquilo que não se pôde nomear, mas que pode ser sentido, quase elaborado em palavras, se mantém em linha tensiva que não responde, mas, sim, provoca ampliação de sensação. Tenho vontade, neste quase fim de passos, de tocar em assunto “estranho”, em aproximar-me de coisas que não tive acesso de modo conceitual, mas que pude experimentar como relação.

Acabo por falar em encontros íntimos com pessoas que não conheço, em reconhecer aspectos sutis que geram curiosidade, arrepio, amor. Por que encontrar hoje com essa pessoa e não outra? Por que esta pessoa e não aquela? O que move as nossas pernas a este momento entre nós no meio do dia? Desde o momento em que essa pessoa sai de sua casa e eu também, caminha pelo seu viver e eu também e nos encontramos naquela hora no “meio da rua”. Esta pessoa decide se sentar e conversar com uma pessoa estranha, no caso eu. De certa forma, nesse recorte aqui colocado, a ação é a mesma para mim, vulgo a artista da ação, e para o outro, vulgo o/a participante da ação. O que nos difere neste ponto é que eu sei que estou saindo de casa para isso, para acontecer. Sei que vou abrir um campo relacional pequeno, mas não por isso pouco expandido, no espaço público.

Mesmo sabendo, no fundo, nada sei.

Em nada posso me apoiar para conduzir tal ação, a não ser na prática dessa escuta aqui anunciada em reflexão, não há roteiro. A situação, na qual a máquina de datilografia está colocada, o corpo está presente, o coração bate – só abre uma possível realidade – mas, o que vai acontecer entre nós, quem seremos neste contato, sobre o que esta pessoa vai falar e de que forma isso vai me afetar e vice-versa, como vamos nos despedir, nada sabemos. Quando marcamos um encontro com alguém, imaginamos o tempo deste e,

normalmente, sabemos sobre o que queremos conversar, quais serão os possíveis assuntos e como isso, de alguma maneira, nos prepara (pelo menos nas ideias) para este encontro marcado. Há expectativa antes, há preparação de um “eu”.

Quando se encontra com quem não se conhece, a vida invade em sua forma mais inesperada. Não há como se preparar para isso. Não dá sequer para imaginar quem se sentará ao lado e qual será o seu dizer. E aqui o tal inesperado na arte se apresenta em sua forma mais singular: a vida em si. O tempo em si. Este agora. Este é um momento especial. É como um nascimento. Como uma chance única de ver, escutar, perceber, relacionar coisas e sensações. Um parar o tempo que corre, quase isso. Uma pausa, uma brecha alargada de tempo. Ou isto: um vento que entra e, sem palavra nenhuma, pode-se falar. Porque é passagem.

A escuta é realmente o chão que permite esse corpo perceber a vida, perceber esse tempo. Esse lugar encontrado modifica a luz, acolhe sentimentos cruzados, permite exclamações internas a partir do contato com este outro, oferece ar, abre camadas. Este estranho que surge de forma delicada em meu dia muda também algum “para sempre” em meu próprio percurso temporal. Ele me oferece outro viver dali para frente. O que era antes acaba. Há fins e há começos. É como escolher e poder realizar esse querer: o viver bem.

Não sei como é para este outro o nosso contato, não sei o que fica, não sei como este/esta o elabora, a não ser pelo que diz, a não ser pelo que escuto, pelo que fica no papel e pelas sensações que me passa o seu dizer ou não dizer, mas também pelo seu modo de estar. É a experimentação da percepção subjetiva. Perceber a sensação desse outro a partir da minha própria corporeidade. É algo realmente inusual este contato, esta visão, esta audição.

Talvez, por isso mesmo, por este não saber sequente, eu continue a ir para as ruas *escutarecrever*. Porque este não saber é motor de continuar a viver, continuar a sentir a vida em experiência de presença. Sei desta presença, isso eu sei, isso eu sinto, as nossas presenças. Sei também que imagino e escrevo histórias a partir da “vontade literária” que age enquanto estou ali, em escuta, percebendo o texto surgir, sem interromper o fluxo do encontro, atravessada ainda por estas presenças.

E este outro que surge a cada dia nem sabe o quanto me permite continuar a existir e a buscar arte na vida, vida na arte. Ou quem sabe estas duas coisas nem tenham separação, nós é quem as cortamos em partes que passaram a ser diferentes. Sinto, então, como uma costura nesse momento. Como uma operação cirúrgica via doutorado entre experiência e reflexão desta experiência. Aqui, estamos tratando com aquilo que a ciência e a arte podem permitir: uma invasão inesperada de aproximações entre aquilo que não se sabe, colocando no centro justamente aquilo que não é sabido, abrindo a encruzilhada²¹.

Este outro ainda faz-me lembrar de uma sensação antiga, sentida mais pela infância, aquela sensação de perceber algo estranho (quase assustador) como quase familiar (e quase de si mesmo), uma impressão específica diante do medo em compasso ao reconhecimento daquilo que amedronta como próprio e identitário.

Mas o que diz “estranho”? Estranho significa comumente o que não é familiar, o que não nos diz respeito, mas sobretudo o que nos pesa e inquieta. No alto alemão, *fremd* vem de *fram* e tem propriamente o significado de: adiantar-se rumo a um outro lugar, estar a caminho de..., o que se movimenta em direção ao que foi resguardado, reservado. O estranho está em travessia. Sua errância não é, porém, de qualquer jeito, sem determinação, para

²¹ “en·cru·zi·lha·da (feminino de *encruzilhado*) substantivo feminino. Ponto onde várias ruas e caminhos se cruzam. = CRUZAMENTO.” “encruzilhada”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/encruzilhada> [consultado em 12-12-2021].

lá e para cá. O estranho caminha em busca do lugar em que se pode permanecer em travessia. O “estranho” segue, sem quase dar-se conta, um apelo, o apelo de se encaminhar e pôr-se a caminho do que lhe é próprio. (HEIDEGGER, 2012: p. 30-31)

Vejo uma mulher. Boto reparo nela

(da sensação inicial, o que vejo quando ainda não houve aproximação)

Do outro lado da rua ela me viu. Percebi sua presença porque ela me convocou a olhá-la com seu peso de mar. Sua pele preta faiscava a energia contida, a vida prolongada em tentativas e nãoos. Ela era grande, sabia pesar e manter-se viva. De olho no chão, com a pele em brilho, parecia molhada.

(Não foi possível fotografar Sônia)

Eu não sei falar de mim. Não é fácil.

Minha história tem coisa triste. Fui criada sem mãe. Sou a irmã mais velha, meu pai ia trabalhar e eu cuidava de um monte de irmão. Tive duas queimaduras, uma no peito e outra no braço. Nossa, nunca contei isso assim, é a primeira vez. (Sônia chora, fala que vai chorar, chora, eu também choro, a Kelly (a fotógrafa da nossa ação) também chora. Chorando um pouco enquanto rimos e falamos que não vamos mais chorar).

Acho que por dentro eu sou triste, tem tudo isso aqui dentro. Com doze anos eu cuidava de seis irmãos, a mais nova das minhas irmãs tinha cinco meses quando minha mãe se foi.

Eu quis fazer medicina, ou enfermagem, mas não consegui... A gente era muito pobre, eu tinha só uma peça de roupa, tinha uma saia que eu tinha que lavar e secar no ferro de passar para poder usar de novo, todo dia.

Eu tinha uma inveja de quem tinha emprego na prefeitura de meio período, e depois eu consegui um emprego de meio período, mas não na prefeitura. E trabalho lá até hoje.

Tive a Rita com trinta e um anos, fui mãe solteira. Aprendi a dirigir com quarenta e dois anos para poder buscar a minha filha nas baladas, comprei um Voyage 84.

Aí construí a minha casa aos poucos, primeiro um comodozinho e um banheiro, depois mais um... A gente que construiu, mas tinha uma lua linda tão grande no quintal. Botamos dois tijolos no quintal e ficávamos olhando a lua, tão iluminando o quintal. Foi uma cena representativa, junta o sofrimento do momento e tudo o que a gente viveu lá.

Eu queria mudar, mas não sei ficar num lugar e estar, não sei o que fazer para mudar isso que eu sinto. Eu me vejo hoje assim, eu queria ser mais aberta.

Outro dia um dos meus irmãos falou: - você cuidou da gente porque quis. Eu disse que não foi bem porque eu quis, mas meu pai tinha que trabalhar e falava para mim que eu tinha que lavar a roupa, que eu tinha que ir na reunião da escola do meu irmão. Que eu tinha que cuidar.

Você viu que eu falei que não tinha coisa para falar, mas daí enchi a folha. Não sabia o que ia falar, não achei que ia falar da minha vida, achei que ia falar de mim.

E minha mãe tá viva.

(um silêncio entre nós e Sônia chora mais um tanto)

Minha mãe apagou os sete filhos.

Constituiu outra família, ela deixou a Simone com cinco meses, minha irmã mais nova e eu com doze, a mais velha dos irmãos.

Quando meu pai morreu eu senti muito, me fez muita falta. Ele contava que judiou de mim, mas o que ele ia fazer? Ele não tinha ninguém, só eu para ajudar.

Ele me dava uma bengala (pão comprido) de manhã e me dizia que era para eu e meus irmãos comerem com chá. À noite, ele voltava umas oito horas e trazia algumas bengalas, dois leites e uma melancia (que era mais comprida do que redonda). E me acordava para eu acordar meus irmãos, um por um, eu dizia: acorda para gente comer, acorda para gente comer, acorda para gente comer...

A gente se revezava para ir à escola, num período íamos eu e mais uns e no outro os outros irmãos. No meio do caminho nos encontrávamos e quebrávamos o lápis no meio para dar aos que estavam indo para escola enquanto nós estávamos voltando. Quebrávamos o lápis para dividir entre nós. A gente também

trocava os chinelos, os mais velhos estavam com arame enfiado na sola. Também no meio do caminho, os chinelos bons eram dados aos que iam para escola e os velhos para quem voltava da escola.

Ah, tô contente de ter parado aqui para falar com você, sabia? (nos abraçamos sinceramente e longamente e ela me diz que estava agradecida e que era um presente)

SÔNIA

06 de dezembro de 2014

zona leste de SP, uma praça

15h31

Escrita pós-encontro, impressões do encontro

Percebi Sônia como uma entidade do outro lado da rua. Eu quis que ela se aproximasse. Quase pedi. Senti como uma benção, não sei explicar. Depois de escutá-la pude perceber aproximações, pude observar uma sensação "estranha familiar". De alguma maneira, a dimensão do abandono atravessou nossos caminhos. De formas diferentes, sem dúvida. Aqui, escrevo sobre o mistério contido no fazer com o outro, e com este outro e não outro que poderia ser qualquer um, mas não é. Há encontros que arrepiam a espinha, que fazem a pele se desgrudar de leve da musculatura, tocando as camadas do nosso tecido interno. Como explicar?

A chegada de Sônia, como a de tantas outras pessoas que escutei nas ruas, atravessa a vida em si e a minha vida também. Em seu sentido macro e expandido, a vida como esfera de pulso, de batimento, de respiração, de acontecimentos; mas também a vida em sentido micro, aquela que encontra com a história que pude construir enquanto *eu*.

Pois então ela veio, sentou-se ao meu lado e logo me disse, muito timidamente, que não tinha nada para contar sobre ela. Perguntou se não seria melhor eu conversar com sua filha, que era uma pessoa mais animada. Que poderia chamá-la. Eu não disse nada em especial, somente a recebi, com as palavras que ela me trazia, buscando perceber sensações corpóreas e respirando leve na abertura de convidá-la a ficar ali. Aos poucos, Sônia foi se aproximando mais de mim, até sentarmo-nos lado a lado, ombro a ombro, “encostadamente”. Foi bonito vê-la encostando-se, quase que reconhecendo se ali seria realmente possível entregar. E, mais uma vez, tudo isso eu só senti. Quando a fala dela se abriu, durou tempo, passamos uma tarde na escuta e na costura de tantas partes um tanto soltas. Coisas foram acontecendo ao nosso redor e nós permanecemos, como num encantamento.

Exercício de imaginação: pode ser ficção

No mar. Uma linha risca a areia dividindo nós e os outros. Diante de seus pés, a linha. Há espera até que a areia dissipasse a marca, ou pelo vento que a leva ou pela água que a molha. Antes de caminhar, ela esperou assim o tempo definir quando haveria de se encaminhar. Na direção da água sentia seu corpo derreter-se como parte líquida. E assim aguardava a linha se desmanchar. Enquanto esperava, seu pensamento no manuseio do fim, aguardava também por decidir-se pela água. Lembrou-se da tia mais velha, de seus dedos compridos apontando para seu rosto e lhe nomeando como *aquela* da família. Lembrou-se, da forma que podia, do rosto de sua mãe, em poucos momentos em que sentiu-o iluminar-se quando a via. A mãe vendo a filha, a filha vendo a mãe. A luz no rosto. Ali, o sol lhe fazia luz. Sentiu peito adentro como um túnel longo. Lugar onde escondia todas as faltas, lugar onde envolvia o amor. O som ao redor era de pássaro

grande, parecia cantar como anunciando este fim. Parecia cantar como tentando postergar este fim. Ela sabia que a risca no chão haveria de direcioná-la ao seu destino tão desejado por alguns, tão incompreendido por outros. Sua dor também parecia se aguar. Seu pensamento já estava molhado. Sua pele já não era dia. Seus passos sabiam, a direção era esta. O mar. Foi assim que, aos poucos, como num encanto, seus pés passaram a desaparecer, depois suas pernas e coxas, seu ventre, seus seios e braços, cabeça e cabelos. Já era natureza. Já estava de volta. Desse outro lado, aquele em que nada é visível e tudo se derrete, aparece o de dentro. Um lugar de não ser, um espaço no silêncio que vive. Ela se entregou a estes passos na fé do encontro com as suas partes, no encontro com o movimento do *de dentro* e conseguiu, finalmente, encaixar-se de volta.

Um estranho caminha pela rua, observo, percebo, busco

A intencionalidade do corpo humano, a sua originária abertura ao mundo, o seu expor-se, e esperar indicações do mundo para si, é atestado, acima de tudo, pela sua estrutura anatômica. Nós somos eretos não pela mecânica do esqueleto ou pela regulação nervosa do tônus (estas são consequências, não causas), mas porque estamos empenhados no mundo. Quando este empenho se reduz, quando diminui a apreensão ao mundo, o corpo se abandona, cotidianamente no sono e, no final, na morte, quando se torna objeto puro, coisa entre coisas, imobilidade, não gesto, silêncio, não palavra, corpo como o concebe a anatomia da ciência. Não é a alma que se foi, mas é o mundo que não existe mais, ou existe somente como terra que o acolhe e o sela. (GALIMBERTI, 1996: p. 65)

É o empenho intencional no mundo em direção ao outro que oferece o diferencial anímico do corpo humano, o sentido gestual, o logos profundo e o verbo corporal. Estar no mundo com pessoa que não se conhece é permitir ao corpo lacear as amarras da própria identidade e abrir-se para outras experiências de relação. Talvez o encontro entre pessoas desconhecidas, a partir das ações artísticas nas ruas, possa colocar em risco a própria noção de si, colocando (brevemente) em crise as identidades envolvidas, revelando uma realidade específica, sem nome próprio, mas que se torna lugar para os acontecimentos, enquanto nos possibilita investigar a forma como nos percebemos, relacionamos e significamos as coisas.

Ao contar sobre si, a ação feita pela pessoa que age é também um inventar a si, um expor-se no encontro enquanto revelação. É esta exposição de suas experiencialidades que apresenta formas e sentidos que são dados à própria vida. É um processo constitutivo, seletivo, de tradução, de poética, em que os significados não são os mesmos de antes, fazem-se significados outros e são eleitos para serem ditos, escutados e datilografados. Submeter-se ou expor-se à escuta e, talvez, em consequência, ao encontro e à participação, é também a possibilidade de “outrar”, não para sermos um só, ou para nos

colocarmos no lugar do outro, mas, pela proximidade da situação, percebermos a diferença, para estar junto se mantendo diferente. Encontrar um(ns) outro(s) também dentro de si. Suportar aquilo que é estranho, carregando a dubiedade nesse sentir que, igualmente, causa alguma familiaridade.

Nas palavras de María Zambrano (2008: p. 18): “existir é resistir, ficar ‘de frente’, opor-se. O homem passou a existir quando, diante de seus deuses, ofereceu resistência.” Nesse sentido, podemos identificar como ato corpóreo o colocar-se em disposição ao encontro com alguém como *resistência*, o que pode parecer contraditório (*disposição* e *resistência*), mas a sugestão que aqui se apresenta é a de se pensar em resistência como existência, como exercício de percepção, como forma de se manter em travessia seguindo o apelo do desconhecido, mas na direção daquilo que lhe é próprio. Ainda podemos pensar que resistir é também durar no tempo espaço, por isso a ideia de se *opor* (pôr em frente) pode nos oferecer diferentes leituras sobre como o corpo se coloca em intenção diante de outro corpo e diante da vida. A necessidade de encontrar uma pessoa que não conheço na rua se faz na medida em que o estar com o outro é a possibilidade de criar experiência para tornar justificável a (r)e(s)istência junto de alguém.

Passo Dez
MundoCorpo: ir e vir

Figura 38 – Centro?



Fonte: Domínio Público (2021)

E, se o escritório da Rua dos Douradores representa para mim a vida, este meu segundo andar, onde moro, na mesma Rua dos Douradores, representa para mim a Arte. Sim, a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver, que é tão monótona como a mesma vida, mas só em lugar diferente. Sim, esta Rua dos Douradores compreende para mim todo o sentido das coisas, a solução de todos os enigmas, salvo o existirem enigmas, que é o que não pode ter solução. (PESSOA, 1999: p. 53)

A rua termina quando abro a porta de casa

A escada, agora, vazia. Tomo um tempo para perceber um pedaço de papel que voa de degrau a degrau, até que se perde entre buzinas e carros, motos barulhentas, vozes escapadas e uma sonoridade tão grave que não lembro de . Aquele Pedro do começo desse texto caminhou até a esquina mais próxima, passando por todo o terminal de ônibus, pelo ponto de ônibus lotado, desviando-se de duas pessoas e curvando a rua à direita a ponto de não o ver mais por inteiro. Ficou um passo seu a meu olhar.

Naquele primeiro dia de ação, permaneci sentada, à vontade ou com vontade, na rua. Por um instante, não soube como me levantar dali. Senti todo meu corpo vibrar sutilmente, se expandir. Escutei o silêncio que pode existir em meio ao som da rua. Observei a máquina e a folha voando presa a ela, mas significando passagem. Alguém passou. Letras e palavras ali datilografadas marcando um compasso de tempo, uma vida anônima que cruzou a folha, se fez caminho. Ali também a ação se tornou um caminho, fez com que a pessoa tivesse que buscar uma maneira de terminar o encontro, por decidir seguir seu rumo e como seguir depois do que se deu entre nós, fazer um gesto de **saída**.

A “saída da ação”, hoje, me parece tão importante quanto a “entrada na ação”. Temos nos preocupado constantemente com os modos de perceber, com como se dá a participação de pessoas em propostas artísticas contemporâneas. Nesta reflexão, tem sido importante “desmontar” cada encontro apontado para, justamente, perceber as diferentes maneiras de participar e, inclusive, nomear, somente com indícios, aquilo que é possível diante destas situações. A entrada na ação, dentro de uma perspectiva da estética relacional, poderia garantir o "encontro", tornando esses processos um tanto romantizados, como se o fato de uma pessoa entrar na ação, dizer sim a ela ou ali se colocar diante – “participar” – pudesse gerar espontaneamente um senso de

comunidade, uma apreciação justa, uma experiência de sentido. E isso tudo, como artistas, realmente não sabemos. Este não saber é especialmente o que interessa. Nunca saberemos de fato o que fica para este outro. Uma participação breve ou prolongada de um passante à experiência artística não revela, de forma segura, a maneira como este ou esta a elaborou e a percebeu, nem como essa experiência gerou ou não gerou sentido. Então, seria mais coerente para a reflexão sobre a participação de pessoas na *Performance de uma pessoa escrita*, pensarmos em termos de entradas e saídas da ação como indicadores de um ciclo no vivido.

Já que entrou, talvez tenhamos aberto uma realidade juntos, reconhecida ou não. Caminhamos por entre frestas da memória, no cruzamento temporal entre partes de uma vida da pessoa que participa, escutamos e escrevemos na máquina de datilografia fragmentos desse encontro, experimentamos momentos silenciosos e, por fim, a pessoa precisa encontrar uma maneira de finalizar não só a sua forma de se contar, mas a sua “saída da ação”. O que estaria implicado neste fazer?

De certa forma, poderia dizer, neste ponto da reflexão, que há um ciclo para cada encontro. Há um caminho de fato a ser percorrido, mesmo que não saibamos disso no antes deste acontecimento. Por isso, afirmo uma imersão²² ao risco do encontro, neste sentido de estar aberta a encontrar junto à pessoa uma possibilidade de *estar com* que não se sabe a priori e, também, um fim possível para esse estar. Talvez, por esta razão, algumas pessoas escutadas durante estes anos de ação tenham pedido para nos encontrarmos novamente. Para irmos buscando esse fim. Mas fim de quê? Da ação? Do

²² “imersão, *substantivo feminino*. 1. Ato de imergir. 2. Mergulho. 3. Inundação. 4. Começo de um eclipse.” “imersão”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/imers%C3%A3o> [consultado em 20-01-2022].

que se conta sobre a vida durante a ação? Ou ainda o fim de algo que nem sabemos bem o que seria, mas que segue emaranhado entre nós?

Existem pessoas que foram escutadas em diferentes anos, em diferentes locais, em momentos outros de sua própria vida. Poderia dizer que existem, então, “*heteroautobiografias*” feitas nesse espaço-tempo. Pessoas que voltaram a contar suas palavras, passado um ano, dois meses, três anos. Posso até confirmar que existiram pessoas que me encontraram na rua mais de uma vez e sem querer. Estas não sabiam que eu estava ali fazendo a ação, mas, por força do acaso, nos encontramos “sem querer” novamente. E seguimos nessa *escutaescrita*.

Por estas razões, é tão delicado (mas somente nessa delicadeza) nomear os modos de participação numa determinada ação artística, bem como definir o que é arte. Então, como mensurar os mecanismos capazes para percebermos a escolha de pessoas em participar ou não das ações? Como saber o que foi determinada experiência artística para cada pessoa? Como verificar o grau de envolvimento dessas pessoas nessas ações? Como se sentiu? Para onde foi tão logo “acabou” a ação? De que forma traduziu? Com qual sensação ficou? O que levou consigo? O que esqueceu? E a cidade, a rua, o local onde nos encontramos, como se alteraram ou como se dá o reencontro dessas pessoas com estes locais após a experiência artística? São perguntas abertas à experiência na vida que segue.

Em vista de se pensar ainda de que forma podem se desenhar os espaços sob a ótica de uma arte relacional/contextual nas ruas em nosso contexto latino-americano, mais especificamente numa cidade como São Paulo, submetida a processos de gentrificação e de capitalização dos espaços urbanos, caminhamos até aqui com vista a refletir sobre como a ação artística pode mobilizar uma capacidade de afetar a sensibilidade envolvida

nessa rede de relações, abrindo este acontecimento finito na realidade possível, criada pelas presenças que chegam ou não a se encontrar.

Investigar o encontro entre artista e espectador(a)/participante em processos poéticos como uma experiência relacional, e como se dá a relação entre estes “papéis”, revelou a importância da compreensão de uma experiência estética de outra ordem, aquela que pertenceria à (auto)consciência das pessoas, conforme estudado por Martin Seel (2011). Para o autor, o fato do ser humano habitar um tempo circunscrito faz com que encontre oposição em encontrar o espaço interno para perceber seu próprio presente. Com base no pensamento de Seel (2011: p. 146), de que “a situação existencial do ser humano se estende além de sua posição espaço-temporal: vai desde o passado de sua história particular (...) até o futuro, colorido por seus planos, suas esperanças e seus temores”, é possível instaurar um ponto de partida para a compreensão desta reconfiguração de papéis. E quando escreve sobre o conceito de “aparecer artístico”, o autor lança luz sobre uma questão importante no que concerne à experiência do/da participante: “todo saber e toda reflexão, toda interpretação e toda imaginação que a arte exige de seus espectadores tem por finalidade despertar a vida no aparecer artístico das obras” (SEEL, 2011: p. 149-150). Este é um importante pensamento do filósofo, na medida em que este tipo de aparecer tem a potência de operar uma ação sublime: aquela que amplia o tempo presente para além do cenário existencial daquele que a experimenta.

Para desenvolver estas ações, desloco-me para os lugares em torno e dentro dos quais pretendo trabalhar e lá escuto e percebo a vida, espero, convido, recebo. Por isso, trata-se de uma prática que demanda alargamento de tempo e entrega. Somente diante da devida duração e a partir da postura atenciosa é que são estabelecidas conexões que constituem a criação artística, mas que não podem ser completamente abarcadas por esta. As relações ali estabelecidas são, acima de tudo, relações de vida. Observamos uma

real fusão entre arte e vida, porém não nas configurações propostas pelas vanguardas do século XX. Aqui essa fusão se dá através de espaços que se abrem na vida cotidiana, não como uma imposição que pretende o choque, mas sim na forma de convidar e arriscar o encontro.

Observando o percurso artístico que tenho desenvolvido nos últimos dez anos, entre ações e instalações em espaços urbanos, como a *Performance de uma pessoa escrita* (2012), *Pinto suas unhas* (2017)²³, *Corpo Geo Grafia* (2019)²⁴, entre outras ações experimentadas, reconheço fortemente a fusão entre arte e vida mencionada anteriormente nesta escrita tese. Onde não é possível traçar uma separação exata entre a arte e a vida, estas esferas estão profundamente entrelaçadas. Cabe destacar que essa experiência sensível, mediada pela máquina de datilografia, pode tomar diferentes rumos, não estando sob o controle da artista. Há somente o disparo, e isso permite que os/as participantes a conduzam em qualquer direção e duração. E, nesse sentido, nos colocamos também em posição de paridade.

Como as relações humanas são o que mais interessa, o trabalho é, em última instância, o de abrir espaço para a sensibilidade fora dos espaços tradicionais de produção e fruição de arte e, a partir dessas experiências, gerar ressonâncias no tecido social, criar ou alterar realidades. Isso tudo em um contexto em que, nas palavras de Osmar Gonçalves, o que está em jogo nos trabalhos de arte contemporâneos

²³ *Pinto suas unhas*: ação realizada no Parque da Luz, Praça da Sé, entre outros espaços centrais da cidade de São Paulo, onde coloco-me à disposição com material para fazer as unhas e dois banquinhos, para pintar as unhas de quaisquer pessoas que decidam se sentar. No fundo, o maior acontecimento é a conversa que se dá nessa duração.

²⁴ *Corpo Geo Grafia*: ação realizada pelas ruas do centro histórico da cidade de São Paulo, onde só me desloquei quando alguém aceitasse andar de mãos dadas comigo. Coloquei-me no espaço público com uma cartolina em mãos: “Anda de mãos dadas comigo?”. O foco desta ação também se deu na escuta que acontecia enquanto andávamos de mãos dadas até os destinos de cada pessoa. Ambas as ações geraram escritos que registraram esses encontros e conversas.

não se trata mais de evocar a nostalgia da bela aparência, de restaurar uma beleza inacessível, uma imagem aurática – o objeto a ser cultuado, contemplado – mas de instaurar bons encontros, produzir acontecimentos, criar práticas que se apresentam como um exercício coletivo, uma experiência ao mesmo tempo estética e política, mais ligada às noções de experimentação e de jogo do que aos arcaicos conceitos de contemplação e beleza. (GONÇALVES, 2013: p. 71)

“[...] bons encontros, produzir acontecimentos, criar práticas que se apresentam como um exercício coletivo, uma experiência ao mesmo tempo estética e política, mais ligada às noções de experimentação e de jogo do que aos arcaicos conceitos de contemplação e beleza” são também aspectos tratados pela teoria de Bourriaud (2009). Porém, quando a estética relacional opera no universo de práticas que inauguram o encontro com o outro como dimensão artística, tentando definir tais práticas e revelando ou não como cada ação artística está produzindo essas relações com a vida, isso reduz, em alguma medida, a possibilidade de nomear cada prática singular proposta em tempos atuais. Ou seja, a estética relacional como conceito inserido na arte contemporânea não conseguiria classificar todas as ações ditas relacionais, de diferentes espécies e modos de agir, bem como não conseguiria garantir alguma forma de participação naquilo a que nos referimos como encontro nas artes, pois, na verdade, toda arte é relacional e cada modo de realizar arte envolve uma constelação complexa que evidencia modos de ser, modos de fazer, formas de se instaurar convites à participação do outro, formas de participar, formas de durar no *estar com* e espacialidades contextuais variadas, entre tantas outras facetas envolvidas no gesto relacional dentro do universo artístico.

Seria impossível definir cada produção atual realizada por artistas contemporâneos/as pela complexidade envolvida em cada ação. Talvez o que possamos dizer é que estamos entre artistas e ações que convidam à participação de pessoas, que poderão escolher

dialogar com este/esta artista, cozinhar com esse/essa artista, fazer escolhas, "assistir" pela proximidade algumas instâncias do real, abordar importâncias ou desimportâncias, olhar com mais calma, respirar e soltar o corpo no cotidiano como prática para saúde de si, transitar entre densidades e vibrações sutis ao exercitar a percepção, a micropercepção, na esfera do pequeno, de um convívio breve e possível etc.

Tomando como base o que foi observado ao longo deste estudo, compreende-se que os critérios de apreciação de uma prática artística que explora o relacional seguirão em constante debate e negociação. O que parece merecer destaque, ainda, é o fato de que a proposta citada, para além de estabelecer uma relação de respeito com os/as participantes, decorre em desdobramentos materiais e imateriais. Há, por um lado, desdobramentos poéticos e, por outro, o desenvolvimento de relações afetivas, ampliação do tempo e trocas sensíveis que também constituem o fazer artístico. Nesse sentido, uma narrativa seria tão imaterial quanto o jogo que anima o momento de sua realização, assim como uma escuta seria tão material quanto um escrito que se elabora a partir dela. Há um trânsito entre estas manifestações.

A maneira encontrada para fazer escrita em corpo em relação foi também encontrar-me em trânsito. Trânsito²⁵ (*trânsito + -ar*) *verbo transitivo*

1. Passar ou andar; fazer caminho. = percorrer.

2. Mudar de lugar, de estado, de condição.

Palavras relacionadas: transitado, estrada, transitável, passagem, circular, transitadamente, passar

²⁵ "Trânsito" in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/transito> [consultado em 19-01-2022].

A dinâmica de escrita durante estas ações revelou a prática artística em si, bem como um modo/método de escrever o mundo. Construimos, inicialmente, uma possibilidade de caminho experimental poético/reflexivo nessa tese, mas este se deu de fato por entre escutar direções que a própria escrita na pesquisa foi apontando, foi “desmontando” ao se permitir olhar por diferentes perspectivas o íntimo da ação artística. O processo de desmontagem tem a ver com reconhecer modos de fazer, com revelar uma poética da experiência dos processos de criação entre arte e vida dos(as) criadores(as). Comprometer-se com cada passo do processo é também dar uma chance para reconhecer partes que estão implicadas no ato de criação e que denotam as águas que se cruzam no dizer.

Como chegamos a tal processo artístico?

Este estado de procura sugere ainda refletir e reconstruir criticamente os processos criativos, se aproximando do horizonte das estratégias poéticas envolvidas. Seria então possível desmontar qualquer material construído, pois sempre há uma parcela subjetiva que não se apresenta ao/à participante, e sempre haverá um modo de fazer implicado na ação a ser reconhecido. Nesse sentido, a desmontagem apontaria também uma forma de transmissão pedagógica de uma determinada experiência a ser compartilhada.

Quais escritas um corpo em escuta a outro corpo pode criar?

Interpelada por esta questão, a reconstrução de um processo particular foi iniciada, próximo a uma imersão indagatória, atenta aos acasos e aos pequenos descobrimentos, atenta às pistas que não totalizaram a experiência criativa, mas que anunciavam a possibilidade de um diálogo em pesquisa. Compreendi, logo no início do processo, que se tratava de um “campo de procura”, de um espaço inaugurado pelo não saber, para reconhecer as relações entre as partes e permitir um discurso (re)criado a partir de

movimentos incertos, suspeitos e cambiantes. Tratou-se de reconhecer os procedimentos fazedores do trabalho/do objeto a ser desmontado, preocupando-se com enfatizar alguns mecanismos dessa construção, em especial, partindo da percepção das sensações envolvidas neste fazer. Essa ação de reconhecimento é a própria “poética da experiência”, segundo Ileana Diéguez (2009), que é articulada no momento do encontro, no compartilhamento com o outro, em que cada artista cria uma estrutura que revela essa experiência. Neste caso, e, em princípio, a poética da experiência que se revela enquanto tese é trazida aqui como o momento dessa escrita em conversa com o/a leitor/a deste trabalho.

Escrever, coloca-me num espaço sem gravidade, solto, desmedido, íntegro, aberto. Só há escuta nessa escrita. Entrega à escuta e à percepção, pelo contato com as sensações, daquilo a que estamos submetidos como *sendo a vida*. Percebendo a troca entre as estações, o tempo, o espaço, o sentir, o não saber, o dizer, o escrever (tanto o escrever enquanto ação artística, quanto o escrever a tese). Acredito que esse modo encontrado de escrita, em contato com as maneiras que fui experimentando entre escutar e escrever, *escutarecrever*, voltando a esta junção de palavras, possa sugerir que haja uma ação primordial neste fazer. Esta age por meio da percepção do que se sente, *onde* no corpo e no espaço, sendo atravessada a cada instante, prestando atenção sob quais ressonâncias estamos submetidos, estando entregue a uma espécie de escrita escutada, deixando a escuta ser relação e encontrar a mão.

Acordar as sensações percebidas nas ações, com a escrita deste *agora* que as revela, fez com que emergissem matérias que começaram a ser passíveis de mensurar. O próprio verbo “mensurar” poderia passar por atualizações através do resgate de seu pronto significado: determinar a medida de alguma coisa. Permitir a errância desse verbo nos

manteria numa encruzilhada, neste exato ponto em que percebemos o que está ao redor e não no centro, o “objeto” da pesquisa, e poder medir/mensurar o que se relaciona com esse “objeto”, medir as distâncias entre o que se encontra ao redor, o que circula. O objeto tornou-se circulação. Ver a paisagem do entorno pôde trazer algo novo, que nos permitiu entrar num ciclo de começos e fins e recomeços e fins de determinadas sensações e reflexões, um ir e voltar. O ego dá uma ré interessante, este também se desloca nessa medição entre distâncias.

Outro, aquele estrangeiro de mim, pode contar.

Atravessar essas distâncias do entorno, passar entre as estações (encontro com o outro, escrita de impressões/reflexões afastada desse encontro, escrita ficcional), permitiu reconhecer (talvez mensurar) as distâncias estabelecidas também para estas diferentes escritas, por essas diferentes sensações corpóreas.

“[...] um alguém atenta para as mínimas sensações intersticiais que lhe sobrevêm, sensações estas tomadas como ondas transportadoras de outras sensações que lhe se associam, sensações transformadas em arte, que são também sensações de um outro, múltiplo gerador de outros” (GIL, 2020: p. 14).

Há, nesse sentido, um "escorrego" no “estranho”, naquilo a que seguimos pela estranheza e pela aproximação; há sensações de sentir “outros” que me dizem, há a possibilidade de me converter em uma esfera de ecos, de vestígios desconhecidos e tornados íntimos, quando se permite algum “esquecimento de si”. Eis que surgem novas paisagens... Como um salto em que se vê o que diz a palavra, em que aquilo que se “vê” transforma-se também em “escutar” e, assim, em abertura para o temporal no ser.

Das distâncias

Tato com o outro (Vejo uma/um mulher/homem, o que vejo quando ainda não houve aproximação). Ponto de partida: a nascente. Um corpo observa, este que deseja a aproximação e que inicia uma pequena distância de si mesma. “Desdobrando e fixando cada um dos múltiplos instantes presentes” (GIL, 2020: p. 15). Estado experimental que voluntariamente me coloco através de uma observação microscópica. Tempo: a única realidade é esta que nos fornece as sensações, olhar e escutar o que está aqui e na vizinhança. Estar aqui, na nascente, observando o movimento que acontece independente de mim. Mas não se vive na nascente, é preciso aguardar, é preciso um gesto *desde* a nascente. Tatear a esfera que se apresenta como possível abertura de realidade. Perceber o mundo. Fazer uma escolha: ir.

Contato (Fragmento da escuta datilografada), gestuar o passo, um mergulho: dar-se a permissão de distanciar-se de si mesma, atravessar a rua, abrir a linha, ir ao encontro de outra pessoa, permanecer e manter contato situacional, molhar-se. Susto. Deixar-se ficar. Suportar o tempo fora do controle, *escutar maior*, entregando-se ao movimento da natureza. Um corpo disponível e animado, tentando a escutar outras vozes, outras sonoridades, deixar-se em estado de imersão ao encontro possível. Aguardar. Ressoar convite. Como tornar-se o próprio convite? Quais estratégias estão dispostas? Estas são encontradas através da percepção das sensações. Este corpo é situação. Este corpo é vibração, não só anatomia, mas intenção, percepção, ressonância, plasma²⁶. Vive o estado

²⁶ “Plasma (grego *plásma*, *-atos*, o que é formado ou moldado, imagem, corpo, ficção) *substantivo masculino* 1. [Fisiologia] Líquido claro onde se encontram os glóbulos do sangue e da linfa (ex.: *plasma sanguíneo*). 2. [Física nuclear] Meio gasoso a alta temperatura, em equilíbrio termodinâmico, eletricamente neutro mas condutor da eletricidade, constituído em proporções variáveis, segundo as suas diversas regiões, por moléculas, átomos, radicais livres, produtos de dissociação, partículas excitadas, íons, elétrons livres e fótons. 3. [Física] Gás ionizado constituído por elétrons e íons livres, cuja carga elétrica é

alargado de manter a escuta viva enquanto a escrita a captura no papel na presença do outro. É expandir-se entre “outros”. Esfera de alteridade expandida. Estar com quem surge, com quem entra na ação, quem vem? Permitir-se a duração na estranheza dessa intimidade entre estranhos. Perceber a vida, visitar a vida de outra pessoa, perceber a vontade literária atravessar a presença no encontro, guardar esses impulsos, de alguma maneira. Perceber aproximações e distâncias entre nós. Transformar-se por conta desse contato, visitar um espaço dentro de si alterado, sem saber como nomeá-lo. Afirmar a escrita escutada no papel. Ver o outro se ler. Descobrir emoção envolvida. Experimentar o silêncio da montanha. Esperar o fim desse encontro. Esperar como terminar e se despedir. Ficar só, com a vida animada.

A **Lembrança** desse encontro (**Escrita pós-encontro, impressões do encontro**)(Da escrita feita com alguma distância do encontro). Escrita que se distancia do encontro para refletir sobre ele, estica a linha tensiva. O passo seguinte: distanciar-se do encontro com este outro, sair da água, sentir o desapego, experimentar o fim, perceber a saída e a ausência do outro, sentir o corpo esvaziado e arrepiado, mas acalentado pelo tato experimentado com este outro, afetar-se pelo nosso estar e pela encruzilhada do não saber. Insistir, ir fazendo. Perceber o modo que estas histórias que *escutei escrevi* nas ruas atravessaram o corpo, fizeram com que eu as escrevesse junto, com as mãos na máquina de datilografia, com a escuta em recolhimento, observando, inclusive, os efeitos dessa escuta sobre a receptividade dos sentidos, com o corpo em contato, criando corpo *com*. Anos passam. Perceber o volume desse corpo que se distancia do outro e que reflete sobre essa experiência do encontro, repleto de atravessamentos de diferentes vetores. Um pouco atordoado com o que experimentou,

nula.” “plasma”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/plasma> [consultado em 30-01-2022].

com um ânimo renovado, sem linguagem ainda para nomear, tendo o corpo refrescado de um nado. Esperar se secar. Escutar a palavra se aproximando. Dar-se conta de que a escuta é relação. Lembrar das relações, abrir um vetor por onde circulam a lembrança e a presença, perceber o cruzamento entre tempos do passado e do presente que dialogam na escrita. Tornar-se passagem.

Eco: exercício de imaginação, pode ser Ficção. Assumo a palavra eco por reconhecer que esta escrita, que surge de uma vontade literária, assume a mão, toma o corpo e leva as palavras e o mistério ao texto. É uma recordação ou vestígio da experiência do encontro, não é fiel a ele, também não é infiel a ele. Linha enrolando-se, desenrolando-se entre lembrança, invenção e captura do que surge. É a distância dada pela permissão de lembrar, deixar passar, perder partes e, ao mesmo tempo, instaurar uma escrita experimental, abrir uma distância, reconhecê-la. Dar espaço ao mistério do que se torna palavra em texto. O que mistura pessoas escutadas, as minhas lembranças pessoais, o contexto e materialidades presentes no ato de escrever, matérias desprovidas de localização... Certamente, o corpo seco, com a pele renovada, uma nova circulação se estabelece. É também coragem de seguir entrelaçada por tantas vozes e pingos, deixá-los escorrer, circular como sangue que corre. Permitir que outras vozes, assim como outros imaginários assumam a escrita, perceber essa escrita *cruzamento*, o trânsito se intensificando e dele surgindo imagens palavras. Elas contam o que não contam, resgatam tempos diversos e que escapam ao serem percebidos, mas deixam abertas esferas de diferentes realidades, misturas de nossas e de outras vozes e tempos, permitem entradas e saídas de cômodos da consciência e da inconsciência. Não há escolha egóica, escorrega-se.

Estas fases do corpo em escrita, realizando suas inscrições na ação artística, tornam o espaço da sensação como espaço do corpo, tornado idêntico a elas. Permite o reconhecimento de alguns atravessamentos internos/externos, movimenta-se nesse tempo/espaço, transforma-me numa espécie de “esfera de ecos” das sensações a que fui me expondo, de percepções que vão sendo agenciadas numa costura entre palavras e ar. Essas experiências de *escutaescrita* assumem o risco de dar a ver partes ou, no mínimo, perguntam sobre quais fluxos passam e que me passam, e alguns dão as mãos a mãos que previamente esperavam por estes e que são as minhas, e que ali estavam em prontidão numa espécie de espera. Dá colo. Serendipidade poderia ser um termo interessante a ser colocado aqui, no sentido de

[...] descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que “descobrimos” para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que sequer o notemos. (GONÇALVES, 2017: p. 9)

Experimentar tais dispositivos de escrita que partem do contato com as sensações, da atividade incessante da atenção ao que atesta a capacidade de sentir, de perceber e de escrever a vida, para preservá-la, é também criar redes para pescar aquilo que pode “aparecer”. Para guardar a vida. Trata-se de condição experimental de escrita, criando assim uma poética que considera as sensações como unidades principais, fundantes da palavra a ser escutada, junto às sensações das memórias de outras pessoas que tocaram nosso estar, construindo, assim, uma linguagem expressiva, autônoma, descontrolada, que surge ainda em outras escritas vivas e que segue em sonho.

Na tentativa de ainda abrir a paisagem da escrita nesse texto e nas ações aqui citadas, há que se contornar alguns caminhos dessa mesma escrita que se quis experiência de escuta. Por se tratar de uma experiência que não se esgota em si mesma, é gesto que abre escrita para mais escrita, como um *continuum* que se dá a partir de seu disparador inicial e que segue encontrando passagens e sequências. A escrita salta entre experimentar uma percepção subjetiva, exercida quando estou com a pessoa na ação em minha própria corporeidade; e uma percepção objetiva, que possibilita o datilografar palavras escutadas no *estar com* a pessoa na ação. Transito entre um e outro, reconhecendo o que pode a escrita no mesmo momento de sua afirmação.

Ao mesmo tempo, a condição experimental da escrita também acontece no contato, no atrito com a não escrita, pois carrega igualmente a sua impossibilidade de se escrever. A escrita não atuaria então apenas como realização de um plano, de uma individuação (mas também), de colocar palavras no papel, mas na sua possibilidade, na sua liberdade, inclusive, de decidir passar ou não à ação (AGAMBEN, 2007: p. 12). Talvez seja esse um desafio da escrita como campo experimental: ativar pouco a pouco a sua dimensão de gesto e alteridades (também de si mesmo) e, com isso, abrir espaço para que algo, no viver, aconteça.

E aquilo tudo desse tanto de gente foi ficando em mim, escorrendo pela pele e tomando formas misturadas às minhas próprias. Aquilo que segue também escorre pela rua, se acomoda ao vento, se movimenta entre tempos, encontra colo ou escapa como passado. Aquilo que a lembrança permite trazer de volta à palavra é contado aqui como expressão única de entrega ao vivido. Nessa *escutaescrita* transformando o passo, cada passo dado na ação de atravessar a rua, encontrar o que tem do lado de lá, permite espaço ao medo, à insegurança e também ao risco de ampliar o estar junto com alguém. Arte como pretexto do viver.

Ao chegar aqui, neste ponto “final” do corpo da tese, percebo o continente que começa a se formar e sou atravessada por inúmeras sensações, fragmentos mais antigos e breves de lembranças de cada pessoa que se sentou ao lado na ação. São alguns momentos vividos. E a maioria das narrativas produzidas nessa ação não estão incluídas nesta tese, algumas seguem soltas, outras encontram-se aqui no apêndice logo abaixo. Deixo-as como faísca, como fragmento luminoso que se desprende de um corpo em brasa ou resultante do encontro entre dois corpos; faísca como sequência a seguir (como manter o fragmento luminoso?) ou até como consequência que surge ao se permitir estudar este percurso, ao olhar essa luz.

A poética que se encorpa então como tese, como corpo, carrega a singularidade, o modo íntimo encontrado para comunicar tal caminho e reflexão artística. Conhecer essa poética é, de certa maneira, tecer, encontrar uma possível linha entre arte e vida, perceber as distâncias, através da entrada intrínseca no processo criador, no repertório cultural, nas escolhas e estratégias, sensações e caminhos, nos procedimentos e inquietações. Esse tecer é um gesto construído a partir do contato com as experiências citadas, dos estudos, mas, sobretudo, a partir do convívio com pessoas, do tempo junto, da aproximação e contato, da espera, da duração e da escuta. E isso, certamente, determina, substancialmente, os modos de ver, sentir, refletir e fazer arte. Oferece novos modos de viver.

Respiro agora como quem percebe os passos deixados para trás, as marcas dos pés no contato com o chão, alguns pingos, linhas, formas e corpos, um mapa desenhado pela corporeidade na relação com o sentir. Percebo o caminho que foi aqui narrado pelas mãos, pele, ouvidos e silêncio. Também reconheço que, ao passo do viver, essa escrita estabeleceu tempo, ampliou a sensação de vida, trouxe mais perguntas e revelou espaços desconhecidos que passaram a nascer. Reconheço que ainda estamos nascendo, que não

se nasce de uma só vez. E, talvez, esse gesto contínuo de “começar” a existir, de continuar a nascer, possa ativar e manter a vontade de ir para a vida encontrando-a em arte.

Um habitante deu por finda sua febre estéril e partiu para realizar a OBRA que lhe conferia um segredo de DEUS se cumprindo nas trevas da sua cerração. Com muita dor desistiu de fotografar os assuntos com muita dor desistiu de escutar os sons do século com muita dor aceitou perder seu nome. Sem nome. SEM NOME. Pra se inscrever como escrivão copista da vontade divina. Lavro e dou fé. [...] se dedicava inteiro à OBRA com vontade de perder os traços particulares do rosto pra que o outro aparecesse (SALOMÃO, 2014: p.11).

A única maneira de teres sensações novas é construíres-te uma alma nova. Baldado esforço o teu se queres sentir outras coisas sem sentires de outra maneira, e sentires de outra maneira sem mudares de alma. Porque as coisas são como nós as sentimos – há quanto tempo sabes tu isto sem o saberes? – e o único modo de haver coisas novas, de sentir coisas novas é haver novidade no senti-las. Muda de alma. Como? Descobre-o tu. (...)" (PESSOA, 1999: p. 284-285)

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARDENNE, Paul. **Un arte contextual**: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Azarbe, 2006.

BAIOCCHI, M.; PANNEK, W. **Taanteatro**: teatro coreográfico de tensões. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

BISHOP, Claire. Antagonism and Relational Aesthetics. **OCTOBER Magazine**, New York: MIT press, n.110, p. 51-79, 2004

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Tópicos).

_____. **A conversa infinita**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

_____. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

_____. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

_____. **Radicante**: por uma estética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

BRETON, David Le. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPGAU/UFBA**, Salvador, Ano 6, número especial, p. 79-86, 2008.

BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CALVINO, Italo. Um rei à escuta. In: _____. **Sob o sol-jaguar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

DIÉGUEZ, Ileana; LEAL, Mara (Orgs.). **Desmontagens**: processos de pesquisa e criação nas artes da cena. 1.ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

DOBAL, Susana; GONÇALVES, Osmar. (Orgs.). **Fotografia Contemporânea**: Fronteiras e Transgressões. Brasília: Casa das Musas, 2013.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O Corpo-em-Experiência. **Ilinx – Revista do LUME**, n. 4, dez. 2013.

FABRINI, Ricardo. Fronteiras entre arte e vida. **Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia - UFOP**, v.9, n.17, abril 2014.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 8. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2018.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FOGEL, Gilvan. Escuta, silêncio, linguagem. **Aufklärung: Revista De Filosofia**, v. 4(esp.), p. 47–58, 2017. FOSTER, Hal. **El retorno de lo real**: la vanguardia a finales de siglo. Madrid: Akal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História da sexualidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 3 v.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____. **Escritos sobre literatura**. São Paulo: Hedra, 2014.

GALIMBERTI, Umberto. **Il corpo**. Milão: Feltrinelli, 1996.

GIL, José. **Fernando Pessoa ou a Metafísica das sensações**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

GODARD, Hubert. Olhar cego. Entrevista com Hubert Godard, por Suely Rolnik. In: ROLNIK, Suely. (Org.). **Lygia Clark, da obra ao acontecimento**. Somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KAPROW, Allan. **La véritable expérimentation L'art et la vie confondus**. Paris: Centre Georges Pompidou, Coleção Supplémentaires, 1992.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Editora Autêntica, 2014.

LEÃO e SILVA, Maycira Telles. O relacional em questão, mas ainda a vontade de estar junto. **Revista Poieses**. v. 16, n. 25, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Entrevistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MEDINA, Valcárcel. La memoria propia es la mejor fuente de documentación. Entrevista con Isidoro Valcárcel Medina. **Sin Título**, n. 1, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIELI, Paola. **Figuras do espaço**: Sujeito, corpo, lugar. 1. ed. São Paulo: AnnaBlume, 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

NANCY, Jean Luc. **Corpus**. Trad. Tomás Maia. Lisboa: Vega, 2000.

_____. **À l'Écoute**. Paris: Galilée, 2002.

_____. **À escuta**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2014.

_____. **Demanda**: Literatura e Filosofia. Florianópolis: Ed. UFSC; Chapecó: Argos, 2016a.

_____. **A comunidade inoperada**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016b.

PEQUENO Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo, Editora Moderna, 2015.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: Feminismos, Escrita de si e Invenções da Subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Meridional, 2016.

SALOMÃO, Waly. **Poesia Total**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SEEL, Martin. **Estetica del Aparecer**. Madri: Katz, 2011.

SYDOW Quilici, Cassiano. Performative Writings and Contemplative Exercises. **Performance and Mindfulness**, v. 2, n.1, 2019.

THOMPSON, Nato. Living as form. In: _____. (ed.). **Living as Form: Socially Engaged Art from 1991-2011**. Massachusetts/Londres: MIT Press, 2012.

ZAMBRANO, María. **L'úomo e Il divino** [O homem e o divino]. Roma: Edizioni Lavoro, 2008.

_____. **As metáforas do coração e outros escritos**. Lisboa: Assírio Alvim, 2000.

_____. **O sonho criador**. Lisboa: Assírio Alvim, 2005.

APÊNDICE 1 - CARTAS, MAS AINDA CORPO DA TESE

(Duas cartas: de quem fotografou e acompanhou a ação nestes dez anos)

Carta 1: Henrique Schafer

Acompanho a Performance de Uma Pessoa Escrita desde a primeira vez que a Tatiana foi para a rua com a máquina de escrever. Minha função era dar suporte e registrar com uma câmera fotográfica. Não tinha ideia de como essa função teria que ser desempenhada. Já antevia que a ação seria muito interessante uma vez que surgia de uma ação anterior que acontecia na rua com um grupo de atores, atrizes e outras pessoas, coordenadas pela Tatiana. Desde então, sempre que acompanho, me preparo como um técnico em um espetáculo artístico. Carrego meu equipamento: câmeras, celular, prancheta com papéis, água, barbante e pregadores para montar o varal com os textos que vão surgindo durante a ação.

Acompanho com o olhar tudo o que consigo e que está no entorno da Tati. O mais próximo e o que se aproxima. Guardo distância respeitosa do epicentro da ação onde estão a mesa e duas cadeiras, a artista e a máquina datilográfica. Fui aprendendo que devia performar também de alguma maneira. Devo me manter quase invisível e atento para qualquer apoio. Ela sempre sabe onde estou e eu de olho nela. A qualquer discreto sinal da Tati me aproximo. Minha participação na ação da Performance de Uma Pessoa Escrita é a de quem vê de perto e escuta de longe.

As pessoas se aproximam curiosas, encantadas com a máquina, ávidas por algum encontro que elas não sabem como se dará. Algumas vezes, a atenção se concentra na máquina. São encontros breves, curiosos, quase lúdicos. Outras vezes, são confessionários. Quando isso se dá, não há o eu da Tatiana e o outro que se senta diante dela. Há só encontro. A Tatiana é silêncio. E o silêncio protege as conversas que acontecem. Eu não posso escutar. Mas sei quando algo está acontecendo. É assim: de repente surge alguém que se aproxima, troca algumas palavras, se senta e fala. Fala de si, da vida. Fala como se suas palavras importassem para alguém. O que convoca essas

peessoas? Tatiana é silêncio e presença. E assim, aprendi o significado da ação escutar. O silêncio é que chama quem está por se ouvir. Só o silêncio pode nos fazer mudar de escala. Escala energética (a atração dos corpos para a ação) e dramática (a expressão do humano).

Ela atinge esse estado de presença (escuta plena) enquanto se prepara para a Performance. Seu aquecimento também é silêncio e profundo. Não é um personagem, nem uma persona. Quando uma pessoa se senta diante dela e começa a falar, não há 'eu' nem 'outro'. Há um acontecimento de ordem pessoal, profunda, terapêutica, artística. Da ordem do sensível e do encontro verdadeiro de dois seres que ressignificam as experiências vividas por uma delas. Nada a distrai desse encontro. Embora ela perceba outros encontros possíveis ao redor. A obra artística é da ordem do misterioso que se dá na presença dos corpos e da escuta do que se dá dentro e fora.

Vou de dentro para fora e de fora para dentro da ação. Faço círculos em torno, Observo quem olha, quem se aproxima, quem ignora, quem sorri. Sou testemunha da natureza desse encontro que surge como uma semente num ecossistema que se simplesmente já existe e que encontra as condições para germinar. Vejo pessoas saindo do automatismo da vida para encontrar um acalanto. Uma escuta. Um sentido. Não sabia que isso era arte até ver de perto e escutar de longe.

Carta 2 - Kelly Santos

eu não sei dizer nada por dizer, então eu escuto.

A primeira vez em que ouvi a expressão *o outro* foi pela voz de Tatiana Schunck durante uma aula de teatro, talvez 2009. Desde então, em todo seu fazer e estar no mundo, tenho acompanhado o estado preciso em que Tatiana se coloca ao olhar com absoluto cuidado para outrem, uma postura constante em seus processos e criações: com escuta aguçada, dedica mais tempo a ouvir do que, necessariamente, falar. Procura fazer isso enquanto gente, enquanto mulher, enquanto atriz, professora, performer, mãe e amiga.

Escrever sobre *Performance de uma pessoa escrita* é adentrar lembranças pelas quais tenho muito apreço. Soou bem aos meus ouvidos ser convidada por Tati a participar como fotógrafa dessa ação. Me preocupava levar para esse trabalho o mesmo cuidado que ela sempre dedica ao chegar na vida de uma *pessoa*.

Fotografia é algo que, sem dúvidas, ainda nos intimida, sobretudo quando feita por alguém que desconhecemos. A estranheza de uma máquina de escrever já causa ruídos interessantes: curiosidade, vontade de tocar, testar. Isso somado a uma câmera, gerava uma atmosfera em que eu e Tati precisávamos estar constantemente em sintonia. O ângulo da câmera era definido, de alguma maneira, pelo ângulo que a conversa tomava, e minha única leitura era através dos gestos. O click era dado sem que eu tivesse conhecimento de qualquer palavra que trocavam, visto o teor confidencial que a ação possuía. Em minha cabeça, histórias iam sendo inventadas enquanto registrava cada encontro: Joanas, Cildos, Camilas, Marinas, Rubens e mais. Todos eles povoavam minha mente e eu criava, ali, ao longe, histórias que poderiam estar sendo contadas à Tati – que *ouvía*.

Como forma de não inibir o/a participante ou parecer invasiva demais, eu evitava registrar rostos. A não ser que, com o olhar, me fosse dada a permissão (que, ao final da ação, era assinada em papel como direito de uso de imagem). Meu interesse na fotografia sempre foi o retrato. Me interesse pela cara, pela máscara, pela expressão. Um grande desafio se colocou pra mim, visto que outras partes da cena eram registradas a fim preservar a identidade de quem ali se sentava. Tudo em p&b, única exigência de Tati. Curioso isso, fotografia em preto e branco é um antigo recurso para quem pretende suavizar hierarquias na cena. O destaque se dá pela luz que altera os tons dos cinzas, tudo se encena em conjunto, quase no mesmo ritmo. Assim se dava *Performance de uma pessoa escrita*. Tati sentava-se ao lado, entendia o pé de igualdade da cena e, quando falava, era na intenção de ainda abrir mais espaço para o outro.

Acompanhar ao longo dos anos uma pesquisa tão bonita, tão bem assentada foi de uma grande honra para mim. Colaborar, de alguma maneira, com esse projeto me fez expandir percepções que ainda hoje reverberam, em profundidade. *Performance* ainda atravessa a tantos e tantas, e agradeço a Tati por sua seriedade e constância nessa pesquisa.

APÊNDICE 2 - NARRATIVAS, MAS AINDA CORPO DA TESE

Das narrativas que não entraram na tese, mas que se mantêm celularmente entre
a escuta e a escrita

O que eu vou falar de mim?

Fazer um recorte na vida é meio complicado. Vou pensar..

Ai... Tá... Vou falar do meio para cá. Das coisas que eu estou fazendo e vou fazer. Então, vou voltar à cena. Não sei se é um espetáculo ou uma performance ou os dois. Com uma atriz.

Se der tempo também vou montar algo com um amigo meu. A gente fez antes um trabalho com educação somática. Estamos pensando em remontar, na verdade não é remontar, é ter que mudar algumas, ou muitas coisas. Vai ser um trabalho novo... Que mais você quer?

Eu quero? (digo eu)

Os podres... Eu fiz uma ação política no meu prédio... Eu fiquei com o síndico do meu prédio. Para piorar, ele é advogado. E teve uma coisa interessante com isso também.

Eu morro de vergonha...

Tem o médico e o advogado. O médico tem o pique meio de ser exclusivo. De trepada. Ele é casado. Quer dizer, ele foi casado com uma amiga minha. Nos reencontramos numa livraria e rolou uns malhos... risos... Nessa época, ele era casado com um cara e eu tinha acabado um casamento. Aliás, não tinha acabado, a coisa começou e ainda não tinha, mas a coisa continuou enquanto eu me separava. Ele me convidou para ir na casa dele e abriu a porta e me recebeu com um puta beijo. Daí, deixa eu ver que mais... E a gente ficou se encontrando, era bom, era muito bom... E deixa eu ver uma coisa... Não, então, daí, assim... Era muito bom, porque eu não pretendia ficar com ele.

Daí ele separou do cara com quem ele era casado, e eu achei que ia casar comigo, de alguma forma. Era bom para os dois. Só que daí ele casou com um terceiro que eu nem sabia que existia. Daí

eu fiquei com raiva, mudei de casa e não dei meu endereço para ele. E fiquei alguns anos sem aparecer, só que daí pintou saudade... E como era muito bom, eu acabei procurando o cara outra vez. Ele respondeu, mas não rolou nada... Mas, porém, contudo, entretanto, todavia, ele - seis meses depois, um e-mail dele apareceu do nada, me convidando - depois de muitas conversas, oh, eu vou falar de putaria mesmo, tá?

Daí, deixa eu ver...

Na verdade, o que pintou foram negociações, ele queria saber até onde eu topava... Porque quando estávamos nos malhos, só nos malhos, pintava os convites para fazer putaria. Não necessariamente a gente transar, mas ele queria me ver batendo punheta e eu tinha vergonha... Muitos anos depois, eu percebi que não era um problema assim... Aí eu falei que topava, mas já tinha passado um tempo e ele não queria mais só me ver batendo punheta...

Daí ele queria bater em mim e nem sei o quê, me amarrar...

E eu achava divertido, tinha medo, mas achava divertido.

Daí tá, a gente acabou transando pela primeira vez, nem sei quantos anos depois daqueles malhos e de vez em quando a gente se vê, ainda.

A trepada era boa, eu não gostei muito da história de me bater e tal, mas o figurino de SM eu acho um tesão. Couro, prego, algema, arreio, freio de boca. Eu acho o figurino esteticamente bonito e o lance da submissão me dá tesão. Apanhar não, mas submissão sim. É legal, não sei se é porque ele é médico, mas sou aquariano. Você tá afim de trepar com a pessoa e ela faz declaração de amor, e no fundo o que ela quer é uma foda. Não precisa de declaração de amor, não precisa e nem tem que existir.

Então, estava falando dos caras que... Numa dessas vezes fui numa loja que tinha perto da minha casa, a primeira vez que fui lá o vendedor chegou a me cantar, não chegou a me cantar, mas quase, acho que se eu tivesse insistido, acho que rolava. Daí voltei lá, não, é... Uma das vezes que voltei, além desse vendedor tinha um outro e o vendedor que conhecia estava ocupado com uma cliente.

Daí, o outro que me atendeu, ele super deu em cima de mim. Ferveu todas. O cara me levou até a calçada e eu assim na hora não fiquei nada tal... Só que a noite, pintou um tesão que já não pintava há muitos anos, daí pensei no meu doutor, médico... Mas

como a gente só se comunica por email, eu mandei um email para ele e ele só viu no dia seguinte e não rolou.

Bom, teve outra história, e assim... Eu tava, eu moro perto da Consolação, e antes de eu chegar na Consolação, um cara tava vindo, enfim, eu resolvi olhar mais para as pessoas. Daí fiquei olhando esse cara, e ele coçou o saco, mas, quer dizer, foi muito discreto, então não achava que ele tava me cantando, mas eu também não estava a fim de caçar, mas mantive o olhar. Daí o cara parou, puxou conversa e lá pelas tantas horas ele soltou uma frase que parecia baixaria, mas hoje acho bem legal: eu to a fim de uma gozada, tem lugar? Olha, acho que eu até tenho.

Só que eu tava indo para um compromisso e não rolou, mas ele ficou com o meu telefone, quem sabe um dia ele liga. Depois eu andei pensando sobre o assunto, eu acho que essa cantada é a mais aquariana que eu recebi, porque o cara foi direto ao ponto. Deixou bem claro que o que ele tava a fim era de trepar.

Esse tipo de cara é o tipo de cara que volta se ele gostar, se os dois gostarem. Porque vira um encontro só para trepar. Aí é que tá, esse cara, outro medo que fiquei dele é porque é um cara casado com uma mulher, e pelo jeito que ele falou a mulher não saca, ele não queria dar bandeira para ela e nem me deu telefone. E caras mais velhos, muitas vezes, não querem usar camisinha.

Mas daí rolou o síndico, o outro doutor. Eu to morando nesse prédio, já faz uns três anos e sei que o cara quer me comer desde que me viu. Eu saquei. Mas o cara não dá bandeira nada, quer dizer, para mim dá, mas em geral não. Daí ele me convidou para ir na casa dele, me convidava sempre que a gente se encontrava e eu acabava não indo... Eu acho que ele não me convidava para trepar, acho que era para conversar só. Acho. Ele não é um cara bonito, não é um cara que me chama atenção. Daí, bom, passou-se um tempo.

Daí com essa história do outro doutor que não aparecia, eu resolvi chamar ele para tomar um café na minha casa, encontrei com ele outro dia na portaria e o convidei para tomar um café me casa. Ele perguntou se eu fazia bem o café. Eu disse que sim.

Passei mensagem para ele ter meu telefone. Garanti. Insisti com ele para vir tomar o café e não sei o que... Daí ele foi. E eu, pareci adolescente que ia encontrar a primeira vez. Daí ele foi em casa. Eu sabia que ele não ia tomar café porra nenhuma. E a

gente ficou conversando, daí eu falei para ele que eu era gay, contei umas histórias de tesão e tal... E perguntei se ele queria uma chupada. Eu nunca tinha feito isso com um cara que eu mal conhecia. Ele se animou. Ele falou que queria ver minha bunda e perguntou se eu queria ver o pau dele. E eu não quis só ver né?

... Daí eu caí de boca no pau dele. Eu me lembrava do outro doutor, mas sem culpa, pelo contrário. Eu lembrava assim, ele gostava de coisa de dominação, gostava de me ver engasgando no pau dele, ele não queria só uma chupada, queria foder minha boca. Ele gostava de enfiar o pau na minha boca e me deixar quase sem ar. Eu lembrava disso e tentava fazer isso com o segundo. Só que o segundo, ele tinha esse pique bem dominador também, mas de outro jeito, ele era mais... Ele queria que eu ficasse quieto, não fazia nenhum movimento nem ele fazia. E acho que ele ficou meio preocupado, meio cuidadoso comigo e tal...

Daí quando ele via que eu ia engasgar ou que estava engasgando, ele meio que tirava o pau, enfim, né... Risos e risos. Depois, teve uma hora que eu comecei a ficar com muito tesão e eu comecei a fazer algum tipo de movimento e meu peito ficou meio exposto, daí ele começou a apertar meus mamilos, mas doía e eu reclamava, gemia na verdade. Daí ele parou, pois não queria me machucar, depois, o que aconteceu?

Lá pelas tantas eu quis ver um filme pornô num computador que estava perto da gente, enquanto eu chupava o pau dele. Terminou a história e ele queria que eu gozasse com o pau dele na minha boca. O outro doutor não gostava de me ver nem gozar e nem de pau duro. Entoa, foi algo legal que rolou com esse. Aliás, ele ficava perguntando durante a transa quando tinha sido a última vez que eu tinha transado. Ele falou que ia voltar outra hora porque tava afim de me comer no chuveiro, mas até agora ele não voltou...

Conclusões:

- Infidelidade: algo que pensei hoje, que eu pensava que era uma espécie de problema, hoje estou achando que é uma solução. Tem Infidelidade: algo que pensei hoje, que eu pensava que era uma espécie de problema, hoje estou achando que é uma solução. Tem horas que o outro não está afim, então procurar outra pessoa pode gerar mais tempo na relação, de vida, se o outro tiver mais liberdade.

- Putaria vicia: tipo assim, depois de um primeiro pau, você quer mais. Eu tenho pensado naquele filme "A bela da tarde", de vez em quando dá vontade de fazer alguma coisa parecida.

- Quando você tem mais de um parceiro: na verdade eu tenho essa fantasia de ter mais de um, e cada um tem um lance, um jeito. E o que eu acho legal, porque sou muito camaleão, então acho legal saber do jeito de cada um trepar e do jeito que é bom para ele e não para mim, acho legal essa variação. Bom, depois que me separei do cara, fiz a cirurgia, durante doze anos não transei com praticamente ninguém.

RODRIGO

27 de julho de 2015

Galeria Mezanino, calçada de rua.

16h08

Eu fico pensando, por que eu sou tão bobo para os outros?

Eu gosto, sou meio bandoleiro... Eu vivo em algumas cidades. Minha mãe é uma mulher semianalfabeta e ensinou os filhos a ler e escrever em casa. Eu gosto muito de tirar fotos e contar as lembranças. O que fica é aquilo que você viveu.

Nós temos três formas de aprender as coisas:

- Lendo as experiências dos outros, mas só leitura;

- Vendo a experiência do outro, você até participa, mas não é o protagonista da experiência;

- Aí vem a mais importante, você lê? Você vê? Mas tem o lance da pele, que é vivendo. Você sente. É sentindo. Minha mãe fazia a gente viver a terceira.

Quando eu tinha doze anos, minha mãe me chamava, colocava azeite na frigideira, acendia o fogo. Tá vendo as bolinhas? Sim.

Significa que está quente. Agora pega o ovo, quebra, coloca na frigideira. Agora espera, vê a cor? Tá bom, agora vira.

Ele lê matéria sobre macacos e humanos.

O senhor Alonso me conta que mora na Vila Santa Catarina e que vem até aqui para se movimentar, comer, ler. Vem duas vezes na semana. Demora cerca de uma hora para chegar aqui, mas é bom.

Me diz mais uma vez que mora em Vila Santa Catarina. Olha no relógio pela segunda vez e termina:

É boa a hora a hora de comer. Que bom. Até.

ALONSO

Zona Central de São Paulo

07 de abril de 2013

Começamos com a frase:

A gente não vê aquilo que não vale a pena. Frase de Guimarães Rosa.

Roberto ficou um tempo em silêncio procurando esta frase para me dar.

É tanta boa memória que não sei como esqueci.

Morei no orfanato até os dezesseis anos de idade, desde que nasci. Depois, saí e fui morar na Doutor Vila Nova. Lia muito para aprender a ler e escrever. Gosto de escrever poesia.

Escrevo poesias sobre o que passei lá e sobre o que eu vejo aqui agora. Quer conhecer uma delas?

Sim. (*respondi*)

Chama-se "Rastro do tempo"

Ficamos num silêncio...

Tanto é que todas as poesias que escrevo, todas elas são na minha

cabeça. Como vivi a maioria do tempo em pensão, percebo que as pessoas buscam a religião por desespero. Não têm com quem dialogar, não tem para onde ir. Comecei a escrever com trinta anos, declamava antes poesias dos outros, nessa eu resolvi declamar algumas minhas, aí deu certo, o pessoal não vaiou...

Tenho um livro chamado RUA. Estou escrevendo sobre o estar na rua. Trabalhei como gari, tinha o maior orgulho, mas eles me mandaram embora.

Escrevi sobre esta experiência, a cara do livro. Escrevi sobre as luzes que acendiam em cima das pessoas quando se anda numa calçada com prédios chiques, sabe? Escrevi sobre a luz que ilumina as crianças fumando crack. Escrevo sobre o que eu vi.

A literatura me salvou.

A palavra é o fragmento do pensamento.

Eu faço isso, trabalho agora no Datafolha, para eu ter mais tempo para ler.

A gente só sabe da gente mesmo com muita confusão.

ROBERTO

Zona Central de São Paulo

28 de abril de 2014

Hoje conheci a Ketlyn que tem seis anos e é amiga da Adrielle. Mas, não é melhor amiga, melhor amiga mesmo é a Louise. Conheci também o Walmir, que é o tio da Ketlyn. A

Louise chegou aqui a agora e quer escrever. Lá vai:

- O tia, por que não fazemos uma história só de desenhos?

E como será?

- Ué, é só colocar os desenhos!

"Era uma vez duas meninas que estavam no Sesc. A Ketlyn chamou a Louise para brincar de esconde-esconde. Mas a Adrielle não quis brincar. A Adrielle é nossa amiga mais velha. E aí, a mãe da

Ketlyn, a Michele, a chamou para almoçar e todas tiveram que voltar para a Ketlyn não ir sozinha.

No caminho, quando estávamos atravessando a rua, um carro veio em alta velocidade e quase nos atropelou. Aí, tomamos um susto. E nossas mães disseram para tomarmos mais cuidado da próxima vez para atravessar a rua.

Ketlyn, Adriele, Louise, Eysha, Yasmin, Larissa

Zona Central de São Paulo

03 de maio de 2014

Eu vou atrapalhar o senhor?

Não, estou até com saudades desse barulho... (o som da máquina). Eu também tenho uma em casa. Minha filha que usava, agora ela casou, eu nem escrevo mais. Minha filha casou em dois mil e seis, bem antes disso eu já não escrevia mais. Mas vendo você me deu até saudade... Vou dar uma olhada na minha.

Eu adoro Santo André. Sou do interior de São Paulo, mas vim para cá com oito anos, e não saí mais daqui. Eu gosto de ler, aqui eu leio mais jornal, em casa leio livros. Eu leio enquanto a minha esposa toma sol. Eu gosto muito de viajar, fui para Ubatuba, passamos a páscoa lá com a família. Mas já fomos para Santa Catarina, Porto Seguro, fizemos um passeio de escuna na praia de Santo André, na região do descobrimento. Lá onde encontra mar e rio. É um passeio de barco até essa praia e você vê o rio e vê o mar. É muito bonito lá. Tenho um filho que ainda mora comigo, tem vinte e seis anos. A filha casou e mora em frente de casa quase. Nos damos muito bem, toda a família.

Eu acho muito gratificante conversar com alguém, só agrega coisas boas.

O ano passado viajamos menos, faleceu o irmão da minha esposa, nós éramos muito próximos, como irmãos. Era uma pessoa que abraçava a família inteira. Daí ficamos mais recolhidos em casa, perdemos um pouco o chão, esse final de ano foi terrível. Mas o tempo vai...

SENHOR ODAIR

Zona Central de São Paulo

10 de maio de 2014

Tenho três filhos. Trinta e quatro. Trinta e três. E vinte e

quatro anos. Eu não programei nem o primeiro nem o segundo. Não casei com o pai dos meus primeiros filhos. Me dou bem com meus filhos, todos são casados. O mais velho demorou mais, eu tava achando que ele não ia casar mais, daí decidi casar agora em junho. Não sei se vai dar certo não... Eles se conhecem há pouco tempo... Ela é uma mulher muito independente, não gosta de cozinhar... Alguém vai ter que ceder aí. Ela não gosta de fazer nada dentro de casa, não faz e não quer aprender. Mas eu não julgo não. Meu filho é muito caseiro. Ele é muito organizado, não sei como eles vão fazer.

Meu filho mais novo é pastor evangélico, está até no youtube, o Vinícius. Ele era ator, fazia teatro, depois virou pastor. Fez peça até no Sesi de Santo André. Ele fala para milhões de pessoas. Era tímido, depois virou ator e depois pastor. Risos... Minha filha fez contabilidade e depois quer fazer teatro. Quer fazer Artes Cênicas. Eu me sinto culpada. Fui levar ela de carro e aconteceu um acidente. O carro bateu e ela não pôde fazer um teste na escola de teatro. Já o meu mais velho é mais tímido, não gosta nem de tirar foto.

A mãe que só fala dos filhos, dia das mães.

MARTHA

Zona Central de São Paulo

17 de maio de 2014

Pensando em antiguidades, olha só essa foto (é uma foto de vários porcos, frangos, aipos, laranjas), a população estaria morta de fome se não fosse por estas produções. Pode falar o que for... A gente mora aqui do lado, sou obrigado a confessar, to meio preguiçoso para ler, então pensei: vamos até o Sesc, nem que seja umas duas vezes na semana... Vocês leem bastante, ou liam? Risos. Ela é mais exagerada... Risos... Eu já gosto mais de biografias, to lendo agora a da Leila Diniz. Vimos a biografia de Noel Rosa. Eu to lendo Cem anos de solidão do Marques. Depois que ele morreu aguçou a vontade lê-lo. Ler é a melhor coisa, a gente descansa.

Temos três filhos já crescidos.

Olha só esta foto dos tomates plantados em vasos, por que será que eles ficam em vasos? Será que é mais fácil para controlar se der bicho? Olha a cara dele, que feliz, o dono da plantação. Será que dá dinheiro?

Temos uma neta de quatro anos que mora nos Estados Unidos, ela toca um violão enorme para gente pelo skipe. Rodrigo foi... Foi quando para lá? Nós fomos no ano passado, a neta veio para cá e ficou quarenta dias. Você está inventando o caderninho da Tatiana.

CASAL

Leste de São Paulo

17 de maio de 2014

Zona

Faz tempo que não via esta máquina.

Acho que ela é usada ainda em delegacia. Dá uma lembrança de tempo passado, de voltar no tempo. Eu escrevia cartas nessa máquina, antes de usar o computador, aqueles enormes... Não sei o que ela fez com a máquina, a minha mãe. Você não tá fazendo algo da televisão, jornalismo? É algo como um documentário?

Não (*respondo eu*).

Eu queria fazer teatro, eu sou um pouco tímido. Fico meio perdido no mundo da lua, não sei o que faço... Uma vez fui apresentar teatro na escola e eu não consegui decorar o texto, fiquei nervoso, às vezes, tropeçava numa palavra. Depois saía. Uma vez fiz igual aqueles programas de televisão: escreveram o texto numa cartolina para eu ver, deu certo...

Você já fez algum programa de televisão? Parece que já te vi em algum lugar...

Eu acho muita dificuldade nas coisas, as coisas não eram para ser um bicho de sete cabeças, falar bem eu falo bem, mas tenho dificuldade se tiver que decorar o que dizer. É terrível. Encarar, fazer o que? Tenho medo de fazer feio, dar uma gafe dessas... Meu deus...

Então, continuando... Renato lê as palavras que escrevo e me diz: E... Achei que você estava escrevendo outra coisa, e não sobre mim. Achei que você estava escrevendo outra coisa, um documentário... Risos.

Eu sou mais bem-humorado, não levo as coisas tão a sério, a gente tem um lado sério e outro engraçado. Eu fico mais no engraçado. Por quê?

Ah, sei lá... A vida é tão difícil, tudo o que a gente vê na televisão, essas guerras, vamos ser mais engraçados...

Vou escrever que é um docRenato isso aqui...

Isso Doc Renato!

RENATO

Zona Central de SP

06 de julho de 2015

Eu tive dois filhos sem querer.

Na verdade, eu e meu marido combinamos de viajar juntos, daí engravidamos. Eu achei que seria muito difícil com dois filhos, por causa do ciúme. Mas não foi, o Jorge tá gostando de ter uma irmã. Ele cuida. Eles são muito diferentes, não só fisicamente, mas na personalidade também.

Mãe é sinônimo de culpa. Tudo o que a gente faz parece que já vem com: ih, to fazendo errado. A Jana é mais tranquila, dorme melhor, parece que já entende que quer descansar. O Jorge luta para dormir, acorda mais vezes.

A gente mora perto do zoológico, dá para ouvir o som dos bichos. Jorge nos mostra os dois lobos mais... E sem terminar a frase com palavras, nós todos entendemos algum plural dele. No começo foi difícil porque ele me via na escola e me queria. Depois ele acostumou. Sou educadora física na escola que eles estudam, foi uma adaptação tranquila, só teve esse começo.

KARIN

Zona Leste de Sao Paulo

06 de julho de 2014

Começamos a conversar, eu e Kiko. Ele tentou escrever seu próprio nome aqui na máquina. Na primeira vez saiu mais fraco, na segunda ele escreveu bem forte. Eu canto e ganhei um programa de televisão no SBT.

Cantei Michael Jackson no programa. Eu cantava na igreja e ainda

canto. Um amigo do meu pai foi lá, ele foi com o grupo ABA, eles ganharam e eles me indicaram para participar do programa. Eu tive que fazer um vídeo para eles me conhecerem.

Primeiro eu entrei lá para me apresentar normal. Depois subi, me vesti de Michael Jackson, coloquei a peruca e daí voltei para a apresentação. Eu fui a única criança. Agora eu volto de novo, entre os melhores, para me apresentar.

Eu fiquei nervoso quando entrei lá. Cantar eu canto normalmente, mas conversar assim, eu não converso muito. Eu quero fazer faculdade de engenharia civil. Minha tia que faz faculdade foi me contando sobre os cursos e eu gostei desse. Minha tia falou que neste curso você desenha plantas de prédios. Eu gosto de desenhar de forma criativa, quando eu mesmo quero desenhar algo.

Eu quero fazer muita coisa, quero fazer curso de teatro porque sou tímido. Quando eu cantei não me mexi muito. Quero fazer inglês, curso de teclado... Quero aprender. Tem inglês na escola, mas é muita gente e não dá para aprender assim. Prefiro fazer sozinho com a pessoa, assim dá para aprender.

Kiko pede para escrever na máquina.

Claro.

Ele escreve:

Espero nesse próximo programa que eu for apresentar, espero que deus me ajude, não que eu ganhe, mas gostaria muito de ganhar, mas acho que vai ser difícil ganhar porque vão estar pessoas muito boas, mas espero dar o meu melhor e também que todos gostem e só agradeço a deus por ter essa chance de estar entre os melhores do programa A máquina da fama e por ter esse talento e que possa cantar muito em minha vida ainda... obrigado por poder escrever na sua maquina.

KIKO

Zona Central de São Paulo

20 de julho de 2014

Cristina é quem escreve toda nossa conversa na máquina

Fazem 26 anos que trabalhei, com uma, máquina de datilografia desta, eu dava aula e aprendia, tinha 15 anos, me achava professora me sentia importante tive até festa no dia dos professores, voltei na minha história por um momento, momentos da minha historia de vida que não voltam mais.

Tenho 43 anos e agora trabalho na área de saúde, idealizei uma coisa e na realidade é outra. Meu marido não trabalha na área de saúde, é zelador de um prédio comercial, ele não gosta nem que eu fale no assunto.

Eu gosto de escrever, mas de falar, isso já fico meio tensa. Mas eu escrevo, quando no hospital precisam de alguém que escreva, escrevo quando participo do sindicato.

Tive filho com trinta e cinco anos, foi super planejado. Foi um momento delicado, foi quando meu irmão morreu com trinta e seis anos de infarto fulminante. Morreu no dia que meu pai fazia aniversário. Eu estava tentando engravidar, não conseguia, fiz tratamento. Foi só quando meu irmão morreu, que no mês seguinte eu estava grávida.

Não dizem que quando uma mulher quer engravidar e não consegue, que ela tem que tirar o assunto da cabeça, esquecer...? Comigo foi assim...

CRISTINA

Zona Central de São Paulo

20 de julho de 2014

Me sento aqui para esperar minha esposa.
Tenho dois netos, uma menina e um menino. Morei trinta e um anos numa casa só, era a casa da minha sogra. Aí começou a dar uns

problemas, a gente se acomoda e fica sem saber o que vai acontecer, né?

Agora compramos a nossa casa, tem quatro anos e pouco, aí agora é nosso. Meu, da minha esposa e dos meus filhos. Saímos de casa, pois os sogros colocaram uma placa de vende-se. Nós saímos da casa...

Me diz o que aconteceu? Ficou lá a placa de vende-se durante quatro anos, não vendeu. Agora estão lá as minhas cunhadas... Agora eu to com minha casa, não é chique. To feliz. É meu e da minha *véia*... Mais duas filhas que moram com a gente. Tem um filho que está casado e tem sua esposa lá.

Agora quem tá vagabundeando sou eu. Mas a minha esposa tá sempre indo ao médico, tem dia que a gente passa o dia indo e vindo pra lá e para cá...

Agora me deixa ir que minha esposa já deve estar vindo...

Prazer, viu?!

JOAQUIM

Zona Leste de São Paulo

04 de dezembro de 2014

Uma conversa com Heitor, chileno, aposentado, sorridente. Pessoa que me vê com a máquina de escrever e me chama, primeiro com o olhar, depois se aproxima e diz sim com um sorriso largo, de ponta a ponta enquanto me observa com curiosidade. Diz-me que está numa fila do lado de fora do estabelecimento e me sugere ir até lá para conversarmos. Eu digo sim e minutos depois vou mesmo.

Na fila, as pessoas abrem-me o banco a sentar-me. Claudia curiosa me sorri e pergunta o que faço. É entrevista? Sorrio de volta e Heitor mesmo é quem diz, não a menina quer conversar comigo. Sorrimos todos. Eu me sento na fila no meio da gente.

Heitor me conta que é chileno, que está aposentado e que está feliz de me conhecer. Ele me conta que em 1976 veio para o Brasil, logo depois do golpe no Chile e que trabalhou intensamente desde então. Agora que está aposentado, disse querer conhecer o Brasil, antes não podia. Veio com sua mulher Laura e com um filho de um ano. Conta-me que teve muita ajuda dos brasileiros quando aqui chegou, disse ter vindo primeiro sozinho, morou numa pensão com seis pessoas e depois sua mulher chegou.

Ô menina, muito bonito isso que você faz, deixar eu me contar para você. Isso que você faz é bonito... Isso que você faz. Eu digo a ele: sua história é bonita, isso que você faz, a sua história. Ele sorri. Me abraça e sorri mais ainda.

HEITOR
Leste de São Paulo

Zona

02 de dezembro de 2014

Sentei-me num banco sozinha.

Abri a máquina de escrever e coloquei a folha em branco. Rita estava sentada à minha frente e já me observava com alguma curiosidade. Eu a percebo me buscando. Digo: já que não está fazendo nada, vem, senta aqui do meu lado... Arrisquei as primeiras palavras em tom de brincadeira. Ela logo sorri largo, se levanta e vem dizendo: claro!

O que é isso que você está fazendo? Digo que estou com a máquina

para escrever a nossa conversa. Ela diz, nossa que bacana! Mas é uma entrevista? Não, só uma conversa... Você acha que podemos conversar? Sim, sobre o que? Sobre o que quisermos falar.

Rita diz que essa conversa deve ser superficial, sendo entre pessoas que não se conhecem. Eu só a olho. Ela é uma mulher de vinte e dois anos muito bonita e digo isso para ela. Ela agradece e diz que é linda mesmo.

Abrimos a palavra no papel datilografando o nome Rita. E Rita mesmo acrescenta, coloca aí que você disse que eu sou linda! Pois sim.

Rita, não esquece de mencionar que você disse que sou linda!

Ela me diz: Sou uma pessoa muito espontânea, como você viu... Eu tenho amizades de anos com gente que eu conheci na rua. Tudo depende da abordagem, do momento. Eu lembro de uma época que uma amiga dizia: a Rê conversa com todo mundo, só não fala com cachorro porque cachorro não fala.

A minha gorda (a Sônia, mãe de Rita), chamada Sonia, também se aproxima. Rita me apresenta a sua mãe e diz que ela também tem que conversar comigo.

Sempre falo para minhas amigas: se quer ser minha amiga, é só me aguentar surtar que tá tudo certo. E eu choro feio, hein... Solange disse que Rita chora fazendo beijão de nega velha... Eu gosto de ser eu, muito! Só que a gente vive numa sociedade que a gente tem que usar muita máscara. E isso deturpa um pouco o "como" eu posso dizer quem sou de verdade. Eu gosto de conhecer o lado bom da vida. Gosto muito de comer. Eu e minha mãe, a Solange, somos extremos opostos. Eu sou esse rebento todo e ela é a sociedade toda.

Sabe o que me deixaria feliz? Mais feliz? Seria poder dizer a verdade mesmo para as pessoas, mas não dá.

Eu pergunto se Rita aguenta ouvir.

Eu aguento ouvir, na verdade, eu aceito o que a pessoa me diz, aprendi com minha mãe. Claro que tenho falhas, como qualquer ser humano. Até na frente da minha mãe eu tenho uma máscara. Olha, não é que eu estou falando mesmo. No início da conversa Rita me disse que certamente falaríamos de superficialidades, agora ela me diz que está íntima a nossa conversa.

Nossa! Tá íntima essa conversa. Escorregou.

Gosto muito de música, principalmente as melodramáticas, quanto mais, melhor. Gosto de saber da raiz das coisas. Às vezes, eu escuto música e choro. Às vezes, eu to varrendo a casa, ouvindo a música e chorando, varrendo e chorando...

risos.

Essa sou eu, não tenho frescura com nada, vamos sorrir vamos sorrir, vamos chorar vamos chorar, sou intensa. Também não gosto de censura. Não é saudável ser tão intenso porque também o que é doloroso é dooolooroooso... Ah, se deixar, eu falo até amanhã.

Num todo, eu me resumo em duas palavras: simplicidade e amor. Sou simples e gosto das pessoas. Eu simplesmente gosto das pessoas, até a segunda página...

tempos depois...

Ah, eu achei ótimo isso. A gente contar a nossa história é se olhar. É parar para ver, para se ver. E se ver não é fácil. A gente não para para ver isso sempre. Então...

RITA

Zona Leste de São Paulo

06 de dezembro de 2014

Peço para me sentar e todas elas dizem sim, claro, sente-se. Entre Bete e Nilza me sento e abro minha máquina.

Pergunto: posso conversar com vocês?

Sim.

E não é que ela tem uma máquina mesmo?

Ué, você achou que eu ia mentir para você?

Ah, fui datilógrafa, sabia?

Tem censura?

Não, nem censura nem pudor. Pode escrever o que quiser.

É? Então toma. Coloco a máquina no colo de Bete que pergunta, mas o que escrevo?

Escreve seu nome e o que quiser contar.

Tá bom. E escreve rapidamente. Nossa tá borrando tudo. A Nilza fala: é que você está batendo com muita força, Bete reposnde: é falta de treino. Depois de escrever por cerca de cinco minutos a Bete nos le o que acabar de colocar em palavras no papel. Todas nós dissemos, nossa, mas cade os podres?

Passa a máquina para mim, e Nilza me diz que prefere que eu escreva. Digo sim. Ela me narra sua chegada em São Paulo aos dezessete anos. Conta que teve um câncer e que a vida... Sorri e me beija a bochecha duas vezes seguidas. Digo que ela é bonita, ela diz que eu é que sou.

Depois vem a outra Beth que também diz que eu que escrevo.

Sim, escrevo. Ela me conta dos filhos. Da filha, do filho, do casamento, me mostra as fotos que carrega em sua bolsa.

Levanta para ir embora, mas não vai. Vai ate o banheiro, mas volta a conversar comigo e com Eurice.

Eurice diz que foi datilógrafa exímia. E escreve na máquina rapidamente. Me conta que nasceu no dia 31 de julho, eu digo, eu também. Ela me abraça, sorri, é uma pessoa que sorri largo. Ela me deixa ler o que escreveu, eu leio e ela me diz, você está cansada, digo não, estou emocionada com o que escreveu.

É?

Sim.

Você, e olha para Kelly que fotografa de longe a nossa conversa, e diz: ela é sensível, bastante sensível.

Pergunto se posso leva-la para casa, ela diz que sim.

Me fala que nosso encontro não é por acaso, nada é por acaso. É um encontro.

Decidimos continuar nossa conversa em breve. Que bom!

Olha é isso a vida, a vida para ser vivida. Que alegria te conhecer. Eu também.

NUMA FILA DE MULHERES

Zona Oeste de São Paulo

Rosi veio com sua sobrinha Isadora que está em São Paulo para ficar dois meses. Pergunto sobre sua fome, pois estamos numa fila de almoço. Ela me diz que está com fome de comida mesmo, uma massa e um sorvete.

Meu pai era nordestino e trabalhou no e minha mãe também, ela na área de lavanderia.

Sou uma pessoa muito bem resolvida, sou, muito feliz. Tenho três filhos homens e agora só tenho netas, as mulheres que vão mandar nessa família. Sou entrevistadora, trabalho com pesquisas, atualmente na área de saúde. Meu trabalho é muito gratificante. Trabalhei com o movimento dos sem terra, nunca pensei que fosse voltar tão transformada.

Paulo se aproxima, ele tem nove anos e fica impactado com a máquina. Disse que gosta de matemática, quem pergunta a ele do que gosta é Rosi... Paulo disse que torce para o São

Paulo. Meu nome é Paulo Henrique Oliveira.

A sobrinha Isadora conta que tem nove anos que não vinha para cá. Diferente voltar para cá. Vim ver o filho que está morando em França e jogando basquete. Gosto de morar mais lá que o ritmo é mais tranquilo. Moro em Malaga.

ROSI

Zona Oeste de São Paulo

02 de outubro de 2014

Eu, Teresa, nasci em Boquira - BA, mas vivi 45 anos em São Paulo. Estudei no ABC (Faculdade do ABC) - Licenciatura e Bacharelado em Matemática, trabalhei 12 anos na Ford de São Bernardo.

Trabalhei no prédio 56 (Forte São Bernardo) Ford São Bernardo. Entrei como digitadora, o que acontece... Quando eles começaram a calcular produção de área, pela minha dificuldade, pois sou canhota, não conseguia alcançar a produção da maioria. Todo o mês o diretor me chamava a atenção porque eu ficava sempre em último, chorava, chorava, só levantava para fazer xixi.

Um dia, o diretor que eu adoro, ele faz parte do meu livro até. Nem sei se está vivo ainda... Ele me chamou e falou que tinha uma vaga para trabalhar com as fitas magnéticas, e eu seria a primeira mulher a trabalhar lá. Só me pediu para não contar nada. Quando voltei para sala de trabalho, todos me olharam pois acharam que eu seria mandada embora... Depois de uns dois anos que eu já estava lá, minha chefe foi desmascarada, ela tirava a produção da equipe da tarde e jogava para a equipe dela para seu grupo que era da manhã. O pessoal começou a verificar o meu rendimento e estranharam que eu ficava trabalhando o tempo todo e não rendia... Foi mandada embora sem direito nenhum.

Quando estava no colégio, nessa época, eu saía da escola e via os ônibus Ford e falava para mim mesma: ainda vou trabalhar com empresa de carros. Isso tudo o que eu pedia eu realizei. Meu sonho era estudar na USP, lia muito e queria fazer bibliotecaria, biblioteconomia, quando me aposentei e resolvi morar em Salvador, lá fiz vestibular na federal e fiz. O que eu adoro é corrigir os trabalhos científicos segundo as normas da ABNT. Trabalho em biblioteca do Estado. Ainda faço orientação de mestrado também.

TERESA

Zona Leste de São Paulo

02 de dezembro de 2014

Nasci em 24/06/55 em São Paulo. Gostava muito de viver na capital. A bem da verdade, morava na periferia em minha infância, onde havia simplicidade, pouca poluição, rara violência. Dizíamos: que íamos ao centro.

Ficou marcado que no dia da chegada do 1º homem à lua, tive que fazer no período da tarde uma prova para datilografia, morto de sono, pois tinha ficado toda a madrugada. Esse curso de datilografia permitiu-me entrar no Banco de Créditos Nacional S/A (meu primeiro emprego).

PAULO

Zona Oeste de São Paulo

28 de agosto de 2015

Um pai que aguarda seu filho Rodrigo, que está prestando vestibular hoje. Está prestando engenharia civil, tem dezoito anos. Álvaro me conta que tem uma máquina de escrever em casa guardada no armário, ninguém a usa... Conta que também fez curso de datilografia. Não quer se atrever a tentar, não me atrevo, primeiro que estou sem óculos.

Sou uma pessoa... Gosto de viver em paz comigo mesmo, já to com quarenta e sete anos, não sou aficionado ao dinheiro... Tem gente que vive em prol do dinheiro. Minha relação com meu filho é muito legal, a gente passeia junto... Sou corinthiano roxo, tenho esse defeito. Minha mulher até reclama...

Já meu filho não liga para futebol. Minha mulher é mais do fazer do não parar. (toca o celular de Álvaro, é Rodrigo que terminou

a prova)

Meu filho parece mais comigo, mas a parte da habilidade de desenho é puxado a ela, já a parte da leitura puxou a mim. (Rodrigo chega e eles conversam sobre como foi a prova)

E o resultado sai quando?

22 de dezembro.

Tem um livro do Nuno Cobra que se chama "A semente da vitória", é espetacular. Coisas assim que você faz sem perceber, e no final te propõe um desafio, correr uma maratona. Mas aí é mais difícil. (risos) É uma sementinha mesmo que ele põe na pessoa. O melhor remédio é uma boa noite de sono. Dormir oito horas por dia, por exemplo, dá certo!

ÁLVARO

Zona Oeste de São Paulo

28 de agosto de 2015

Na verdade é Geórgia. Minha mãe fã do Ray Charles, mas ele fez essa música para a cidade e não para uma mulher. Eu adoro escrever, ler. Sou de bem com a vida, amo o sol, as pessoas, tá tudo muito bom, se a adapta com a vida p onde o vento levar. Adora analisar a letra das pessoas, criança e tudo. Agradece por tudo até simples copo de água... Ama o mar, o canto dos pássaros, enfim a vida. Essa menina que vos fala, com seus 43 anos de idade, porém se sente com 30/35 anos. Não reclama de nada, mas tem um defeito "perde a amizade com pessoas que invade a privacidade e controlam a sua liberdade".

Essa menina que vos fala, adora viajar, qualquer aperto, ela vai até lá financia e viaja. Gosto de ir para onde o vento levar...

Tenho dois filhos, um de treze, o Fernando, super esportista, adora futebol, não sei daonde vem isso... A gente gosta de esporte, mas não para ficar narrando o jogo, né? A outra filha, Lais, com nove anos, uma princesa, gosta de moda, de tecido, ela faz o modelo e compra o tecido, escolhe as cores, ela canta, quer aprender o crochê. Ela foi negada pela avó, a vó que sabe fazer o crochê. Não sei se você quer colocar isso aí por escrito. Pode? Sim, pode...

GIORGIA ?

Zona central de São Paulo

02 de dezembro de 2014

Hoje eu me sinto feliz.

Teve um dia que fui na festa de uma amiga que era num spa. Foi bem legal, a gente fez massagem, foi na banheira com rosas, com todas as meninas da minha sala, a gente fez até máscara facial e até colocamos pepinos nos olhos, aí teve baladinha, e a gente também pintou as unhas, fez cabelo e maquiagem. A gente dançou, tinha doce para comer. Aí, depois a gente andou de limusine, aí a gente tomou champagne sem álcool, a gente passou pelo estádio de SP, pelo parque do Ibirapuera e a gente também tirou foto assim, sabe quando fica de noite, aquele lago do parque fica como um chafariz, a gente tirou foto lá.

A gente brincou com bexiga de gás hélio, ficou chupando o gás e depois ficava falando com uma voz fininha. Aí depois a gente foi para casa da minha amiga brincar, e aí depois que todas as meninas foram embora, eu mais a aniversariante e mais uma amiga, demos mais uma volta na limusine e aí a gente descobriu que três pessoas fazem mais barulho que onze. Aí a noite a gente foi para casa de outra amiga dormir lá, e quando a mãe dela foi dormir a gente ficou bagunçando e brincando, fizemos guerra de travesseiros. Aí no dia seguinte eu voltei para casa e fui para festa de outra amiga e a gente brincou de se enrolar no papel higiênico, com bambolê e depois com jogo da memória. Aí voltei para casa da amiga que eu tinha dormido, aí a gente foi para piscina. E aí a

gente ficou brincando de sereia, a gente também brincou de quem conseguia ficar mais tempo embaixo d'água. Aí a gente voltou e se secou, eu já, quer dizer, já estava quase no final do dia e a gente ficou gravando vídeo. As nossas mães vieram buscar a gente. E só.

ESTELA

2 de dezembro de 2017

Osasco, SP

Eu sou esquerdo, então não consigo dar espaço com o polegar. É barulho afetivo. Vou tentar recuperar a história e volto então. Mesmo se estiver escrevendo, você pára para conversar com a gente? Sim (respondo).

Que horas são? 13 e 36.

Eu já volto então.

Vou comer alguma coisa e volto, pode ser?

Pode (respondo).

Minha filha me disse que hoje vem jantar em casa. Vou fazer frango. Você sabe quem me ensinou a receita do frango? Minha mãe. Bem bom. Feito com o próprio sangue do frango. Na época dela tinha que cortar o pescoço em casa para ter o frango fresco.

Hoje vou fazer sem o sangue, mas muda viu, o gosto muda. Arroz, feijão, salada e frango. Ela chega às 20 horas, muito fazedera, minha filha. Bom, tenho que ir tá, então tá.

O acesso aqui é fácil, só subir, procurar um lugar e sentar. Mas, às vezes, não tem espaço, tem muita gente, mais ainda quando tem sol. Olha lá, tem gente que já vem quase pelado, pelo amor de deus, só deus mesmo.

PESSOAS

Zona Leste de São Paulo

20 de março de 2014

campo de &&&, não valeria o dinheiro jurássico dos seres cavernosos? Os nossos há vozes... Graduação em geografia, jubilei... Faz falta o diploma? Para quando eu for preso... Pergunto que está te mobilizando? Caio responde que é aceitação. Descobrir também tem algo de compartilhar, aceitar o que recebi, não quer dizer qua as pessoas queiram... Aceitar tem a ver com saber que aquilo que me é importante, aquilo que descobri não é necessariamente bom para o outro.

Leio, mas não é. Pensei em ser acadêmico, mas agora penso em estimular em inspirar. Em última instância cada pessoa é um ponto de vista. Como a ideia de destino, no sentido de estar num trajeto e qual será a sua descida, como se estivesse num trem.

Ideia de desperdiçar as pessoas, a ideia de dominação que parece distanciar as pessoas, não que venha do céu, mas da cabeça de alguns doidos.

Capitalismo, capital-cabeça, per capito, renda per capita...

Renda por cabeça. Nossa, eu estou falando demais... (Eu digo: não, eu estou te ouvindo)

Eu tive uns momentos em que resolvi ler dando atenção a cada palavra, importa, importante, importa, exporta, para dentro, para fora, fiquei atento pois iria me isolar. Ficar maluco. Aí me ative à ideia do autor, o que ele quis dizer, senão, ficava só atento a cada palavra e sua significação, origem...

Bem feito, quem fez o programa de jogos no celular e o índice de tombos e batidas de cabeça no poste.

CAIO
Oeste de São Paulo

Zona

Dia 04 de dezembro de 2014

Tem que fazer, tem que trocar remédio por exercício. Nunca gostei de chocolate e fritura. Vou dizer assim, se me servirem, não vou pagar, pago um pedacinho. Eu só queria entender quem manda aqui, você vai até o primeiro andar e ninguém sabe de nada. Eu sou o que?

Eu só estou trabalhando no tamanho do escândalo que eu vou fazer. Eu sou de aquário, sabe como é... Por que aqui não pode se beijar? Não importa se é hetero ou não. Que mais que não vou engolir?

Agora eu me vou que eu não tenho nada de bobo não...

Sou esclarecido.

RONALDO

Zona Oeste de São Paulo

04 de dezembro de 2015

Vocês se dão bem? Vitor diz sim, Fábria diz é raro... Vitor gosta de jogar no computador, duas horas no máximo. Fábria gosta de ler

e conversar. Divergente é o que eu estou lendo agora. É diferente porque é um livro depois da democracia. Fábria gosta de conversar, muito. Vitor pretende melhorar, começar a ler. Preciso.

Dário (o filho) diz que para o ano que vem podem melhorar o tempo entre eles, para conversar mais, ele trabalha a noite então tem se visto pouco.

FÁBIA e Vitor
Zona Central de São Paulo
08 de dezembro de 2015

Meus pais me trouxeram da Europa, menor que essa aí. São duas de 1934. Acho que todo jovem devia aprender na máquina, na Alemanha, os professores colocaram algumas máquinas para as crianças de dois anos para descobrir como é, como os pais escreviam antes, os avós.

Meus pais vieram em 1935 para o Brasil, eu nasci aqui.

Minha filha mora lá. Foi fazer mestrado lá. A outra filha está em Fortaleza e o filho em Búzios. Neste ano fomos todos para a Europa para o aniversário da minha neta de dois anos. É a vida deles, a gente também saía de casa, mas ficava perto dos pais, não mudava de país.

Eu trabalhei quase sessenta anos direto, é triste ficar sozinha em casa. Mesmo casada, a gente fica mais em silêncio, não conversa mais, não tem mais tanto a conversar. Mas a gente vai levando, tem que levar.

É muito bom isso que você está fazendo, pois os idosos não tem com quem conversar, é bom demais para gente, ninguém tem paciência de escutar.

Central de São Paulo

08 de dezembro de 2014

Sento-me no sofá ao lado de Ricardo e seu filho João. Ricardo levou João para tomar vacina hoje. Eu ainda tenho uma máquina dessas guardada na casa da mãe. Eu queria ter mais um filho mas daqui a pouco tá acabando o tempo, o prazo de validade do casal. (risos)

j kk kbb fjoa e ruuee : h3 hh

A mãe se aproxima. João escreve do seu jeito tudo que quer. O casal me conta que vão colocar o filho na escola ano que vem, no início do ano. Eles me contam também sobre a escola onde vai estudar, esquema Objetivo. Perto de casa. O pai sugere o Mackenzie, mas a mãe recusa a pagar dois mil reais para uma criança ficar meio período.

Quase arrancando João, os pais seguem seu caminho. João não queria largar a máquina de escrever. A mãe disse que vai ter que pegar a velha máquina na casa de sua mãe a partir de agora para João brincar.

Tchau, fala tchau para tia, filho.

RICARDO, JOÃO e MÃE
Zona Central de São Paulo
de dezembro de 2014

Elizabeth

Sou do interior, já estou em São Paulo desde aos 3 anos de idade, adoro a minha São paulo, estou aposentada. Fui funcionária pública: trabalhei no Tribunal de Justiça. Adoro viajar e namorar de vez enquando. Gosto de festa, dançar e viajar.

Nilza

Sou baiana, nasci no interior da Bahia, vim para cá com dezessete anos. Cheguei aqui e não sabia nada. Trabalhei como doméstica, conheci amigos e fui melhorando minha vida. Depois minha irmã veio, fui levando a vida. Fui trabalhar numa casa e essas pessoas me ajudaram muito. Me deram apoio para estudar, acho que me desenvolvi bastante no que eu era. Depois fui trabalhar numa clínica por trinta e um anos. Trabalho ainda no consultório por meio período. Temos que viver a vida, como ela é, a vida é essa. O que eu conquistei para mim já foi bom demais. Sou feliz.

Elizabeth

Sou viúva há seis anos. Tenho uma filha de vinte e sete anos e um filho de dezessete. Este filho ainda mora comigo. Minha filha tem um problema de escoliose, é linda. Casou em setembro desse ano. Meu filho é mais mestiço. Conheci uma mulher no ônibus e a vi com um monte de gengibre e comecei a conversar com ela perguntando o que ela ia fazer com tanto gengibre. Puxa... Devia ter pego o fone dela, ou devia ter dado o meu.

Euridice

Gosto muito de meditar com monges budistas no Edifício Copan na terceira sexta do mês. Tenho dois filhos, a mais velha Daniela que com 40 anos foi mãe, exatamente neste ano. Pena que ela mora em Miami, eu ainda não conheci meu neto. Em comparação, o mais novo é o Sérgio, que com 33 anos já tem seu filho que tem 10 anos e é economista. Sou divorciada há dezoito anos e pretendo realizar meu grande sonho. Conhecer a China e escrever um livro de autobiografia. Acho a vida espetacular e vivo intensamente todos os dias. Como se fosse o último dia. I love my life.

Estou bem, estou gostando muito daqui.

Uma das primeiras memórias da minha infância era esse som, minha mãe era policial. Eu ia na delegacia com ela. Tinha um escrivão, chamava Geraldo. Grande e magro, ficava um pouco encurvado. A máquina era grande e cinza. Ele escrevia muito rápido, era engraçado porque ele era grande encurvado, escutava, conversava e escrevia, tudo muito rápido.

Era um ambiente pesado, mas ele tinha humor.

Eu apertava um botãozinho aqui outro ali, porque o assunto era sério, então eu ficava com medo. Minha mãe trabalhava na área criminal, como fotógrafa e escrivã. Era uma delegacia pequena, era interessante.

Era uma cidade do interior movimentada.

Era uma mulher corajosa.

Até hoje eu penso de onde ela tirou essa coragem.

Ela trabalhou num hospital primeiro.

Ela falava que trabalhar com pessoas vivas era mais cruel que trabalhar com pessoas mortas. Não havia como tirar a dor da pessoa viva, nem salvar a vida contra a morte. E tinha que lidar com a dor da família. E até mesmo lidar com o olhar da família, como assim você não conseguiu salvar?

Você... Nossa, estou enchendo a sua paciência.

Não está não. (disse eu)

19 de agosto de 2014

Zona central de São Paulo

Era uma vez um gato que era preto o nome dele era Martin, ele mora em uma casa mal assombrada, daí duas meninas chamadas Amanda e Luna, elas gostam muito de aventuras e elas foram nessa casa, elas viram esse gato e elas correram e foram embora.

06 de dezembro de 2014

Zona leste de São Paulo

Duas meninas

Paulo se senta com Pedro, o seu cachorro. Adoro ver a cidade, assim, sem vidro na minha frente. Eu adoro gente. Até pode ser um defeito meu, eu acabo não medindo as consequências. Eu adoro a sua ideia, parece que eu to na sua casa, só falta um café. Parece que eu to na sua casa.

Vamos lá, tanta coisa para contar sobre mim. Eu acho que assim, eu, eu, eu sou uma pessoa que tem algumas marcas na vida, eu nasci com uma marca visível, as pessoas que têm marcas invisíveis, às vezes não sabem. Talvez eu atraia nas pessoas o melhor delas, e por outro lado, eu tenho um problema com isso, eu fico muito triste quando vejo outra parcela de realidade. Sabe aquela música:

há um menino, há um moleque...

Eu acho que sou isso, um menino, um moleque. O bom de fazer 43 anos é que eu não preciso mais agradar todo mundo, que eu quero mesmo é que esse menino fique. Eu acho que isso é que é viver, nesses acasos, como eu me sentar aqui... E a gente se conhecer. Eu cheguei a uma conclusão de que eu não posso mudar tudo sozinho. Eu sou uma pessoa que antes ficava me preocupando, agora eu tenho uma visão mais justa. Sou uma pessoa muito plena, se eu morrer hoje, só sinto que eu ainda tenho algo a desempenhar, antes eu ficava mais ansioso, agora não. Mas não tenho pressa.

Se aproxima de nós o Danilo. Pede para passar a mão no Pedro. O cachorro sente nossa energia, né? Danilo se vai, um tanto confuso.

Eu sempre acreditei que as pessoas são, cada uma, um universo.

O teu trabalho, acho que tem a ver com isso, com capturar esses universos.

08 de novembro de 2015

Zona central de São Paulo

Contei algo para a minha esposa, que tem a ver com o que é o amor e o que é tesão. De como viver essas instâncias. De como estar livre nesses sentimentos. Eu vivo um casamento de parceria, de escuta e disse para ela dos meus desejos. Acho que os jovens de hoje vão lidar melhor com as questões dessa liberdade, mais abertos aos sentimentos do corpo.

08 de novembro de 2015

Zona central de São Paulo

Antigamente, o tempo era mais devagar. sabia que escrever nessa máquina trabalha os dois lados do cérebro? Os dois hemisférios de uma vez.

Olha só, melhor que palavra cruzada, pois é.

Essa história do guarda Luizinho é muito boa, essa que ele contou ali, eu também conhecia, ele fazia uma performance.

E a multidão que passava ali no Mappin era muito maior que hoje. nem tinha faixa de pedestre, era um "x".

Você viu ele, o guarda Luizinho?

Não, nem tinha nascido ainda.

Zona central de São Paulo

20 de agosto de 2016

Infância

Primeiro que, eu cresci no meio da floresta, margens de rio, no Amazonas. A primeira escola não era uma escola, era uma antiga igreja, não tinha nem cadeira, minha tia era a minha professora, ela nem era professora.

Quando terminei a escola infantil, no rio que eu morava, não tinha nem educação fundamental, criaram uma turma num antigo casarão. Quando fui morar com a minha avó, eu tinha 15 anos, fui fazer ensino fundamental. Às vezes, eu penso que se tivesse tido uma formação melhor, desde a educação fundamental, eu teria me tornado uma pessoa mais inteligente. O meu irmão mais velho que foi comigo estudar, decidiu voltar para o interior, era um espelho para mim e desistiu.

Eu tentei continuar, trabalhava das 5 da manhã às 7 da noite e estudava à noite, foram 3 anos bem complicados. Eu sou meio autodidata, aluno que vai para sala de aula é estudante, é aquele que estuda sozinho. Um dos lugares que me sinto melhor no mundo é a livraria.

Eu amo pinguins, porque ele é um animal que se ele começar a ter um romance com uma fêmea, ele fica o resto da vida com ela, ele coloca uma pedra no ninho dela e se ela aceitar ficam juntos. Eu briguei na infância porque queria pegar uma manga e um amigo da escola não deixou, eu dei um soco nele, eu não sei porque. Nesse dia, meu pai me deu uma surra tão grande com o cipó, uma árvore da Amazônia. Ele me deu uma surra tão forte, eu não sabia por que. Certo dia, perguntei para ele porque ele me batia tanto, ele disse que era porque o pai dele batia nele. No dia seguinte, tive que ir para a escola com uma camiseta aberta do lado, nas cinturas, onde ele me bateu forte.

Meu pai me bateu nessa lateral do corpo que a pele caiu.

Engraçado porque eu fui o único da família que fiz curso superior. Os papéis se inverteram, eu dou conselhos, eu não queria esse papel, eu me acho pequenininho, quando alguém da família fala

que sou exemplo, fico muito chateado, eu não quero ser exemplo para ninguém, a pessoa está colocando sobre você a responsabilidade que seria dele. Na faculdade eu andava cerca de 2 horas de ir e vir, na hora do almoço eu voltava para casa da minha avó para comer, pois não tinha dinheiro. Minha pele do ombro descascava de tanto sol. Mas eu não via isso como sacrifício.

ANDRÉ

Zona Central de São Paulo

07 de agosto de 2017

To tendo muita informação de mim. Curte você primeiro, olha você primeiro. Tirei uma foto com a Zélia Duncan. Esperei ela terminar o papo. E falei com ela, foi muito gostoso. Vim de uma oficina de Shakespeare, sou arte educadora, foi muito interessante, achei minha turma. Foi muito gostoso, falando sobre esse autor para as escolas, sobre o ciúme, o amor, o sonho de tudo isso.

Eu estagiei numa escola ali no Bexiga em SP, sobre aula expandida, achei o máximo. Hoje verei um cinema também sobre Shakespeare.

Ao mesmo tempo você tem um vazio, mas você tem um preenchimento, eu pensei em várias pessoas aqui comigo, mas quis ser um pouco egoísta, não vou fazer, é só para mim, acabei minhas provas semana passada e vim de férias. Eu vim!

E aos cinquenta, descobri que todos os artistas se acharam aos cinquenta. Isso eu achei demais, to pensando em escrever. Eu sinto assim essa dificuldade que a gente tem de ir para o papel, saber exatamente aquilo que você tá falando. Eu gravo muito, depois eu escuto e penso, nossa sou eu mesmo.

Tem um pessoal que se sentava com a máquina na rua, e ouviam as histórias. Acabei de encontrar o arlequim ali, ele me perguntou

se eu não cheguei no mesmo ônibus que eu, nossa não reconheci, ele todo pintado.

Como é essa escola que você está vendo? No meu trabalho como estagiária em arte educação, os alunos fizeram um material maravilhoso, a partir dessa pergunta, eles têm clareza, não gostam muito de escrever, mas você tem que ter prova. Voltei outra pessoa, to uma dentro da outra. Depois de um passe, tem muito assunto, porque eu to falando comigo agora pela primeira vez.

Tenho medo de ouvir o que gravo.
Nunca pensou em escrever?

Tenho medo.

Paraty, FLIP 2016

01 de julho de 2016

Estamos precisando de escuta. Falando nisso, vou escutar... Desculpa, onde é a praça da Matriz? Como traduzir esse som? É música para o coração? Mas é Ave Maria? Ah, deixa para lá então, ave maria da silva que não te quero não... Lá se foi alguma luz, um certo fiasco de emoção que completava ainda o que podia ser chamado de dia. Isso dia de luz, sem nenhuma espiritualidade dia que relógia, se diz ainda bom dia ou boa tarde. Veja bem, tem uma lâmpada acesa bem aqui, sobre mim, é quase noite. Hora do moço passar, e ave maria continua a me incomodar. Não dá para se concentrar com essa melodia melosa da silva gomes.

Lá na cama a gente resolve, pode?
Não é justo, e se erro não tem erro.

Eu se filme, não tem cor.

Chega da ave mari

Paraty - FLIP,

dezembro 2016

Eu amo todo mundo. O que, hoje em dia, o mundo é tão mau. Faz dois meses que estou trabalhando lá, muita mulher, muita picuinha, nossa. Eu trabalhava só com homens. As pessoas é tão mau, gostam de fazer mal. Se eu puder ajudar. Sou muito arretado. Meu professor é psicólogo, ele falou que sou hiperativo. Eu levei minha professora na minha casa, para você ver como eu tenho jeito com as pessoas. Eu tenho esse dom de estar com as pessoas, não é dobrar, não, não é dobrar, mas convencer as pessoas. Eu gosto muito de conversar com as pessoas. Eu gosto muito de velhinhos, de criança não gosto muito não. Na época que eu estudava, a gente levantava quando professor chegava, hoje em dia...

Ari

Zona norte de São Paulo

dezembro de 2017

A gente precisa de alguém para ouvir. Às vezes, a gente precisa disso, de alguém que escute. Esse meu amigo é cabeçudo, mas tem coração.

Putaque o pariu.

Fiz uma peça numa casa, uma peça itinerante, metade acontecia no andar de baixo e metade de cima. Emabixo em ordem cronológica, em cima era futuro.

A casa tomada era um conto de Júlio Cortazar.

Eu estudei em escola Waldorf, a gente fez a visita da velha senhora. Tem final assim, matam o coitado, fiz ele. Eu entrei no

final da escola Waldorf, normalmente é o contrário, né? Eu tive contato com gente muito diferente. Sou percussionista. Eu gosto de percutir o mundo, gosto de tirar o som das coisas, de tirar o som dos lugares. Cada paisagem tem um som. To tentando entender o que quero com a música.

Tem essa coisa de cantos de trabalho, so cantos que as pessoas fazem no dia a dia, como trabalhar no milho, o ritmo desses cantos, de como as coisas vão acontecendo. Ou sei lá, o canto, sei lá, quero entender, que tipos de canto a mulher que vai parir canta? Tem uma conexão bem legal, por enquanto eu não toco. Ai música...

E o som da máquina, é um canto para você?

Só não é um defeito porque eu amo. Eu ouço música nas coisas. Meu professor fez uma peça que era uma máquina de escrever, e no final a música era um texto escrito da máquina, tinha que ser o mesmo.

Eu acabo de vir de um final de semana de um ritual que a gente percebe como tem coisas bonitas, ta aí e a gente não percebe. Elel me respondeu o email, meu professor, e ele falou sobre um projeto dele de música, foi muito emocionante. Essa minha viagem foi um desbravamento. Quando voltei, voltei fragilizado, e fui ver O menino e o mundo. Foi muito especial.

Eu voltei de viagem em 2014, comecei a fazer aulas de música, entrei no conservatório. Eu tocava antes, minha prima é musicista, de pequeno ela sempre chamava, me reunia com músicos super legais. Mas eu tinha um medo de assumir esse caminho. Eu pequeno tocando com gente mais velha. Mexia num lugar de ego, nossa, não sei lidar com isso. Mas nessa viagem, eu entendi que não era o caso de fugir disso, desse caminho. Meu pai ficou desesperado, até ele entender que eu tava buscando o meu caminho, mas no final eu acabei fazendo faculdade.

To aí, só meu coração vai saber.

Essas coisas começam a acontecer assim, me conectar com o nosso caminho, às vezes a gente escolhe coisas e tem que ouvir nosso coração, o que nosso coração tá pedindo. To nessa né, vendo para qual lado meu coração aponta. Voltei a frequentar uma casa de umbanda. Um encontro, como se a gente fosse um quebra cabeças,

e a gente vai se encaixando. Essa eterna busca pelo coração, eu acho.

E aqui estamos na Flip, de coração entregue.

Paraty, FLIP 2016

02 de julho de 2016

É choro danado, esse ao lado. Tem bexiga azul, chão de pedras, um quadro colorido como agenda de compromisso, cada quadrado para cada dia.

Olá.

É só chegar? É *(respondo)*

Que loucura

ai que nervoso... Eu to nervoso.

Ai que delícia.

Dá para descansar um pouquinho.

Eu sou de Pernambuco, eu sou de São Paulo e outros de cada um...

Eu queria uma máquina dessa.

AI MEU DEUS TO NERVOUSO *(foi de propósito)*

Quero uma dessas

Adoray

O que escrever?

Olá

O que escrever?

ler, reler, ser é aquele ditado, né? Vamo fazer o que?

Paraty, FLIP 2016

01 de dezembro de 2016

Meu segundo casamento:

Ela era mais velha, tinha 29 e eu 25 para 26. Tinha três filhos, moravam conosco. Madura, responsável, bonita, carente, tinha tudo o que eu precisava. Acima de tudo ela era independente. Segue fatos verídicos que não podem ser narrados.

Devido a estes fatos que não puderam ser contados, chegou o fim do segundo relacionamento. Eu quis me separar, eu não gostava da minha esposa. Eu falei para ela que eu jamais me colocaria entre elas e os filhos dela.

Durou um ano este segundo casamento. Essas experiências me trouxeram aprendizados. Ainda tenho meu sonho de ter minha filha menina, colocar ela para dormir no meu peito, para ela saber que pode contar comigo. Quando ela tiver maior levar ela e o namorado para o bar.

A primeira mulher que eu tive eu amava de paixão.

A segunda mulher eu já não amava tanto.

Só que hoje se eu tiver um amor daquele, eu sei administrar.

Agora estou longe das duas, to morando com a minha tia.

To tentando recuperar o tempo perdido.

Hoje, isso eu posso falar, hoje eu me sinto preparado para construir minha família. Eu não sou casado, mas sou dedicado total a você. Hoje, não é só você ter amor, mas tem que ter uma profissão. É que nem eu falei, eu quero levar ela no balé, minha filha, para isso você tem que pagar, tem que ter carro, psicologicamente, me sinto preparado.

EDUARDO

Zona leste de São Paulo

março de 2017

Você é de São Paulo?

Já morei em São Paulo, mas vim para cá cuidar do meu pai. É difícil viu, deixar a vida na cidade grande e vir para cá. Quanta gente se aproxima. Essas duas me olham com certa desconfiança declarada no olhar. Aquele se aproximou, leu o que agora eu escrevo aqui e seguiu em passos firmes e decididos, parece. Será que se inspirou?

Verme, sabe o que é? Eu sei que eu tava com o pé atrás, um monte de jornalista e alguma coisa acontecendo na frente de casa. Pagar a merreca. O seu também, né? todas.

Ainda percebe que a cadeira está solta, vazia no ar, sentada no chão, de pedra, mais duas se aproximam, agora já nem sei quantas. Olham, esperam, dão a volta em mim, me leem por trás, pelo lado, pelo outro. Mais uma menina parou aqui atrás de mim.

- ai meu deus. (risos) Bia, vem cá. Bia veio.
Bia vem cá, Bia veio. As três me leem, Não era para vir para cá? Olha o que ela está escrevendo agora. Ai meu deus.

Deus. Esqueci.

Um instante de silêncio. Continuemos. Sim ou não?

Querem falar?

Fala aí.

Sim.

O que?

É para eu escolher um assunto?

Eu gosto de falar o que você está escrevendo. Gosto de usar as palavras que você está usando para contar a história. Eu gosto do barulho da máquina. Sirene.

2014, nossa.

Eu acho também.

FLIP 2016

Dezembro de 2016

Era uma vez uma família muito pobre que trabalhava muito e a mãe não conseguia nada e a filha Vitória queria muito ajudar a família e não conseguia, mas ela deixou assim mesmo e ela tentou alguma coisa para ajudar sua família e seu pai trabalhava em camelô, mas ele dava muito para dar o melhor e a sua mãe se chamava Tatiana e seu pai se chamava Márcio e um dia eles ganharam na tele cena e eles ficaram tãoooooo feliz.

Escritora Vitória de dez anos.

Ano de 1841.

07 de setembro de 2018

Zona leste de São Paulo

Eu sou escritor. Tenho escrito um livro de quase 400 páginas, é um romance dramático, baseado em história real. É uma história bem louca. Bom, primeiro, a história começa quando eu ainda estava na faculdade, aí uma professora que dava aula de didática, ela passou um filme sobre educação, e no filme apareceu uma garota aqui de SP. Ela estudava num colégio particular. Aí a garota me chamou atenção. Ela tinha uma dedicação nos estudos. Eu que era pobre, peguei aquilo como uma inspiração mesmo. Aí, eu acabei a faculdade e fiquei curioso em saber da garota, mas não encontrei.

Enviei uma carta para o colégio e ela me respondeu por e-mail. Nos tornamos amigos. É uma história de filme, conheci uma garota de filme. Todos os meus personagens são inspirados na minha vida real. Peguei o tempo como história, a lua como personagem. O nome do livro é "Cartas para a lua".

Tem uma curiosidade, eu só consigo escrever quando estou triste, eu escrevo porque estou melancólico. Eu não sei porque eu só consigo escrever quando estou triste. Esse livro só está saindo porque fiquei muitos dias triste.

Eu tô há dois meses aqui. Tô tentando fazer um curso de fotografia que é uma coisa que amo de paixão. Eu sou meio nômade, eu não sei se é isso, se todo ser humano é assim, mas sinto uma ânsia de estar no mundo, de conhecer culturas diferentes, sabe?

RUI

20 de agosto de 2017

Zona central de São Paulo

Eu me aposentei. Passei os últimos três anos da minha vida com problemas sem solução. Eu tinha que ficar bem, porque minha vida depende só de mim. Pedi para deus, devolve a minha vida. E aí, agora que me aposentei, vou fazer uma progressiva para ficar bom. Senão, é uma hora para esticar

o cabelo, colocar o bobs, esticar...

Estou me recompondo, juntando os pedaços, montando uma pessoa nova, com novas possibilidades. Consegui atravessar esse deserto e ter sonhos, a gente não pode deixar de sonhar.

A gente não valoriza isso, a idade que a gente tem que receber a sementinha é na infância, é de lá que a gente...

Eu tive sorte de ter uma mãe que não trabalhava. Era presente, cuidava da gente. É isso que a mulher perdeu, perdeu um espaço que era dela e deixou o filho com a televisão e a televisão só ensina coisa ruim para o filho.

Às vezes, eu penso que devia entrar para a política, eu ia tentar resgatar alguns valores, mas como me permito ser criança até hoje, ainda faço minhas travessuras.

As minhas sementinhas: a leitura, aprender a bordar, tricô, crochê, todas as paixões que eu trago comigo dessa fase dos oito anos, meu pai gostava de feiras de automóveis, ud

(utilidades domésticas).

As pessoas têm tanto acesso às informações, mas todo mundo só quer fazer picuinha. A gente perdeu muito, a gente precisa voltar a isso, na época que eu estudava na escola pública, tinha 3 bules de café, leite, macarrão. O maior roubo da vida das pessoas é isso, é o que tínhamos e não temos mais, foi tirado da gente.

SIMONE

11 de outubro de 2017

Zona central de São Paulo

Parecia que a boca ardia. O batom era rosa, mas ela não lembrava mais se o usava ou não. Estava borrado, na parte de cima da boca. Acima do lábio. Perguntou se podia me contar algo. Mas que a mãe não podia ouvir. De mamãe e filhinha. Era assunto delas, entre elas. A mãe com pressa. A mãe tinha pressa. Ela sabia que não havia de se demorar em me contar.

- eu só posso brincar com coisas de menina, isso me parece difícil. Alguns dias, à tarde, eu gosto de colocar uma roupa mais confortável para correr, para sentar sem fechar as pernas, para sei lá, ficar assim.

Minha mãe é religiosa e não me deixa pensar em meninos. (risos)
Podia contar isso aqui?

Zona central de São Paulo

19 de agosto de 2017

Importante: minha separação. Tem seis meses. Tenho vinte sete anos, muito, graças a deus, bem humorado. Gosto de conversar, acredito eu, que sou comunicativo. Sério isso.

(risos)

Gosto de perguntar, não gosto de dúvida. É impressionante como uma pergunta simples gera respostas. Não são as respostas que movem o mundo, mas as perguntas. "Esse cara sou eu". Isso vai ficar pendurado aqui?

Eu respondo: vai. (ele se refere a pendurar sua narrativa no varal onde exponho as conversas)

Então, detalhe: Solteiro.

Ai caramba, Nossa, que legal. Todo mundo tem uma história de vida, mas passar ela para o papel e a tinta, tem que muito rascunhar. Eu acho também que usa muito da auto observação. Para ficar boa. Nem todo mundo faz isso, o mundo seria melhor se todos se auto observassem.

Meu primeiro casamento, ela tinha 15 e eu 23 ou 24. Eu ralando e ela assistindo tv a cabo. Nunca vou esquecer, ela queria tv a cabo, eu dei né... Eu não vou reclamar muito disso, eu também gostava. Mas eu queria ter uma família. Eu quero ter minha filha, nem quero ter tanto uma mulher. É muito complicado mulher, eu não entendo não.

Zona central de São Paulo
20 de agosto de 2017

A história de super herói?

Eu me lembro como eu conheci ela.

A minha mãe foi na igreja e conheceu o José Lito, aí eu conheci ela e a avó dela também, daí a gente começou a ser amigas. Daí eu comecei a ir na casa dela e daí eles se casaram. A gente é muito amigas. Quando a minha madrinha fez um aninho a gente ganhou presente dela, e a gente brincou junto e aí a história acaba.

Era uma vez uma aranha que picou um homem e ele ganhou super poderes de soltar e escalar.

Kauany

Luana e Carlinhos

Vó Lúcia

Isabel

Salatiel

Era uma vez um menino que se chamava Ben e um relógio que o nome do relógio era omenetriquis e o Ben caiu num buraco e ele conseguiu o relógio e ele conseguiu virar super eroe.

27 de outubro de 2017

Zona leste de São Paulo

Dois. Sento e escrevo. Depois é a sua vez.

Certo.

Tirei a folha e não sei como colocar de volta. Acho que travei aqui, ó. Ah, deve ser isso, então. Nossa, nunca tinha escrito nisso, numa máquina dessas. Só tinha visto como exposição mesmo, sem funcionar.

Eu não, já tinha visto, mas não ao vivo.

Adorei isso.

Eu também.

Dá para escrever, mas imagina se erra?

Tem que começar tudo de novo?

É.

Posso?

Sua vez.

Zona Central de São Paulo

17 de janeiro de 2017

Oi gente.

Tudo bom?

O meu nome é Valentina.

Eu gosto de banana com chocolate.

A Valentina gosta também de banana com mel, pode ser a fruta com o mel em cima. Acho que só.

Eu não gosto de nenhuma coisa ruim.

A Valentina está de vestido colorido com saia rosa e meia calça rosa e tênis azul claro com cadarço branco. O vestido tem um cinto com pedras brilhantes, cinza e rosa. E também está com sombra rosa nos olhos.

Por que será?

Por que será?

Porque eu gosto de rosa.

O elástico do cabelo é azul esverdeado.

Aranha que rima com arranha.

Fada que rima com rainha.

Asas que rima com coroa.

Tom e Jerry

um gato e um rato

o nome do gato é Tom

e o nome do rato é Jerry.

O que que é isso?

Uma máquina de escrever antiga.

Ela é irmã de você?

Não.

Então por que ela está escrevendo o que você está dizendo?

VALENTINA

Zona Central de São Paulo

Qualquer história? Bom, tem uma que me aconteceu, não acabou, mas começou em dois de fevereiro de dois mil e dezesseis. Acontece que sou uma pessoa assombrada, às vezes, quando estou no ônibus, às vezes, quando estou em casa. Às vezes, quando estou fumando. Comecei a fazer terapia para ver se a assombração... Ela fala comigo. O que ela fala? Isso é um pouco pessoal. Ela diz que sou muito chato, diz que ninguém gosta de mim.

Então hoje resolvi contar uma história para a Tati, que deixou eu escrever em sua máquina agora. Mas voltando a assombração, talvez ela seja eu mesmo. E todos somos ASSOMBRADOS.

BENTO

20

de maio de 2017

Zona de sul de São Paulo

(escutando o começo de uma aula)

Foi assustador, tô falando sério. Cruel. Muito cruel. Acho um barato as pessoas usarem só dois dedos para bater. Eu vi sua cara com café, vi que tinha uma relação íntima. Quer escrever?

Não, só estou olhando se você está escrevendo de verdade. Meu pai tinha uma. Fico pensando nesses segredos que morrem com as pessoas. A cozinheira da minha avó não revela a receita da bala de côco. Fala para ela, você vai morrer e vai levar o segredo?

Não sei se você reparou, mas a Heleninha falou: nunca tivemos uma relação íntima - logo depois que você escreveu.

Vamos nos deslocando com tranquilidade...

Quase aconteceu um acidente, em cima da sua máquina.

Helena, como vai ser a aula?

Eu nunca fiz aula prática.

Peguem uma caneta, por favor.

Você foi lá na sala?

Fui. Achei.

Então, a ideia hoje, da gente assim, fazer um exercício agora, muito simples.

30 de março de 2018

Zona oeste de São Paulo

Ana Lúcia sou eu, lembrando nesse momento o meu tempo no curso de datilografia. Lembrança boa, no mesmo tempo que eu fazia datilografia, fazia também o curso de natação. Faz tempo, hein.

Amei.

Aliás, isso tem história, eu não gostava de Ana Lúcia, então, me apresentava como Lúcia. Aí decidi que não queria mais usar Lúcia, aí algumas pessoas me conheciam como Ana, e outras como Lúcia. E agora tem mais, eu decidi que não quero mais o Ana, quero Ana Lúcia, já que é composto. O meu nome tem origem, perguntei para a minha mãe, foi a sua tia que teve a ideia que foi um freira que salvou o país do comunismo. Aí eu viro historiadora e faço tcc sobre ditadura.

ANA

19 de maio de 2018

Zona central de São Paulo

Então eu vou contar uma história para você de quando eu conheci a minha namorada, ela tocava trompete na igreja, desde então coloquei o olho sobre ela, aí outro dia a gente se encontrou na escada rolante da Barra Funda. Ela falou: eu conheço você... da igreja... No outro dia a gente se encontrou sem querer no mesmo lugar e daí decidimos marcar um encontro.

Desde então eu vi que ela é a pessoa que eu sempre sonhei na minha vida, a pessoa que eu sempre pedi a Deus, ela é incrível. Em 20 de junho a gente completa dois anos que estamos juntos, futuramente a

gente pretende noivar, casar, se a gente construiu uma relação a gente quer se aprofundar e viver a npossa história juntos, de amor.

Naama, é o nome dela. É um nome bíblico, se eu não me engano está nns 5 ou 3 livros da bíblia, se não me engano no lucas, no livro de Mateus, e tem mais uns dois que não me lembro qual. A gente tem a mesma idade, a gente nasceu na mesma semana no mesmo ano.. É tudo planejado da forma que deus planeja. Ela estava tocando trompete na igreja, quando eu vi, eu já bati o olho e pensei que menina linda. A gente nunca tinha conversado, só trocado olhares.

Eu comprei um pirulito de coração para ela e dei no metrô e ela se manteve meio séria... Quando eu pedi ela em namoro, foi na estação também - sim, lá na Barra Funda, eu me ajoelhei com uma caixa de bombom. Quando eu vi que ela estava vindo na catraca de metrô, coração tremendo, eu não posso guardar esse amor no mundo. eu não quero simplesmente ficar com você, quero namorar como você, posso falar com seus pais. Quando eu ajoelhei, ela suave e disse que eu não precisava fazer isso, que ela não merecia... Eu apertava a mão dela forte ela a minha. Ela começou a chorar de emoção. No finald e semana fui falar com o pai dela. Foi tenso, meio tenso, minha primeira namorada, meu pai é bravo - ela falou para mim. Sentei para conversar com pai dela, nós almoçamos, depois de quatro horas de conversa ela falou para mim: e aí a gente já está namorando? Eu falei eu não sei, acho que sim, seu pai não falou nada. Só na hora de ir embora, eu perguntei para ela se ele estava de acordo, ele disse que sim e minha sogra também, aprovado.

Eu fiz o pedido da aliança, bati o olho e falei é essa. Quando cheguei na loja a vendedora me perguntou se eu queria ver outros modelos. Eu falei é esse aqui ue eu quero. Tamnho 16. Npo outro dia já tinha combinado de tomar um café com ela. Eu queria um buquê modleio eurpoeu, comprei um tecido de palha, cheguei na floricultura e disse que eu queria esse tecido para embalar, ela a vendedora quis me sugeirir plástico, eu disse não, estou pagando e quero o tecido. COmbinei 16 horas na Starbucks da apulista, vamos procura uma mesa na parte de cima. Deixei ela sentada na parte de cima e disse que ia buscar guadanapos e na verdade ia buscar o buquê de flores. Logo que dobrei

a escada, ela paralizou. Ela ficou sem ação e colocou a mão na boca e começou a chorar, se levantou e me deu um abraço.

JHOAN

Zona Central de São Paulo

20 de março de 2018
